

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO**

JOEL SANTANA DA GAMA

**A TRAJETÓRIA DE TARCÍSIO TABORDA E AS INFLUÊNCIAS DO
PENSAMENTO MUSEOLÓGICO SUL-RIOGRANDENSE**

Porto Alegre

2022

Joel Santana da Gama

A TRAJETÓRIA DE TARCÍSIO TABORDA E AS INFLUÊNCIAS DO PENSAMENTO
MUSEOLÓGICO SUL-RIOGRANDENSE

Dissertação de Mestrado apresentado
como requisito parcial para obtenção de
título de Mestre no Programa de Pós-
Graduação em Museologia e Patrimônio
da Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Regina
Bertotto

Porto Alegre

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor Carlos André Bulhões

Vice-Reitora Patrícia Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora Ana Maria Moura

Vice-Diretora Vera Regina Schmitz

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

Coordenadora Fernanda Albuquerque

Coordenadora Substituta Ana Carolina Gelmini de Faria

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

G184t Gama, Joel Santana da

A Trajetória de Tarcísio Taborda e as Influências do Pensamento Museológico
Sul-Riograndense. / Joel Santana da Gama - 2022

f.: il. collar

Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, 2022.

Orientadora: Márcia Regina Bertotto

1. Museologia – Encontros Sul-Riograndense de Museus – Homo Narrans – Bagé

CDU 069.01

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Rua Ramiro Barcelos, 2705, sl.203

Bairro Santana - Porto Alegre – RS

CEP: 90035007

Telefone: (51) 3308-2163

E-mail: ppgmuspa@ufrgs.br

JOEL SANTANA DA GAMA

**A TRAJETÓRIA DE TARCÍSIO TABORDA E AS INFLUÊNCIAS DO
PENSAMENTO MUSEOLÓGICO SUL-RIOGRANDENSE**

Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: _____ de _____ 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Márcia Regina Bertotto – Orientadora (UFRGS)

Profa. Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria (UFRGS)

Profa. Dra. Marcele Regina Nogueira Pereira (UNIR)

Profa. Dra. Noris Mara Pacheco Martins Leal (UFPEL)

In Memoriam

Dedico este trabalho à memória de meu pai, Arlindo Rodrigues da Gama, do qual a saudade completa já quase cinco anos; de minha colega de trabalho Liana Weber Cardoso, acometida por um mal súbito; da referência na arte e na cultura do querido Sérgio Mamberti; da professora Eloísa Capovilla da Luz Ramos, que esteve presente na minha qualificação e, ainda, a todas as pessoas que também foram vitimadas pela pandemia do coronavírus.

AGRADECIMENTOS

Ocupo muito de mim, com o meu desconhecer.
(BARROS, 2016, p. 21).

A construção desta dissertação foi novo desafio para mim, reconfigurar meu saber, que vem da História, num segundo mestrado, agora na área da Museologia e do Patrimônio, foi ocupar-me de um saber que estava próximo e presente no meu cotidiano, mas foi também e, ao mesmo tempo, desbravar uma teoria e exemplificações que nem sempre estão acessíveis. Mas a vida é assim, desafiar-se, como bem me ensinaram meu pai, Arlindo Rodrigues da Gama (*in memoriam*), e minha mãe, Maria Marli Santana da Gama, que me oportunizaram o dom da vida e o incentivo a aprender. Um construtor civil e uma dona de casa, um pequeno retrato de um país de trabalhadores, que com muito esmero, tenta edificar um lugar melhor aos seus filhos, o meu carinho mais que especial.

O trabalho foi desenvolvido por meio híbrido, presencial e remoto, e não fosse a presteza, a gentileza e sensibilidade da minha amiga e conselheira que me orgulha muito em ser minha orientadora, Profa. Dra. Márcia Regina Bertotto, talvez não chegasse neste resultado. Mesmo em cidades distantes, Márcia estava presente, nas mensagens, numa ligação, numa outra visita de orientação e em diversificados horários, numa verdadeira expressão do que é o papel de educador, apontar o caminho, mesmo para aqueles estudantes que como eu, atrasado corria atrás para concluir essa dissertação. Registro aqui, o meu muito obrigado!

Não foi nada fácil enfrentar o período deste mestrado, principalmente porque este desconhecer se materializou em forma de pandemia, e nos trouxe medo, tensão, pavor e algumas lágrimas pelas inúmeras perdas causadas pelo coronavírus. A partida da Professora e Historiadora Eloísa Capovilla da Luz Ramos, amiga querida e presente na minha banca de qualificação, referência de trabalho, de amor à pesquisa histórica e do ato de ensinar, foi uma perda enorme ao campo dos museus e da memória. Sua trajetória e memória não serão esquecidas e vamos, no próximo período, a partir da doação do acervo da sua família ao município de São Leopoldo, criar este lugar de memória que levará seu nome e seu amor por bem ensinar.

Outra perda repentina, ocasionada por um mal súbito, levou da convivência minha colega de trabalho Liana Weber Cardoso, da qual o sorriso e a gentileza eram características marcantes da sua figura, daquelas amigas que vibravam por cada conquista realizada, e deixa a certeza que a vida é partilha e troca, e que são essas as memórias que o coração guarda.

Entre dores e alegrias deste período, a trajetória cultural do historiador Tarcísio Taborda, foi algo instigante e permanente, enquanto a pandemia mantinha os espaços culturais fechados e sem acesso a nenhuma pesquisa, o esforço da filha Bartira Taborda em ceder alguns recortes de jornais, fotos e anotações do arquivo pessoal do seu pai, auxiliou demais na elaboração deste trabalho.

E, em setembro de 2020, quando o Museu Dom Diogo de Souza, guardião do acervo dos Encontros Sul-Riograndenses de Museus pode também ceder material para a pesquisa, por um esforço incansável da Maria Luiza Pêgas e da Carmem Barros, o trabalho tomou corpo e uma gama de informações muito importantes para referendar o papel dessa instituição museal e de Bagé, no cenário da Museologia do Rio Grande do Sul. Agradeço por demais a cordialidade e parceria.

E foram nesses questionamentos, que me socorri com apoio e estudos do Professor e Pesquisador Dr. Wagner Coriolano de Abreu, que me auxiliou na escrita, identificação e cunhagem do termo de *homo narrans* ao Tarcísio Taborda. Uma tarefa desconhecida, ir ao mundo das letras e configurar com a memória de um ser narrativo. Obrigado pelo apoio e incentivo.

Preciso agradecer a esta banca, composta por grandes pesquisadoras que são referências para a Museologia no país, e que se dispuseram dentre os seus muitos afazeres, a dedicar um tempo para ler este trabalho e acompanhar e qualificar este estudo. Nossa Magnífica Reitora Professora Dra. Marcele Regina Pereira Nogueira (UNIR), da Professora Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria (UFRGS) e agora do aceite da Professora Dra. Noris Mara Pacheco Martins Leal (UFPEL) da qual me acompanha desde o início de minha caminhada. Todas, amigas queridas, que são referências para mim e da qual me oriento muito observando suas trajetórias, trabalhos e posições para construir o meu entendimento. Grato por esta orientação desde sempre!

O desconhecer também é afeito a boas surpresas e, numa dessas, eu encontrei minha amada Historiadora e Museóloga Franciele Roveda Maffi, do Museu das Irmãs Franciscanas em Santa Maria, e que tem sido minha companheira e

incentivadora na conclusão e no fechamento deste trabalho. A ti, espero passar a vida ao teu lado, partilhar boas histórias e memórias de um futuro bom, como diz a canção.

Por fim, um trabalho deste quando realizado, e com as dificuldades impostas e que sobrecarregam a disponibilidade de tempo, é necessário e imperante agradecer também as equipes da qual eu tenho o compromisso de coordenar seus trabalhos, mas que na verdade, foram eles quem foram suportes e supriram em algumas vezes minha ausência, para que eu conseguisse cumprir minhas tarefas acadêmicas. Obrigado as equipes da Coordenação de Patrimônio Cultural de São Leopoldo, do Sistema Integrado Municipal de Museus e Espaços de Memória (SIMMEM), do Museu do Trem e do Instituto Estadual de Educação Professor Pedro Schneider.

Professores do PPGMUSPA, amigos, colegas, conhecidos e tanta gente que entrecruzamos caminhos nesse desconhecer da vida, de variadas camadas de tempos, e de sonhos e de lutas frente a pós-verdade, o negacionismo, o obscurantismo e todas as formas que pensamento que retrocedem a ciência. A vida na pandemia tomou outra dimensão frente a ditadura do relógio e a imposição dos mercados, e é só com conhecimento e muita resistência que vamos conseguir sair do caos em que nos encontramos. Que a gente se liberte e se descubra nesse desconhecer da vida.

Muito obrigado a tod@S!

Um visitante, quando chega a um lugar é, acima de tudo um observador e ao exercer esta atividade, o faz usando sua bagagem cultural, sua compreensão de mundo.

(Eloísa Capovilla da Luz Ramos, 2012, p. 245).

RESUMO

A dissertação visa apresentar a trajetória cultural do historiador bageense Tarcísio Taborda como um expoente da Museologia regional, perpassando seu caminho como o homem e a sua narrativa, a sua cidade de Bagé e o relato de sua pesquisa. Apresenta a figura de gestor, com o destaque aos Museus Dom Diogo de Souza e da Gravura Brasileira, criados por ele; a sua relação com diversos intelectuais do campo da Museologia, da Educação e da História, incluindo a atuação da sua companheira Neusa Vaz Silveira. Desenvolve-se a partir de pesquisa em fontes primárias sobre a trajetória de Taborda, constantes de arquivos pessoais e institucionais, bem como de pesquisa bibliográfica e de sua produção. Parte dos referenciais de homo-narrans, de políticas públicas e da Museologia enquanto disciplina, apresentadas a partir da construção do campo museal e das relações e diálogos com profissionais atuantes no cenário nacional e internacional. Em seu recorte temporal (1975-1991) destaca a organização e efetivação dos Encontros Sul-riograndenses de Museus, a formação do Conselho Regional de Museologia do Rio Grande do Sul, culminando na formação do Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul e na indicação de uma política museológica para o estado. Como resultados, a investigação aponta a importância das ações de Tarcísio Taborda para a consolidação de uma política museológica gaúcha e observa que há estudos a serem efetivados para a construção da história da Museologia no Rio Grande do Sul, a partir da busca por arquivos ainda inexplorados que trarão problematizações e contribuições fundamentais.

Palavras-chave: Bagé. Encontro Sul-Riograndense de Museus. Homo Narrans, Museologia Sul Riograndense, Políticas Públicas. Tarcísio Taborda.

ABSTRACT

The dissertation aims to present the cultural trajectory of the Bagé historian Tarcísio Tabora as an exponent of regional Museology, traversing his path as man and his narrative, his city of Bagé and the report of his research. He presents the figure of a manager, with emphasis on the Dom Diogo de Souza and Brazilian Gravura Museums, created by him; his relationship with various intellectuals in the field of Museology, Education and History, including the performance of his partner Neusa Vaz Silveira. It is developed from research in primary sources about Tabora's trajectory, contained in personal and institutional archives, as well as bibliographical research and its production. It starts from the references of homo-narrans, public policies and Museology as a discipline, presented from the construction of the museum field and the relationships and dialogues with professionals working in the national and international scenario. In its time frame (1975-1991) it highlights the organization and implementation of the Sul-riograndense Museum Meetings, the formation of the Regional Council of Rio Grande do Sul, culminating in the formation of the State System of Museums of Rio Grande do Sul and in indication of a museological policy for the state. As a result, the investigation points out the importance of Tarcísio Tabora's actions for the consolidation of a Rio Grande do Sul museological policy and observes that there are studies to be carried out for the construction of the history of Museology in Rio Grande do Sul, based on the search for unexplored archives that will bring fundamental questions and contributions.

KEY-WORDS: Bagé. Sul-Riograndense Meeting of Museums. Homo Narrans. Public Policy. Tarcísio Tabora.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diário do Tarcísio Taborda.....	51
Figura 2 - Museu Dom Diogo de Souza - Bagé/RS.....	56
Figura 3 - Museu da Gravura Brasileira - Bagé/RS.....	64
Figura 4 - Esquema Museu de História.....	72
Figura 5 - Ficha de inscrição prévia de Rússio Guarnieri no III Encontro Sul-Riograndense de Museus.....	76
Figura 6 - Diário de Taborda (I).....	87
Figura 7 - Carimbo Obliterador do I Encontro Sul Rio-Grandense de Museus.....	89
Figura 8 - Capa do Encarte do I Encontro Sul Rio-Grandense de Museus.....	91
Figura 9 - Folder do II Encontro Sul-Riograndense de Museus.....	94
Figura 10 - Folder do III Encontro Sul-Riograndense de Museus.....	98
Figura 11 - Folder do IV Encontro Sul-Riograndense de Museus.....	100
Figura 12 - Folder do I Fórum Estadual de Museus do Rio Grande do Sul.....	107
Figura 13 - Livro N° 1 - Termo de Abertura do COREM/RS.....	108
Figura 14 - Livro N° 1 - Ata de Instalação do Conselho Regional de Museologia ...	110

LISTA DE ABREVIATURAS

AAMB	Associação de Amigos dos Museus de Bagé
ABM	Associação Brasileira de Museologistas
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
ASSPAM	Associação Paulista de Museólogos
ATM	Associação dos Trabalhadores em Museus
CEM/RS	Coordenação Estadual de Museus do Rio Grande do Sul
CNRC	Centro Nacional de Referência Cultural
COREM/RS	Conselho Regional de Museologia do Rio Grande do Sul

CTG	Centro de Tradições Gaúchas
EBCT	Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos
FAT	Fundação Áttila Taborda
FESP	Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
FIFIERJ	Federação das Faculdades Isoladas do Estado do Rio de Janeiro
FUNARJ	Fundação Nacional de Artes do Estado do Rio de Janeiro
FUnBA	Faculdades Unidas de Bagé
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOFOM	Comitê Internacional de Museologia do Comitê Internacional de Museus
ICOM	Comitê Internacional de Museus
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MHN	Museu Histórico Nacional
MINOM	Movimento da Nova Museologia
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PSD	Partido Social Democrático
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SEM/RS	Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	UFRGS
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura
UNIJUÍ	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
URCAMP	Universidade Regional da Campanha
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 O HOMEM E SUA NARRATIVA.....	24
2.1 Igba-jée, Iabajé, Ibagé, Bayé, Bajé e Bagé – todas elas narradas por Taborda	34
2.2 A Pesquisa de Taborda.....	39
2.3 Cenário Museal internacional e brasileiro.....	41
3 A FIGURA DO GESTOR.....	49
3.1 Museus para preservar locais e memórias	53
3.1.1 Museu Dom Diogo de Souza.....	55
3.1.2 Museu da Gravura Brasileira.....	57
3.2 Os encontros de Taborda	65
3.2.1 Taborda e Aloísio Magalhães.....	67
3.2.2 Taborda e Fernanda Camargo Almeida Moro	70
3.2.3 Taborda e Waldisa Rússio Guarnieri.....	74
3.3 Neusa: companheira de vida e de Museologia	79
4 POLÍTICAS PÚBLICAS E A CONSTRUÇÃO DO SETOR MUSEAL NO RIO GRANDE DO SUL – OS ENCONTROS SUL-RIOGRANDENSES DE MUSEUS	81
4.1 Museologia: como disciplina	84
4.2 Encontros Sul-Riograndenses de Museus.....	87
4.2.1 I Encontro Sul-Riograndense de Museus (1975).....	88
4.2.2 II Encontro Sul-Riograndense de Museus (1977).....	93
4.2.3 III Encontro Sul-Riograndense de Museus (1982).....	97
4.2.4 IV Encontro Sul-Riograndense de Museus (1984)	100
4.2.5 V Encontro Sul-Riograndense de Museus (1987)	104
4.3 Conselho Regional de Museologia – 3ª Região: As Atas do Registro.....	107
4.4 Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul: um sistema para conectar pessoas e museus.....	115
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	120

REFERÊNCIAS.....	124
APÊNDICE A - A CRONOLOGIA DE TABORDA	136
ANEXO A - QUADRO COM LISTAGENS DE MUSEUS	143

1 INTRODUÇÃO

A Museologia enquanto ciência e área de conhecimento é, ainda, objeto de diversas discussões e análises a respeito da sua historicidade, dos caminhos que percorreu a forjar-se como campo, integrando trabalhadores e espaços de memória num compromisso de salvaguardar o patrimônio cultural como um legado para a sociedade. Assim, a partir desta busca por discursos polifônicos na Museologia, pretende-se delimitar e absorver os conceitos de cultura, memória, museologia, museus, gestão e políticas públicas, oriundos destas reflexões oportunizando um conhecimento sobre os contextos sócio-históricos regionais, para que haja uma perspectiva sobre uma cronologia dos fatos, mas também uma interpretação de como estas ideias incidiram sobre as práticas das gestões nas instituições e, por conseguinte, na formulação do próprio campo.

Com base nestes entendimentos da pesquisa, cabe ressaltar que a temática a ser explorada são as Influências do Pensamento Museológico no Rio Grande do Sul, buscando-se contribuir para com a conformação da história da Museologia e para a consolidação de políticas públicas no Estado. A partir da narrativa do gaúcho, nascido em Bagé, Tarcísio Antonio Costa Taborda (jurista, historiador e museólogo provisionado) que perpassa o seu papel nos museus¹, na relação com a educação, na gestão destes espaços culturais e nas proposições para a formulação de políticas públicas², indicamos uma ação caracterizada numa tridimensionalidade da sua atuação entre educação, gestão e políticas públicas que gera influências para a constituição deste campo museal regional. Para Burke “O conceito de ‘campo’ (*champ*) – literário, linguístico, artístico intelectual ou científico – refere-se a um domínio autônomo que, em dado momento, atinge a independência em uma determinada cultura e produz as próprias convenções culturais”. (BURKE, 2008, p. 76).

Parafraseando a obra de Mário Chagas (2009) ao versar sobre “*A Imaginação Museal: Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy*”

¹ Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, e adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe, com finalidade de estudo, educação e lazer, os testemunhos do Homem e seu meio ambiente. (ICOM, 2015, n/p).

² As políticas públicas dão substrato democrático para a viabilização de políticas de Estado, que transcendendo governos, possam viabilizar políticas nacionais mais permanentes. (RUBIM, 2013, p. 41).

Ribeiro” propõe-se uma versão regional sobre as influências do pensamento museológico sul-riograndense a partir de um homo-narrans³, o historiador Tarcísio Taborda, que “[...] é filho de suas obras, ele só existe para outrem e graças à coletividade a qual ele pertence, que o ajuda a construir sua personalidade, seus valores [...] um sujeito que conta histórias a um certo auditório” (CHACON; RODRIGUÊS, 2022), e de uma análise da constituição do campo museológico no Estado do Rio Grande do Sul⁴. Ao citar “imaginação museal”, Mário Chagas traz a partir da análise do pensamento destes três intelectuais, uma reflexão sobre suas atuações, ao qual define “[...] a intenção de sublinhar alguns vínculos, ainda não inteiramente explorados, entre a produção museológica e o chamado pensamento social brasileiro”. (CHAGAS, 2009, p. 27).

Optamos, dentre tantos contatos e diálogos com profissionais realizados por Taborda, em fazer paralelos destas relações que ele estabeleceu com alguns intelectuais atuantes no campo da Museologia e da cultura, como: Aloísio Magalhães e Fernanda Camargo Almeida Moro, e um comparativo específico de atuação entre Taborda e Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (socióloga e museóloga atuante em São Paulo), apresentando uma leitura e interpretação sobre os seus objetos de pesquisas, seus entendimentos, seus métodos, terminologias e os sistemas aos quais aplica para a compreensão do campo museológico.

“[...] vislumbra-se na atualidade um momento ímpar para a difusão da Museologia enquanto campo e, especialmente, para a profissionalização dos museus no sentido de buscar uma aproximação par e passo com o que está sendo produzido na área entendendo que a qualificação institucional passa por uma atualização teórica, metodológica, avaliação e planejamento. Parece óbvio, mas não o é o que praticavam antes muitos museus, onde os complexos processos de musealização, métodos curatoriais e cadeia operatória museológica propostos hoje eram reduzidos a cuidar, arrumar e manter aberto um espaço que abriga uma coleção”. (CÂNDIDO, 2013, p. 36).

³ O escritor Luiz Antônio de Assis Brasil tem na construção da sua literatura a figura do homo-narrans, o homem que narra. (ASSIS BRASIL, 2019).

⁴ Historicamente a constituição do Estado, perpassa um processo de invasão e povoamento de portugueses e espanhóis, pela divisão de terras e por muitos conflitos militares. Enquanto colônia, foi alvo de expedições e extrações de toda ordem, no qual é relatada por muitas narrativas de viajantes europeus. Quando Império, a instalação da corte trouxe instituições de arte e educação, dentre elas, o Museu Real em 1808, no qual abarcou uma apresentação de um modelo “civilizado” para todo o país. Veio, posteriormente, a instalação da República com ideais Iluministas e de ordem Positivista com foco no progresso, o cientificismo e a glória do passado, passam a ser elementos formadores da valorização das características regionais e de identidade político-sociais.

Da mesma forma, acontece no campo da história e na construção da memória regional, seja ela de cidades, fatos ou de vultos, com a guarda e preservação de inúmeros objetos, documentos e vestígios do passado, identificamos a partir dos ambientes de observação, proteção de acervos e exposição que remetem à construção de narrativas e discursos nestes locais de memória e a indivisível missão de escolher quais memórias seriam desveladas ou esquecidas. Halbwachs indica: “A memória apóia-se sobre o ‘passado vivido’, o qual permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que sobre o “passado apreendido pela história escrita”. (HALBWACKS, 2004, p. 75). É intenção desta pesquisa, apresentar a contribuição que Taborda dá para a Museologia ao forjar a História Regional do Sul do Brasil, a partir de sua terra natal, Bagé e da trama de lugares e espaços por onde ele se ocupou, trabalhou e viveu.

Como demonstram as pesquisas sobre políticas públicas no setor museal, apresentamos: as teses defendidas na Unirio, De João a Luiz: 200 Anos de Política Museal no Brasil por José do Nascimento Júnior, em 2019 e Waldisa Rússio e a Política do Campo Museológico, por Inês Cardoso Gouveia, em 2018; e as dissertações: Políticas Públicas Para Museus Brasileiros: Gestão e Sustentabilidade, por Danielly Dias Sandy, em 2017 (UFBA), As Instâncias da Gestão de Museus Vinculadas ao Governo da Bahia: Uma Análise das Políticas e das Ações Socioculturais e Educativas de 1967-2013, por Maria de Fátima dos Santos, em 2015 (UFBA); Memória da Associação Brasileira de Museologia (1963-1985) Contribuições Para a Institucionalização de um Campo de Atuação Profissional, por Natália Figueirêdo Biserra, em 2018 (Unirio); Do Museu à Museologia: Constituição e Consolidação de uma Disciplina, por Luciana Menezes de Carvalho, em 2008 (Unirio); O Curso de Museus – MHN, 1932-1978 o Perfil Acadêmico-profissional, por Graciele Karine Siqueira, em 2009 (Unirio) e Por uma “Museologia da Libertação”: Impactos do Pensamento de Hugues de Varine no Campo Museal Brasileiro, por Roberto Fernandes dos Santos Júnior, em 2019 (UFBA).

A investigação irá se caracterizar na medida da identificação da problemática de que existiram profissionais no Rio Grande do Sul que militaram no campo da Museologia na segunda metade do Século XX. Como abordava Rússio: “A Museologia é a ciência do Museu e das suas relações com a sociedade; é, também,

a ciência que estuda a relação entre o Homem e o Objeto, ou o Artefato, tendo o Museu como cenário desse relacionamento”. (RÚSSIO apud BRUNO, 2010, p. 78).

Sendo assim, buscamos responder, a partir da investigação, às seguintes questões: De que forma se organizou o campo da Museologia no Rio Grande do Sul e qual a influência da sua articulação e do pensamento do profissional Taborda para a conformação deste campo? Como os Encontros Sul-riograndenses de Museus foram importantes para construir uma política museológica no Estado do Rio Grande do Sul?

O objetivo geral da pesquisa é analisar a contribuição de Taborda para a organização do campo museológico no Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1975 a 1991, com ênfase na realização dos Encontros Sul-Riograndenses de Museus. Como objetivos específicos, destacamos: sistematizar uma biografia/trajetória de Taborda, com enfoque no âmbito cultural; observar a atuação de Taborda nas dimensões da educação, gestão e políticas públicas; identificar como se deu a interação de conhecimentos em Museologia, a partir da aproximação e atuação de Taborda com o pensamento de intelectuais da época; observar como se constituiu o campo museológico no Estado, a partir da descrição da organização dos Encontros Sul-Riograndenses de Museus e da Coordenadoria Estadual de Museus do Rio Grande do Sul, germe do Sistema Estadual de Museus.

A pesquisa precípua algumas categorias de investigações: como a análise documental, os manuscritos e referenciais bibliográficos. Nesta perspectiva as fontes foram fator determinante para o desenvolvimento de uma cadeia de pensamentos que conecta fatos, formas, datas e debates, traçando um desenho sobre a realidade à época. As fontes utilizadas são primárias (documentos manuscritos e datilografados, impressos e jornais) e secundárias (referências bibliográficas).

Todavia, frente a pandemia do novo coronavírus que assolou o mundo, a partir de 2019, e impossibilitou que a vida circulasse livremente por entre as cidades, os espaços culturais e museus foram as primeiras instituições a fechar e as últimas a retomarem suas atividades. Tudo isto porque a relação de atuação dos museus está intimamente ligada a reunião de públicos cujo contato poderia ser fator de transmissão do vírus, o que impossibilitou o acesso ao Museu Dom Diogo de Souza, que somente reabriu ao público em setembro de 2020. Da mesma forma, o acesso

restrito aos arquivos do Conselho Regional de Museologia - 3ª Região, bem como do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, que também tiveram documentos consultados.

Estes fatores restringiram muito o tempo e o caminho da pesquisa, incidindo sobre o recorte do trabalho e, impondo barreiras e coleta de dados em outras possibilidades, como foi o acesso e encontro com o arquivo pessoal de Taborda, a partir do contato com sua filha Bartira Taborda, que prontamente cedeu material para a realização do início desta pesquisa.

Da mesma forma, o Museu Dom Diogo de Souza em Bagé, que é o principal guardião do acervo dos Encontros Sul-Riograndenses de Museus, ocorridos naquela cidade, nos permitiu acesso ao compêndio de materiais referentes ao evento, dentre eles, os manuscritos (anotações de Taborda, folhas datilografadas, correspondências oficiais, reportagens de jornais, resumos de pesquisadores, listagens de museus, listagens de participantes de eventos, formulários, dentre outros), possibilitando que, a partir destas fontes que nunca antes foram pesquisadas, pudessem ser auferidas e comprovadas informações que referendam esta dissertação.

Por esta abordagem de uma aplicabilidade da pesquisa, define-se sua natureza qualitativa, trazendo num primeiro momento a descrição de trajetórias e fatos, analisando suas relações de contextos e produção específica de conhecimentos sobre o setor, perpassando uma breve comparação de fenômenos⁵ que incidem nas formas de atuação, de suas concepções e realizações entre os pares profissionais e para a formação do campo dos museus. Observamos, assim, que: “A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. [...] O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave”. (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p. 26).

No âmbito da análise documental, a busca dos registros dos Encontros Rio-Grandenses de Museus e documentos sem nenhum tratamento analítico pertencentes ao arquivo pessoal de Taborda e aos arquivos do Museu Dom Diogo de Souza, para que evidenciem o trabalho e a trajetória dele, são elementos

⁵ Fenomênica: prevê a coleta de dados a partir de interações sociais e sua análise a partir da hermenêutica do pesquisador. (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p. 26).

fundantes para a construção dessa dissertação, na medida em que trazem dados para observarmos os conceitos de poder, campo, memórias e políticas públicas.

Não podia deixar de me preocupar com os críticos que afirmavam, numa direção inteiramente oposta, não se poder confiar na memória, pois a cada momento as pessoas narram as mesmas lembranças de forma inteiramente diversa. Nesse período, a difícil leitura de Henri Bergson foi muito proveitosa e ajudou a pensar, por meio do seu famoso cone, uma resposta a esses críticos. Afinal, segundo Bergson, jamais retornamos à memória original. Toda memória seria sempre memória da memória, haja vista que ela se interliga de maneira inseparável às impressões apreendidas pela percepção a qual nos mantém em contato com o mundo ao nosso redor. E esta, em seu devir infundável, estaria permanentemente apresentando novos acontecimentos, novas situações, novas experiências e, por extensão, outras formas de analisar e refletir acerca do que nomeamos por real. (MONTENEGRO, 2012, p. 46).

E, não obstante, os referenciais bibliográficos serão outra fonte para revisar e a pensar novos entendimentos a esta pesquisa na tratativa de desenvolvimento do tema, levantamento e confirmação de dados, para aproximar e aprimorar a compreensão de conceitos e conhecimentos. Sendo também elemento integrador para um estudo sobre o contexto das discussões relativas a museus e as políticas públicas.

Contextos estes que abordarão o cenário nacional e o internacional da Museologia, sendo ela ciência, seja ela construção de campo, e que no aprofundamento e detalhamentos das ações de Taborda apresentarão novas perspectivas que, a partir da sua presença articuladora e sua influência interagem diretamente para as políticas públicas do setor.

A pesquisa busca abarcar a contribuição do historiador bageense, justificando-se como um momento muito importante de transição de regime no país, entre a ditadura militar para o período de abertura democrática, o surgimento de novas concepções de museologia e museus, a reorganização do setor e a proposição muito significativa e importante de debates no interior do Rio Grande do Sul.

Tal tema me tomou de assalto, a partir do recebimento de uma correspondência à época em que eu coordenava o Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul (2012-2014), na qual uma carta convite remetida pelo Museu Dom Diogo de Souza para uma celebração de 25 anos de partida de Tarcísio

Taborda, a ser realizada na instituição. Essa instigação, me fez querer pesquisar a figura e escrevi um breve artigo ao Jornal Sul 21 naquele momento, e percebi analogias das quais me identifico, como por ser do interior do Estado, agente político, gestor público e pensar nos pequenos e médios museus, me levaram a investir nesta pesquisa.

Que para além disso, tem uma tridimensionalidade em sua ação que permite fazer correlações com outros intelectuais. Nesse perfil mais político e articulador de políticas públicas, Taborda e Aloísio Magalhães terão iniciativas que fortalecem o setor do Patrimônio Cultural, no âmbito da formação do campo museológico e abrangência nacional, Taborda e Fernanda Moro, a partir do contato do Comitê Internacional de Museus/Brasil vão possibilitar e ser facilitadores na organização dos Encontros Sul-Riograndenses de Museus, e por meio do compromisso com a formação profissional e o fazer museal dos pequenos e médios, essa aproximação com Waldisa Rússio Guarnieri, buscando entender essa tridimensionalidade, baseada na educação, gestão e políticas públicas.

Ademais, para além de documentos não pesquisados pelo campo da Museologia, esta forma de compreender este saber-fazer, essas influências que forjaram novas formas para pensar os museus e suas representações, irão incidir em novas pesquisas, em descortinar novos personagens, homens e mulheres, que pensaram e planejaram um setor em meio a uma série de contextos que ainda carecem de ser investigados.

Assim, a dissertação está organizada em cinco partes. Na introdução, estão descritos os objetivos, o problema, a metodologia e os principais referências e autores. Buscando compreender as inúmeras influências que Taborda traz à Museologia, iniciamos o segundo capítulo refletindo sobre como o homem constrói sua narrativa e ao mesmo tempo, narra-se nela, passando por descrever as muitas versões da cidade de Bagé e que ele contempla, por meio de uma pesquisa que sistematiza a forma como vê e entende a história. No terceiro capítulo, vamos abordar a figura do gestor; que organizou, como Curador de Museus, duas importantes instituições museológicas, promovendo uma ação articuladora entre encontros com diversos intelectuais da área e sempre tendo ombreado o trabalho e a vida com sua companheira Neusa Vaz Silveira. No quarto capítulo, as políticas

públicas e a construção do setor museal no Rio Grande do Sul, são apresentadas por meio de estratégias e encaminhamentos de como a Museologia foi tomando forma, a partir da formalização de processos e ações que desencadeiam essa constituição como: a museologia entendida como disciplina, a formação dos Encontros Sul-Riograndenses de Museus, a organização do Conselho Regional de Museologia – 3ª Região e as tratativas para a criação do Sistema Estadual de Museus, como ferramentas fundamentais visando o fortalecimento do campo museal. Nas considerações finais tecemos um balanço da pesquisa e suas possibilidades futuras.

2 O HOMEM E SUA NARRATIVA

Ao pensarmos como introduzir o assunto sobre a importância do homem Taborda, buscamos compreender a sua figura enquanto intelectual que se forja na sua terra, a Bagé dele, e a sua forma de pesquisar. Nesta perspectiva, emerge em suas narrativas a construção de uma história/memória que se entrelaça à sua trajetória cultural, constituindo-se de fatos e lendas, de espaços e tempos que formam camadas de entendimento e de conhecimento.

O educador Paulo Freire disse: “O homem como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz o seu saber”. (FREIRE, 1981, p. 47). É nesse conhecimento em constante mutação e transformação, que um indivíduo se predispõe a observar, registrar e a narrar todo o arcabouço de vivências do qual consegue compreender. Não obstante, aperceber-se também da sua relação com o lugar, dos assuntos de determinado tema, do exame de determinado fato, e da análise de um dado, tudo isto que comprova sua historicidade.

Aqui cito narrar como um encontro mesmo, uma boa conversa, um papo, um dizer, uma citação, uma escrita, um bilhete, ou como se conta para alguém alguma história, que já pode ter sido fato ou lenda, mas que já ganhou contornos em sua narrativa, pois quem conta já lhes atribuiu sentido para poder ser descrita a outro outrem.

Assim, é nesse movimento de procura que se encontra algo, e algo que pode trazer respostas ou mais indagações, que vai forjando nesse indivíduo o sentimento de buscar, vasculhar e questionar-se sobre o seu ser e o seu fazer, aguçando a sua curiosidade, correlacionando datas, objetos, personagens e momentos, acumulando experiências e vivências e formulando suas pesquisas e estudos. Desta forma, o seu entendimento de mundo, e por conseguinte, a percepção de sua atuação nele.

Entendimentos que precisam ser comunicados através da enunciação de histórias, constituindo narrativas que através de personagens, tempos, espaços e conflitos vão interpretando uma realidade e transferindo informações através de uma racionalidade que busca externalizar de maneira descritiva ou didática, aspectos gerais de determinado fato, de maneira lógica e racionalizada.

Desta maneira, a construção social da narrativa ocorre a partir de uma nova atribuição de sentidos sobre sua história, do fluxo natural da vida, da experiência

recodificada como trajetória, numa elaboração de pensamentos sobre um objeto por um outro ponto de vista intencional e racional, admitindo que o papel da socialização é deveras importante para a relação destas compreensões que formam a abordagem de como esta será narrada, buscando uma verossimilhança do real.

De acordo com as formulações teóricas de François Dosse, quando examina a relação entre a trajetória e a biografia, “a identidade biográfica não é mais considerada como congelada do jeito de uma estátua, mas sempre sujeita a mutações”. (DOSSE, 2020, p. 8). Essa mutação anunciada pelo historiador francês se refere à possibilidade de sair do esquema biográfico tradicional, quando procedemos a uma investida analítica, trazendo para os vazios da síntese biográfica os rastros que ficaram de fora e muitas vezes esquecidos, em documentos auxiliares de memória.

O problema de pensar a identidade pessoal leva o pesquisador ao recurso da narração, numa tentativa de reconfigurar a síntese biográfica presente em verbetes e notícias sintetizadas e esquematizadas nas páginas de boletins e sites informativos da rede digital.

Sem o recurso da narração, o problema da identidade pessoal é, de fato, fadado a uma antinomia sem solução: ou então coloca-se um sujeito idêntico a ele mesmo na diversidade dos seus estados, ou se tem, seguindo Hume e Nietzsche, que o sujeito idêntico é apenas uma ilusão substancialista, cuja eliminação faz aparecer tão-somente um puro diverso de cognições, emoções e volições. (RICOEUR, 2010, p. 418).

Os sites do Museu Dom Diogo de Souza e do Colégio Brasileiro de Genealogia, entre outros, apresentam um esquema da trajetória de Taborda, material que ilustra a ideia de um retrato congelado como modelo a ser problematizado. De acordo com Dosse, “o gênero biográfico encarnou diferentes requisitos, conforme os momentos históricos”. (DOSSE, 2020, p. 7). Nesse sentido, se faz necessária a crítica proposta pelo pesquisador francês, ao reconstituir a mutação da biografia através do tempo, apontando caminho para se superar a história magistral que marca a escrita da trajetória, a fim de propor a biografia numa perspectiva plural. As trajetórias de Taborda, em tela, estão calcadas numa ideia de retratar a sua vida exemplar.

Nada encontramos nas trajetórias de Taborda e pouco descobrimos em suas crônicas acerca da vida (ver APÊNDICE A) como um cidadão comum, que pudesse circular, por exemplo, no mercado de verduras, na padaria, na banca de jornais ou até na missa de domingo. A pessoa do homem bageense mais comum, está apagada por detrás de seu personagem, seguindo essas trajetórias oficiais. Nesse sentido, as trajetórias reafirmam que ele representou uma inspiração para seus leitores, por seu caráter exemplar, erigido como modelo, o que nos chegou através desses textos, as crônicas publicadas em jornais e reunidas no livro *Bagé de Ontem e de Hoje: Coletânea de Artigos Publicados na Imprensa (1939/1994)*, como um regime de mesmice. Mas também como uma síntese de homem público à época, que não expõe seus problemas e conflitos.

Contudo, sua memória não estava vinculada a uma sacralização de sua identidade, e sim numa referência de trabalho em prol da pesquisa da história local, assentada numa perspectiva de relação com a educação e os museus. E nem era esse o objetivo quando ele se narra, e sim exemplificar uma situação ou período para determinada contextualização.

O pesquisador francês observa que, a partir dos anos 1970, o modelo da biografia exemplar tem sido repensado numa perspectiva plural, reconhecendo como pressupostos as tensões contraditórias de uma identidade. De modo que, a busca identitária não desapareceu, mas se abriu como um leque de possibilidades, tornando-se o que Barthes designou como biografemas.

Se eu fosse escritor e morto, como eu gostaria que minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amistoso e desenvolvido, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: 'biografemas', cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, como átomos epicuristas, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão. (BARTHES, 1990, p. 14).

As trajetórias de Taborda, ao serem examinadas com atenção, revelam um modelo de ligação entre vida e obra, cujas raízes remontam ao século XIX, de modo específico à ideia de retrato psicológico desenvolvida por Saint-Beuve (1862). Baseado em Plutarco, o crítico francês se alinha ao modelo antigo, ao afirmar que manterá “um relacionamento com esses personagens, vamos querer deles pensamentos que elevam, vamos admirá-los pelo que eles foram de heroicos e de desinteressados, como esses grandes caracteres de Plutarco”. (SAINT-BEUVE,

1862 apud DOSSE, 2020, p. 9). A permanência desse modelo do passado, na notícia biográfica do historiador, se presta a uma função pedagógica de instrumento de edificação, suscitando identificação e contribuindo para organizar um consenso republicano. Essas trajetórias apresentam um indivíduo já dotado de todas as qualidades requisitadas para se tornar o *homo narrans*, vivendo para realizar um destino que o espera. “Ao paradigma da identidade como árvore enraizada e imutável, progressão programada e contínua, dando sempre os mesmos frutos, Deleuze e Guattari opõem o paradigma do rizoma, aquele dos bulbos, dos tubérculos cuja progressão é imprevisível e horizontal”. (DOSSE, 2020, p. 12).

Relendo as trajetórias pelo crivo da teoria da “identidade narrativa” (RICOEUR, 2010), verificamos que apenas parcialmente o historiador de Bagé pode se enquadrar nos pressupostos da noção de *homo narrans*. Taborda compreende a realidade através de estruturas narrativas consecutivas, onde se inscrevem conflitos entre personagens, assinalando que a realidade se revela na forma de história. De acordo com Walter Fisher, cinco pontos demarcam a presença da categoria *homo narrans* na escrita contemporânea: 1) as pessoas são contadoras de histórias por natureza; 2) os bons motivos estão na base das decisões; 3) a nossa história, família, cultura e personalidade determinam aquilo que consideramos o bom motivo; 4) a identidade narrativa se faz pela coerência e fidelidade a nossas histórias; 5) o mundo e a vida são um conjunto de histórias que dão base a nossas decisões e recriações.

O que se destaca desses elementos que compõem a categoria *homo narrans*, na acepção de Walter Fisher, são os bons motivos, a coerência e a fidelidade das histórias do contador de histórias. Se os bons motivos garantem “a aceitação e adesão a qualquer forma de comunicação para que seja passível de ser considerada retórica” (GIL, 2014, p. 12), a coerência garante a clareza dos fatos e as interpretações plausíveis, revelando a consistência das personagens, e a fidelidade torna a história relevante para os valores e ideal de conduta. De acordo com a ideia de narração de Fisher, Taborda realiza uma ação simbólica que tem sequência e significado para os que interpretam a História.

A matéria da crônica de Taborda se encontra nos livros de História, nos jornais da época, nas memórias familiares e em documentos de arquivo pessoal

(como cartas, correspondências oficiais, contratos etc.), conjunto de ações simbólicas (palavras e ou tarefas) com que trabalha a interpretação. Nas instituições de memória, boa parte do material que subsidia esse trabalho está depositada em seus acervos.

Dada a compilação das crônicas jornalísticas de Taborda, em *Bagé de ontem e de hoje* (TABORDA, 2015), em ordem cronológica, possibilita a procura e recolha de informações esparsas, visando expandir com excertos e comentários o esquema sucinto da escrita de trajetória. A leitura desse livro, todavia, revela a escassez de sinais ou elementos biográficos deixados através das crônicas, de modo que a problematização da trajetória, na tentativa de ultrapassar o retrato de historiador, mesmo diante do volumoso material, não pode ser deslocada ainda para um estudo maior de biografia.

Por meio das crônicas reunidas, sobressai o comentário pessoal aos episódios guardados pelos livros de História e pelos arquivos oficiais. Ao longo de aproximadamente cinco décadas, Taborda escreveu crônicas para a imprensa, constituindo um arcabouço de episódios históricos revisitados e reinterpretados a partir de seu horizonte de recepção. Todavia, algumas raras crônicas registram elementos de um memorialismo que certamente indicam o contador de histórias ocupado com as passagens silenciadas da vida social.

A crônica “Das minhas lembranças”, publicada no jornal Correio do Sul, em 14 de janeiro de 1984 (TABORDA, 2015, p. 372), reconfigura a síntese biográfica da sociedade de estudos e pesquisas genealógicas - Colégio Brasileiro de Genealogia. Por meio de duas pequenas informações, a crônica se torna uma chave de releitura do verbete. Primeiro, informa a geografia do menino: “quando eu era guri, melhor dito gurizinho, morava na Rua Marechal Deodoro, nº 22”, na cidade de Bagé, rua que vem à memória como lugar marcado de coisas maravilhosas, como o motociclo de cordas, um presente carregado de afeto. Em seguida, o cronista Taborda situa o leitor com o nome próprio da instituição escolar onde realizou seus estudos primários: “o Colégio Elementar, onde sua mãe dava aulas”, colocando um sentido à ideia expressa em “seus estudos primários foram feitos com sua mãe”, conforme se lê na página da sociedade genealógica, com sede no Rio de Janeiro.

Essa primeira crônica selecionada, marcada de memorialismo que não era comum na obra escrita de Taborda, produz uma fissura na identidade fixa de sua trajetória, ocupando uma lacuna deixada pela falta da notícia biográfica, de modo que a considerar a existência de outros documentos com registros memorialísticos se torna possível se deslocar de uma história magistral para um interesse de constituir a biografia como estudo da singularidade e a complexa emergência de um pensador voltado ao campo dos museus.

Taborda nasceu no ano em que foi criada a seção de bombeiros, anexa à guarda administrativa. (TABORDA, 2015, p. 253). A bem da verdade, a seção de bombeiros é exatamente quarenta dias mais velha que o cidadão sempre lembrado. À época o intendente municipal, deputado federal Carlos Cavalcante Mangabeira, promulgou o ato de criação nº 362, de 3 de junho de 1928. Na crônica “Hidrantes de minha infância”, publicada também no jornal Correio do Sul, em 20 de janeiro de 1974, ele afirma ter bancado o memorialista, com certa reserva por ter rompido uma fronteira de trabalho com a História. A ideia de memorialismo reaparece dias depois, na crônica “Agora são os bombeiros”, de 17 de fevereiro de 1974, quando estabelece a diferença entre memorialismo e os fatos da história: “banquei o memorialista, trazendo recordações da infância, e alguns leitores querem coisas mais concretas. Pedem que conte, certinho, a história dos bombeiros de Bagé”. (TABORDA, 2015, p. 254). Observa-se, aqui, a interferência dos leitores no ofício de cronista, por meio da ideia de que a crônica não conta certinho a página da história.

À presença de memorialismo na crônica de Taborda, o leitor verifica o exercício da escrita marcado pelo hibridismo de gênero, o que se pode constatar com a passagem de uma carta endereçada a Mário, em resposta ao artigo de jornal assinado pelo amigo. No trecho destacado, ele aponta uma lacuna na história da Educação em Bagé. “Assim, meu caro Mário, há na história uma lacuna sobre o ensino em Bagé, que poderá ser corrigida com alguma pesquisa maior, pois os arquivos ainda guardam muitos segredos. Um grande abraço do Tarcísio”. (TABORDA, 2015, p. 281). Anos depois, já estudante em Porto Alegre, jovem acadêmico de Direito, dará outra página de memorialismo dentro da página de jornal.

O jovem cronista Taborda escreve para o Jornal do Dia, em 14 de julho de 1950, a partir do Parque Farroupilha, em Porto Alegre, evoca a história sul-riograndense por meio da memória de Antônio de Souza neto, historiador, e de Alfredo Pinto, educador, destacando o papel do gaúcho e sua formação de campeiro, montado a cavalo no pago distante. (TABORDA, 2015, p. 38). Nesse sentido, amarra o final da crônica com a nota de que falta um marco da figura do gaúcho no parque. O cronista sublinha o papel do caminhante que passa pelo lugar e evoca episódios de “nossa vida rio-grandense”, se colocando ao lado de seus leitores.

O sentimento aqui expressado nesse memorialismo, advindo de suas recordações, é o retrato de um saudosismo que Taborda anota em suas poucas passagens escritas, ou seja, a sua experiência pessoal, mas que compõem da construção de sua narrativa. É por meio dessa experiência que ele aproxima mundos, personagens, estabelece figuras de linguagem e descreve cenários numa composição de tempos e territorialidades.

Este processo de escrita de Taborda, estabelece que para além do memorialismo/saudosismo dessa figura narrativa que ele se propõe a construir e descrever, aqui apresenta um traço marcante da presença do método da história oral nas suas pesquisas, traço sempre marcante na forma de abordagens de outrora.

Além do saudosismo, que aparece, quase sempre, atrelado a um passado idílico, mitificado, outra questão presente nas narrativas é a ambiguidade em relação ao sentimento da sociedade receptora. Assim, o processo de reconstrução de lembranças, os narradores deixam escapar sutilmente, elementos que podem ajudar a refletir sobre as relações de adesão ou rejeição que eles estabelecem com seus grupos de pertencimentos. Ou seja, a partir das suas práticas discursivas, é possível encontrar pistas para discutir o local de sua ancoragem identitária [...]. (BOSCHILIA apud GUIMARÃES NETO, 2012, p. 111).

Contudo, neste processo de construção que escreve e descreve esses pertencimentos sobre si, sobre o outro e o mundo é que emerge a figura do historiador⁶, alguém que narra com a fundamentação de argumentos baseado numa

⁶ “Em geral, considera-se que a história ocidental tem duas origens: de um lado o pensamento grego, em particular a partir de Heródoto (século V a.C.). e de outro da Bíblia e os pensamentos hebraico e cristão. Aquilo que é atualmente a ‘história’, construiu-se em seguida de maneira lenta, primeiramente em saber particular e depois em matéria de ensino. Ora, essas duas evoluções são necessárias para que nasça a necessidade de fracionar a história em períodos”. (LE GOFF, 2015, p. 34).

sistematização de informações sobre determinados episódios de uma trama de evidências, muito similar a um contador de causos e fatos, na formação de suas histórias, como bem conceituou o pesquisador Walter Fisher, ao designar o termo *homo narrans*, como uma proposição poético-antropológica que apresenta a narrativa como metáfora da experiência humana. Sob esta ótica, Fisher demonstra que:

No *recontar*, o autor considera a autobiografia, a biografia e a história, enquanto o *contar* permitiria a argumentação teórica, de maneira que ambas possam ser expressadas de maneiras líricas, a contar a novela, o drama, a poesia. É possível observar o quanto as histórias fazem parte das nossas construções individuais e coletivas, dos símbolos que compõem o nosso imaginário às nossas concepções de sociedade. (FISHER, 2021 apud DIÁRIO MACABRO, 2020, n/p).

Essas concepções da narração demarcam uma categoria de usos das descrições das vivências, determinando influências que esta forma de expressar pode abranger, ao mesmo tempo que também explicita que o ato de narrar é criador de imaginários e símbolos na composição do cotidiano. Nesta perspectiva, o historiador aqui é o *homo narrans* consubstanciado por um método de análise, a historiografia⁷, auferindo informações e registros dos eventos para elucidar determinado dado ou uma pesquisa específica de um assunto.

[...] *Homo narrans* é certamente um criador, mas ele é em grande parte um filho de suas obras, assim como está na encruzilhada das inter-relações pelo qual um homem se torna o que ele é, no processo de construção socializada e ininterrupta de sua identidade. Qualquer indivíduo, na singularidade de sua construção social, só existe através de outros e graças a coletividade a que pertence, pelas filiações que o ajudam a construir sua personalidade, seus valores, ajustar seus comportamentos e representações práticas. (CHACRON; RODRIGUÉS apud RABATEL, 2022)⁸

⁷ Estudo e descrição da História.

⁸ Na citação original “*Homo narrans* est certes un créateur, mais qu’il est largement fils de ses oeuvres, tout comme il est au croisement des interrelations par lesquelles un homme devient ce qu’il est, au cours du processus socialisé ininterrompu de construction de son identité. Tout individu, dans la singularité de sa construction sociale, n’existe que par autrui et grâce à la collectivité à laquelle il appartient, par les appartenances multiples qui l’aident à construire sa personnalité, ses valeurs, à ajuster ses comportements pratiques et ses représentations.”(CHACRON; RODRIGUÉS apud RABATEL, 2022)

Taborda é o homem e sua narrativa está expressa, a partir de suas escritas, de suas relações sociais, da sua Bagé que o projeta ao mundo, forjando o seu capital simbólico.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos “sistemas simbólicos” em forma de uma “illocutionary force” mas define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe são sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura de campo em que se produz e se reproduz a *crença*. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou a de subverter, é a crença na legitimidade das palavras daquele que as pronuncia, crença cuja a produção não é da competência das palavras. (BOURDIEU, 1989, pp.14-15).

Aqui o lugar simbólico é a narrativa que entrelaça o homem em sua realidade, que atribui sentido aos seus saberes e fazeres e com isso, construindo discursos representativos tanto pela imposição de suas convicções, quanto pela caracterização de sua imagem. Neste local o homem se molda a narrativa e dela parte o contar e o recontar de si, as interações sociais e os ambientes do qual observou e constituiu. É desta forma de narrar, que o historiador Taborda nos exemplifica nessa caracterização de uma proposição de escrita, que por muito se encontra transcrita de maneira imaginativa/pitoresca no próprio contar da história⁹.

Sendo a lenda mais agradável do que a verdade histórica é muito mais comum notarmos a vantagem que a primeira leva sobre a última. É por isso que a cada passo encontramos nas páginas da nossa Pátria-História fatos que tem o sabor adocicado da lenda. Ela manifesta-se a todo instante na formação do Brasil. Muitos dos acontecimentos narrados pelos historiadores perdem-se nos arcanos da lenda. (TABORDA, 2015, p. 47).

Essa ligação indissociável entre homem e narrativa, está contida na história, seja ela descrita por meio lírico ou pelo método científico. Por isso, esta não é uma

⁹ Para o historiador Marc Bloch, a história é a ciência que estuda a ação do homem no tempo e espaço.

escrita de si¹⁰, mas a partir de si (a partir de Taborda), configurando não num registro autobiográfico, mas numa reflexão que abrange o que o filósofo Paul Ricoeur grifou em seu livro: *A memória, a história e o esquecimento*, em provisão de uma memória para o futuro. Portanto, esta pesquisa a partir de Taborda, que leva em conta a trajetória escrita como história em trajetória cultural, entrecruzando os esquemas fechados com documentos de arquivos e jornais, de modo a narrar composições de cenários de atuação e representação no campo museal.

Seriar um conhecimento, indexar uma memória ao conjunto não de ter, mas do fazer. É nesta prática que Taborda com sua narrativa vai reconectando informações, estabelecendo elos de proximidade ou de distanciamentos dentre elas, e transportando para o campo do conhecimento essas lembranças, na configuração de uma imagem que possibilite preencher as lacunas da história. Um estudo de tempo que está aliado a sua prática de pesquisa sobre a composição de cenários, estejam neles seus personagens, espaços e conflitos.

Por isso já aparece em alguns dos seus textos, traços ou elementos que nos levam a pensar, na escrita do Taborda, pela categoria do *homo narrans*, conceito operador deste capítulo, no sentido em que depois é formulado pelo registro da história. O não uso das descrições de fontes (formalmente usadas) relatados em seus escritos, pode ser entendida como uma releitura de uma produção histórica de outrem, uma interpretação do seu tempo e uma religação com a memória a partir de pesquisas em fontes primárias, conversas com e sobre o outro (da história oral), e da checagem e confirmação de informações em documentos em arquivos, bibliográfica e/ou leis.

Assim, a busca de uma moldura biográfica do homem e do político Taborda, está associada muito aos seus afazeres, e nestas missões do seu cotidiano que o historiador vai correlacionado os tempos e os episódios da história, e que por vez outra descreve-se na forma de preencher alguma lacuna ou evocar alguma memória e/ou lembrança.

¹⁰ Segundo Maria Stephanou, numa das falas na aula da disciplina: Memória, Patrimônio e Sociedade do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio (UFRGS) de regência de Luísa Duran Rocca, são escritas ordinárias, não tuteladas institucionalmente, mas desenvolvidas em âmbito privado e que dificilmente são reconhecidas como patrimônio de uma coletividade. (informação verbal, 2021).

A narrativa como uma epistemologia da produção de Taborda do seu fazer e do seu saber perpassa a construção de conhecimentos que estará expressa em seus textos, objetos, museus, monumentos, arquitetura e outros itens que o possuir e o imaginário assim possibilitar criar sentido para si e para externar o seu lugar no mundo, a sua Bagé.

2.1 Igba-jée, Ibajé, Ibagé, Bayé, Bajé e Bagé – todas elas narradas por Taborda

Um pingo de chuva que não é guardado, mas que como um instante é sentido e percebido, seja orvalhando a planta, escorrendo sobre o corpo, levantando o cheiro da terra, formando uma onda num rio, e tantas outras possibilidades de interação desta imagem, é uma observação que se torna importante para a entender a estética da vida, mas também representar a ideia de continuidade de lugar, como forma de despertar sentidos, sensações, emoções e de forjar o seu ambiente.

Assim o pingo de chuva se materializa a partir de um ponto de referência, seja uma planta, um corpo, a terra ou um rio, dentre outros. A cidade precisa ser lida como locais de referência (HECK, 2021). E é exatamente essa a leitura que o historiador Taborda provoca a saber. Bagé como ponto de referência, como lugar de significância, de várias grafias e escritas de tempo, Uma Bagé que é cenário da história, e que o desperta para um sentido de pertença e de salvaguardar o seu registro.

Provido de Igba-jeé, fruta doce e transformando-se em lendário pajé, é que nos chega o nome da nossa bela Rainha da Fronteira. Ela, orgulhosa como são as soberanas, não desmentem sua origem, pois ainda é uma doce fruta de nossa campanha e, quantos a conhecem, embriagam-se em sua doçura, ficando-lhe cativos e enfeitados pela sua beleza. (TABORDA, 2015, p. 35).

Igba-jée, Ibajé, Ibagé¹¹, Bajé ou Bagé, despertam para além de uma constituição gramatical, uma memória e identidade de uma raiz étnica de nativos já ocupantes deste local, mas que perpassa também uma apropriação eurocêntrica do espaço, a partir do seu “apelido” de Rainha da Fronteira, fruto de um processo de

¹¹ “Conta a lenda que nessas paragens existiu um índio chamado Ibagé, chefe de grande fama e prestígio, cujo nome ficaria ligado aos Serros onde tinha a sua taba. A ele coube receber o primeiro jesuíta aqui chegado, para instalar a capela de Santa Tecla, onde a bravura e a coragem de Tiaraju haveriam de se tornar filhos da lenda e exemplo de amor à terra”. (TABORDA, 2015, p. 92).

colonização ibérica e disputas travadas no Brasil. O feitiço de sua beleza é o registro da presença negra em Bagé, os cativos aqui ora descritos, são os não libertos, aqueles que foram escravizados no período de uma cidade em formação. Características estas, que moldam simbolicamente a cidade como o maior produto cultural do homem. (HECK, 2021). Pois a cidade é lugar de representação e de conflitos.

Bajé¹² passa a ser entendida como uma herança cultural, que é mutável a medida de mudanças interpostas por nossos antepassados e que refletem no presente. Essa uma construção histórico-social, porque é nessa alternância de “tempos” que a torna coletiva, plural e diversa, e por vezes, também injusta, pois é o retrato da sociedade da qual a constitui, das diferenças como demonstração humana.

Produto cultural que é construído a partir de evidências, vestígios e narrativas que vão forjando o processo histórico e as camadas de tempos que constroem a cidade. Fragmentos que vão formando um todo, como as histórias que Taborda vai entendendo ao longo de suas pesquisas e descobertas. “Graças a alguma velha centenária que contou a algum pesquisador antigo, a cidade de Bagé deve o seu nome a um cacique que, pela época em que D. Diogo de Souza acampou naquela zona, vivia num dos cerros próximos”. (TABORDA, 2015, p. 30).

Deste modo, estas finitudes de uma materialidade revelada é o que se constitui em narrativas, estabelecendo elos e encaixes entre os fatos e a memória, apresentado num discurso os personagens, os tempos, os espaços e os conflitos deste território. São dessas lembranças (sejam elas orais ou de outro suporte e/ou repositório¹³) de uma bibliografia¹⁴, e dos documentos, que a pesquisa vai elucidando todas essas conjecturas que produzem uma cidade ao seu tempo.

Foi por tudo isso que, há dias, insisti com meu amigo Ernesto Ledo para que me presenteasse uma série de cartas que ele possuiu. Cartas íntimas. Sem nenhum valor histórico aparente. Ele as me deu.

¹² “De acordo com as normas ortográficas vigentes, se devem escrever com “jota”, e não com “ge”, as palavras de origem indígena, como por exemplo, gê-ínido – pajé-feiticeiro – jibóia, etc. [...] Se Bajé é corruptela de pajé, ou de Mbayé, ou de Bagé, ou igbá-jée, deriva de uma palavra indígena, e por isso deve ser grafado com “jota”. (TABORDA, 2015, p. 151).

¹³ “Uma parte da produção histórica era escrita sobre rolos, e esse suporte evocava a continuidade de tempo”. (LE GOFF, 2015, p. 35).

¹⁴ “As bibliografias são, para quantos se dedicam à investigação, um importantíssimo material de trabalho”. (TABORDA, 2015, p. 463).

Resultado: por elas pude ver, num rápido apanhado, o perfil da sociedade bageense do século passado. São cartas escritas sobre negócios, sobre saudades. Noticiosas. E que hoje nos dão uma aquarela de dias de Bagé. Cartas que José Bina escrevia para Feliciano José Martins. (TABORDA, 2015. p. 61).

A memória fortalece certos recortes da história que influenciam nas narrativas que serão evidenciadas nas cidades. Por estas lembranças, a cidade passa de um lugar provinciano para um local cosmopolita, a medida em que o tempo é configurado na narrativa. É assim que Taborda vai estabelecendo essa ligação de um lugar/pátria ligado a uma tradição e no mesmo instante que se exemplifica local/cidade que vai se conformando nos espaços e nos tempos, e sendo decifrado por fontes quem nem sempre são as “oficiais”, mas que ajudam a entender os contextos pelos quais estes ambientes urbanos ou não se moldam.

“Com a periodização, o historiador formata uma concepção do tempo e simultaneamente oferece uma imagem contínua e global do passado, que acabamos por chamar ‘história’”. (LE GOFF, 2015, p. 33). Taborda vai construindo as possibilidades de cenários, conectadas as “pistas” que ele encontra nos mais variados tipos de fontes que se apresentam na sua pesquisa. Sua narrativa discursiva, por meio de crônicas e artigos em jornais, tenta estabelecer uma lógica a sequência de fatos sobre a Bagé, que perpassa impressões pessoais, documentos, achados e relatos que criem esta ambiência histórica. “17 de julho de 1811 – Data da fundação de Bagé, estabelecida pelo historiador Tarcísio Antonio Costa Taborda”. (FAGUNDES; ISMÉRIO, 2021, n/p).

Aqui um retrato da “oficialidade” que Taborda traz e faz na história regional, cunhando a data de fundação da cidade, categorizando o tempo de surgimento desta Igba-jée a Bagé, compondo por um descrito de seu fundador Dom Diogo de Souza¹⁵, a imagem que aponta para este entendimento.

O exército Luso-brasileiro deixa o acampamento, em direção a Cerro Largo, levando dez mil cavalos e dois mil bois. Ultrapassa o rio Jaguarão-Chico, acampa no passo de Aceguá e daí vai para a Fortaleza de Santa Teresa. Ao ir embora, o exército enfrenta uma série de dificuldades; era inverno, muita chuva, os rios estavam cheios e não davam passagem para as carretas carregadas. Foi

¹⁵ “O Capitão-general do Rio Grande de São Pedro do Sul, Dom Diogo de Souza, ao organizar esse grande exército, dividiu-o em três colunas, e determinou que a Coluna da Direita, comandada pelo Marechal Manoel Marques de Souza, o primeiro, e que era o comandante da Fronteira do Rio Grande, acampasse em um lugar ao nascente dos Cerros de Bagé”. (TABORDA, 2015, p. 250).

então que Dom Diogo resolve deixar em Bagé parte dos soldados, comerciantes, e mulheres que haviam acompanhado o exército, alguns doentes, cirurgiões e mantimentos. Ao partir, Dom Diogo, nomeia Pedro Fagundes de Oliveira comandante do Acampamento de Bagé. Começa então a surgir um novo vilarejo, que oferecia melhores recursos de água, lenha e proteção natural do que o aldeamento que já havia junto à antiga Guarda de São Sebastião. (FAGUNDES; ISMÉRIO, 2021, n/p).

A cena construída, a ambiência formada e o sentido simultâneo de uma imagem coletiva constituem-se de um agrupamento a um vilarejo. A narrativa de dificuldades permeia o momento, e a “Rainha da Fronteira” surge na sua forma mais natural e acolhedora, como um doce fruto que nesta situação apresenta água, lenha e proteção natural ao aldeamento. Um sabor adocicado e/ou uma proteção de pajé, nestes encantamentos desta terra, é que Bagé¹⁶ registra-se ao mundo.

Por certo, este registro da origem da histórica Bagé é remontado e discutido, por diversos pesquisadores, tanto etimologicamente da sua inscrição, quanto do ponto de vista de lendas que reforcem uma determinada ideia sobre os fatos. Contudo “[...] os ‘Serros de Bayé’ aparecem no ‘Mapa Geográfico da Capitânia de São Pedro’, elaborado por José de Saldanha em 17”. (TABORDA, 2015. p. 224).

E assim, Taborda vai descrevendo a sua cidade, criando enlaces a partir de investigações e categorizando o tempo em períodos, nessa perspectiva, ele busca narrar as dimensões geográficas, os ambientes, as autoridades, os locais históricos, a organização social e tudo o mais que o chamou a atenção por um viés de um conjunto de documentos da Pátria-história com um caráter saudosista que atestem para a constituição desta terra.

Bagé situada na região da Campanha, no extremo sul do Rio Grande Sul, está aproximadamente a 377 KM de distância da Capital Porto Alegre, e passa a ser

¹⁶ “[...] Aurélio Porto nos apresenta nos verbetes BAGE, os seguintes elementos definidores da origem do nome da cidade: “Teodoro Sampaio dá: ‘Pagé, o feiticeiro, o santão do gentio’; Souza Doca: ‘alteração de Ibayé, que é corruptela de I – Pagé, o rio do feiticeiro ou solitário’. E diz mais: ‘refere-se Souza Doca à lenda de um índio charrua que ali vivia e que teria dado seu designativo a um arroio que desce do lado oriental da serra. Borges Fortes reproduz Teodoro Sampaio, Lemos ‘não sabemos onde que Bagé seria vocábulo português, transplantado de uma localidade de Portugal para o Rio Grande’. E conclui positivo: ‘entretanto é, simplesmente, cerro, monte, elevação’, para dizer logo depois: ‘esse e que se encontra em algumas palavras de origem tape pode ser traduzido, no guarani, por isolado, só’. Nós, porém, que conhecemos a paisagem de Bagé, e seus cerros, de imediato podemos dizer não a esta etimologia de BAGÉ, porquanto, sendo os três os nossos cerros, não são isolados e nem estão sós dentro do panorama onde se encontram”. (TABORDA, 2015, p. 93).

palco de grandes e duradouros conflitos como a Província/Guerra Cisplatina¹⁷ e a Revolução Farroupilha¹⁸, que culminam no processo de elevação à freguesia, e por conseguinte de cidade.

Foi em 1846 que uma lei permitiu a criação do município de Bagé, tendo uma Câmara de Vereadores que a governasse. “A Câmara de Vereadores é que tinha autoridade para mandar as ruas, dar licença para fazer construções, interessar-se pelo bem estar das pessoas e o desenvolvimento do lugar. Este sistema durou até 1889, quando foi proclamada a república no Brasil”. (TABORDA, 1981, p.41)

Dentre as preocupações a partir da sua fundação, estava a atenção voltada ao ensino, pois “era ministrado em pequenas aulas públicas ou particulares”. (TABORDA, 1984, p. 61). A chegada de religiosos foi o caminho encontrado. “Em 1905, chegaram as Irmãs Franciscanas que fundaram o Colégio Espírito Santo”. (TABORDA, 1984, p. 61). Assim, o Estado reformulou seu ensino, e criou o Colégio Elementar, e este crescimento atraiu outras denominações religiosas como os evangélicos e católicos. Muitas outras questões atravessam e marcam a história de Bagé, como as Guerras Externas, a abolição da escravidão, a colonização alemã, dentre outros, e tudo isto altera na composição do desenvolvimento enquanto cidade.

Os ranchos de torrão cobertos de palha, as casas de pedras cobertas de telhas, as casas de tijolos e os arranha-céus dos nossos dias são testemunhos de que todos trabalharam para que nossa cidade crescesse. [...] Os caminhos incertos, no meio do campo, foram substituídos pelas estradas fixadas para a marcha dos exércitos, e asfaltadas para a circulação de riquezas e até o traçado das ruas, primeiro estreitas e sombrias, depois largas e alegres pelo arvoredo e pela iluminação, são atestados do desenvolvimento de nossa cidade. (TABORDA, 1981, p. 73).

¹⁷ “1821– Um dos primeiros atos de Don Pedro I, como Príncipe Regente do Brasil foi anexar as terras da Banda Oriental do Uruguai, que passou a se chamar Província Cisplatina. Juan Lavalleja, caudilho cisplatino inicia uma revolta e declara, que a Província deva pertencer à “República das Províncias Unidas do Prata”. Essa atitude feriu os brios de Don Pedro I e imediatamente o Brasil declara guerra à Argentina”. (FAGUNDES; ISMÉRIO, 2021, n/p).

¹⁸ “Ao reacender a guerra fratricida, Bagé foi alvo das marchas de rebeldes e legalistas e, a 10 de setembro de 1836, às margens do Arroio Seival, se encontram as tropas de Antônio de Souza Neto e as de João da Silva Tavares, este era o primeiro a pegar em armas em defesa do Império, apesar de ser compadre de Bento Gonçalves da Silva. Aqui, pois, a 40km de Bagé, se travou a batalha que vitoriou os farrapos, quando um golpe de lança cortou a cabeçada da rédea de montaria de Silva Tavares o seu cavalo disparou. Vendo o comandante em aparente fuga, bandou o exército, ficando Antônio de Souza Neto, o senhor do terreno, tendo como prisioneiro o jovem Joca Tavares, filho do comandante adversário. Indo acampar às margens do arroio Jaguarão, 35km de Bagé, Antônio de Souza Neto, o General Neto, proclamou a República Rio Grandense”. (TABORDA, 2015, p. 271).

Neste cenário, Taborda vai mapeando locais, georreferenciando rotas, apresentando dados e informações históricas e, que vai criando uma associação da transformação urbana com a modernidade e seu desenvolvimento. Estes “atestados” bem comprovam, que Taborda vai expandindo a sua ideia de apresentar Bagé por muitos detalhes e representações, e como ele bem identifica o despertar desse imaginário em outros pesquisadores.

Mais um trabalho de rara valia é o que vem sendo dirigido pelo extraordinário mestre Ernesto Wayne, no desenvolvimento do curso de pós-graduação que se desenvolve na FunBa. Ministrando técnica de pesquisa, botou em campo uma plêiade de professores a indagar pedações do nosso passado, compondo um mosaico que vai se tornar essencial nos futuros estudos de nossa terra. [...] Mestre Wayne, por si só um repertório precioso de coisas de nosso passado, incita à pesquisa sobre os nossos artistas, os nossos escritores, os nossos poetas, os nossos bens patrimoniais, enfim, sobre todos os segmentos da vida bageense, não deixando de lado nem a estatuária monumental dos cemitérios, nem a imaginária de nossos templos, nem os vultos eminentes immortalizados no bronze de nossas praças. (TABORDA, 2015, p. 449).

Assim a história de Bagé e a trajetória de Taborda, são conexões densas e quase indissociáveis, na medida em que um, complementa o outro. Pesquisador e objeto de análise se fundem no encantamento da investigação e na descoberta de novas referências, que auxiliem a dar voz e desvendar ainda mais, as memórias que se encontram no tempo.

2.2 A Pesquisa de Taborda

Taborda é um desses historiadores que vasculham os vestígios, vai na epiderme do fato e traçam linhas na busca de desvendar informações que comprovem ou neguem uma sentença. Sua pesquisa histórica traz a ênfase na história regional com aspectos voltados a territorialidade, fatos histórico, personagens e lendas urbanas, com uma escrita sutil e de sua época (1939/1994), Tarcísio Taborda vai traçando uma linha em suas publicações que perpassa a identificação de um método de trabalho.

Sendo a lenda mais agradável do que a verdade histórica é muito mais comum notarmos a vantagem que a primeira leva sobre a última. É por isso que a cada passo encontramos nas páginas da nossa Pátria-História fatos que tem o sabor adocicado da lenda. Ela

manifesta-se a todo instante na formação do Brasil. Muitos dos acontecimentos narrados pelos historiadores perdem-se nos arcanos da legenda. (TABORDA, 2015, p. 30).

Este método é a pesquisa em história oral, localizada muitas vezes em relatos de lendas ou sobre territorialidades, baseiam-se a partir da busca de testemunhos e vestígios locais em conferência com obras, documentos, leis e artefatos que despertem uma configuração de significados para trazer luz ao seu objeto de estudo: a história regional. Como afirma Guimarães Neto:

Traçando caminhos diversificados, a história oral – que não é uma disciplina, mas uma metodologia ou prática de pesquisa – afirma-se no cenário intelectual do Brasil, da América Latina e de outras partes do mundo. Não sem controvérsias, desafia questões teóricas e metodológicas que são fundamentais para análises acerca da produção e uso dos documentos – e não apenas orais – no âmbito da historiografia. (GUIMARÃES NETO, 2012, p. 15).

Taborda ao utilizar este método aplica uma forma sistêmica para ir traçando conexões em um arcabouço de informações que compõem sua pesquisa identificando personagens e fatos históricos. Baseada num processo de descrição que permite realizar a composição de cenários e a construção de narrativas. Como exprime bem em seu artigo sobre Silveira Martins, Abolicionista publicada no Correio do Sul em 24 de julho de 1951.

E nesses 50 anos que hoje encerra seu ciclo, o túmulo do ilustre filho desta cidade foi ainda o altar de que nos falara o orador sacro, profetizando: 'A tua tumba em Bagé será uma ara. E lá irão as virgens derramar lágrimas e flores, lá as mães levarão seus filhinhos, mostrando-lhe a bela fenda da tua vida. Atua será uma ara: e lá irão os fortes temperar seu valor, lá pedirão inspiração, os bardos da pátria, entusiasmo a valente mocidade, conselhos os estadistas; lá se cruzarão as espadas dos guerreiros, no sagrado juramento da defesa da pátria. A tua tumba será uma ara: ali os fortes irão receber os auspícios na hora de perigo da pátria, como outrora os gregos nas aras sagradas de Delfos e Deodone'. (TABORDA. 2015, p. 54).

Assim, é fácil perceber num primeiro momento, o cenário, as falas, o objetivo de apresentar o ato fúnebre e dar a ele o ar de sacralizado, mas também de atribuir importância, como são expressos em algumas terminologias presentes em sua escrita histórica, sendo estas as palavras: pátria, soberania, tradição e documentos. Termos muito ligados a um saudosismo e a uma busca de preencher as lacunas de uma "história oficial" contada na sua época.

Contudo, Taborda tem uma atuação forte no campo museal na consolidação do Museu Dom Diogo de Souza, de caráter histórico a partir da reunião de uma série de objetos que culminou numa exposição de histórias de Bagé, e no incentivo a criação do Museu da Gravura Brasileira, do perfil das artes, ambos localizados na cidade de Bagé e sobre a manutenção da URCAMP – Universidade da Região da Campanha.

Essa pesquisa de Taborda, é a síntese de encontrar lacunas nas histórias que necessitam de respostas, tanto para entender quem se é, quanto para compreender a influência do local onde se está. Por isso, sua busca caracterizada na história regional, e no desenvolvimento desses relatos e salvaguarda dessa memória, é o que aponta para a construção identitária de mais concreta, desse homem que se narra, que narra o outro e o seu mundo.

Nesta reescrita da memória que se transporta na história, Taborda vai assumindo outros trajes, numa roupagem de si e da sua presença articuladora, que versa sobre outros encontros possíveis, agora com intelectuais e políticos, que dialogam com a cultura e a museologia regional e do país, a busca de um entendimento sobre o processo de musealização¹⁹, a partir de aspectos da sua Bagé, construindo por formações e debates, as compreensões necessárias para os avanços no setor museal no Estado.

2.3 Cenário Museal internacional e brasileiro

A composição do cenário museal brasileiro, é bastante ampla e diversa, pois perpassa a construção de um entendimento de campo de conhecimento, que surge com os colecionismos no Império, perpassa a República num ar saudosista de proteção a memórias de “heróis e personalidades”, e por conseguinte, sim, passa a

¹⁹ “A musealização, como prática social específica, derramou-se para fora dos museus institucionalizados. Tudo passou a ser museável (ou passível de musealização), ainda que nem tudo pudesse, em termos práticos, ser musealizado. A imaginação museal e seus desdobramentos (museológicos e museográficos) passaram a poder ser lidos em qualquer parte onde estivesse em questão um jogo de representações de memórias corporificadas. Casas, fazendas, escolas, fábricas, estradas de ferro, músicas, minas de carvão, cemitérios, gestos, campos de concentração, sítios arqueológicos, notícias, planetários, jardins botânicos, festas populares, reservas biológicas – tudo isso poderia receber o impacto de um olhar museológico”. (PEREIRA apud POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS, 2018, p. 20).

ser entendida como instituições de memória, ciência e ganha suas respectivas políticas públicas.

Nesta perspectiva, o cenário cultural brasileiro e, mais especificamente, o museal perpassa também um contexto histórico nacional que vai do desenvolvimentismo da gestão de Juscelino Kubitschek (1956/1961), passando pelo regime autoritário da ditadura militar e seguindo para a consolidação da democracia brasileira.

Atuando na formação de acervos nacionais junto ao Museu Histórico Nacional, Gustavo Barroso, tem papel destacado na formação e construção do campo museal brasileiro, a partir da elaboração do Curso de Museus de 1932, missões diplomáticas entre as quais a Comissão Internacional de Monumentos Históricos (criada pela Liga das Nações) e a Exposição Comemorativa dos Centenários de Portugal (1940-1941), demonstrando um início de atividade do setor no país.

Em 1958, sediado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, ocorreu o Seminário Regional Latino-americano da UNESCO sobre o papel educativo dos museus, um evento considerado um dos marcos da museologia, pois pensou novas perspectivas na esfera museal.

O Seminário viabilizou a construção de um novo referencial teórico-prático no que se trate do fazer museológico e das próprias instituições ao discutir o papel educativo dos museus. E, a partir daí, o conceito de museu vai se ampliando, passando então a ser também compreendido como um espaço de educação para auxiliar nas atividades do ensino formal e como ferramenta didática, ou seja, uma espécie de extensão da escola. (IBRAM, 2018, p. 16).

As mudanças se apresentaram também, no âmbito da Museologia, a nível internacional, como ocorreu com a Mesa Redonda de Santiago no Chile (1972) na qual foram declarados os princípios de um *Museu Integral* ao qual estivesse partícipe da vida da sociedade relacionando-se ao meio rural, ao meio urbano, ao desenvolvimento científico e técnico, e à educação permanente, constituindo uma concepção de um novo paradigma, a Nova Museologia, que embasa posteriormente, a Sociomuseologia, compreendida por Mário Moutinho a partir de uma série de fatores como

O alargamento da noção de património, é a conseqüente redefinição de "objecto museológico", a ideia de participação da comunidade na definição e gestão das práticas museológicas, a museologia como factor de desenvolvimento, as questões de interdisciplinaridade, a utilização das "novas tecnologias" de informação e a museografia como meio autónomo de comunicação, são exemplo das questões decorrentes das práticas museológicas contemporâneas e fazem parte de uma crescente bibliografia especializada. (MOUTINHO, 1993, p. 8).

A criação do Comitê de Museologia ICOFOM-ICOM, em 1976, visou ampliar o debate da teoria museológica, bem como destacamos a Declaração de Quebec, no Canadá (1984) conjuntamente com o surgimento do MINOM - Movimento Internacional da Nova Museologia, na qual foram retomadas as discussões da Mesa Redonda de Santiago, e ampliando a compreensão para:

[...] reforçar o fato de que tudo fosse feito para que os poderes públicos reconhecessem e ajudassem a desenvolver as iniciativas locais que aplicassem os princípios delineados nos anos 1970. Detalhando a oposição entre museologia tradicional e nova museologia, propôs uma reflexão crítica, principalmente em termos da preocupação com a comunidade, no contexto econômico, social e cultural, e não só com a preservação dos acervos. (BERTOTTO, 2013, p. 17).

Já a Declaração de Caracas na Venezuela (1992) atualizou as recomendações de um *Museu Integral* para enfrentar os desafios de uma profunda crise social, política, econômica e ambiental que assim como a sociedade, também os museus estavam inseridos nesse transcurso, e determinando ações sobre os seguintes aspectos: Museu e Comunicação; Museu e Patrimônio; Museu e Liderança; Museu e Gestão; Museu e Recursos Humanos, na busca de alternativa para apresentar os museus como agentes de desenvolvimento e mudanças locais, ratificando essa Nova Museologia.

Essa discussão acerca da natureza da Museologia teve impactos não somente no âmbito do pensamento museológico e constituição de um campo disciplinar, mas também na formação e prática profissional nessa área no Brasil. Essa nova concepção vai se respaldando na medida em que o campo se institucionaliza e integra, ao mesmo tempo, posturas diversas, o que o faz coexistir entre as fronteiras ora tecnicistas e pragmáticas, ora epistemológicas e teóricas. (BISSERA, 2017, p. 38).

Importante ressaltar, que por conta do regime da Ditadura Militar no Brasil, sua respectiva censura, muitos desses documentos de encontros internacionais

passam a ser acessados pelos trabalhadores em museus, mais proximamente na década de 1980. No Brasil, as discussões sobre museu estão ligadas a algumas poucas instituições e aos dois cursos de Museologia, pioneiros no Brasil, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal da Bahia²⁰. Assim, em 1963, houve a criação da Associação Brasileira de Museologistas²¹ no Rio de Janeiro

[...] com a finalidade de congrega os técnicos e cientistas dos museus e seus auxiliares, bem como as pessoas em geral interessadas nos problemas museológicos; zelar pela defesa dos direitos e interesses dos que trabalham em museus e instituições afins; incentivar o intercâmbio cultural e científico dos museus, promover cursos, conferências e difundir os conhecimentos museológicos através de publicações. (COREM 2R, 2021).

Neste caminho, há uma organização em torno dos museus, sendo pensada, planejada, estudada, principalmente nas décadas de 60/70²², para responder as necessidades das instituições, que careciam de uma maior compreensão do seu papel na sociedade, bem como de definição de práticas de seu funcionamento e salvaguarda.

Em 6 de dezembro de 1974, o Conselho Federal de Educação aprovou um novo Regimento do Curso de Museus, homologado pelo Ministro da Educação e Cultura em 29 de janeiro de 1975. Este Regimento apresentava uma concepção mais ampla e engajada dos museus, priorizando a formação em Museologia. Segundo os novos objetivos do Curso, este buscava:

- formar profissionais e especialistas de Museologia;
- realizar, desenvolver e incentivar a pesquisa no campo da Museologia;
- aprimorar processos, métodos e técnicas relativas aos problemas de Museus, e divulgar seus resultados;
- contribuir, pelos meios ao seu alcance, inclusive em articulação com entidades nacionais e internacionais, para o estudo dos problemas da Museologia, tendo em vista a dinâmica do

²⁰ O Curso de Graduação em Museologia, da UFBA foi criado em 1969. Entre 1974 e 1979, o curso teve seu funcionamento interrompido.

²¹ Foi a primeira entidade de profissionais de museus brasileira e teve entre os fundadores, em sua maioria, egressos do Curso de Museus do MHN. Nesse mesmo ano também foi apresentado na Câmara dos Deputados, pelo deputado federal Muniz Falcão, o projeto de regulamentação da profissão de museólogo e conservador de museus. (COREM 2R, 2021).

²² Ainda no final da década de 1970, a ABM empreendeu a elaboração de um Código de Ética, documento que se caracteriza como um meio de autorregulação profissional, com o objetivo de definir normas mínimas para o exercício da profissão, bem como estipular claramente aquilo que o público ou a sociedade tem o direito de esperar dos profissionais de museus no Brasil. (BISSERA, 2017, p. 121).

desenvolvimento do país; e) estender o ensino e a pesquisa à comunidade, mediante cursos ou serviços especiais [...] Como consequência, a antiga divisão em habilitações de Museus Históricos e Museus Artísticos é suprimida e o Curso passa a oferecer uma formação integrada, envolvendo estágios, organização de exposições como partes obrigatórias do novo currículo, bem como uma perspectiva mais conceitual do estudo de museus que se refletiu nas novas denominações das disciplinas. (COREM 2R, 2021, n/p).

Esta reestruturação, possibilitou que o curso de Museologia²³ da Universidade Federal do Rio de Janeiro qualificar-se cada vez mais a sua presença no campo, compreendendo a área como estudo científico e formando profissionais para o setor. “Uma concepção mais ampla e mais conceitual sobre os museus se traduz nas denominações das disciplinas, que começaram então a ser desmembradas em eixos voltados para Museologia e para Museografia” (BISSERA, 2017, p. 40). Novas alterações de matriz curricular no curso de Museologia foram implementadas a partir da aprovação da lei do museólogo 7.287/1984.

Em 1977, com a contrariedade da criação de novos cursos de Museologia pelo Ministério de Educação e Cultura no Brasil, surge por meio da pós-graduação, Especialização Lato Sensu, em 1978, o Curso de Museologia pela Fundação Escola de Sociologia Política de São Paulo²⁴ - FESP, articulado pela socióloga Waldísa Rússio Guarnieri, baseado na multiprofissionalidade e tendo como método a interdisciplinaridade.

Nesse sentido, a década de 1980 trouxe fôlego para o setor. Cury (2009) afirma que o período foi marcado por resultados significativos para o campo, quando os debates realizados no âmbito do ICOFOM caminharam para uma definição do objeto de estudo da Museologia, e os museus procuraram se remodelar, orientados pelas diretrizes dos debates nacionais e internacionais, adaptando-se às tendências do que se apresentou como “Nova Museologia”. O ICOFOM concentrou os debates referentes ao desenvolvimento da Museologia e propiciou as condições de existência de debates interessados no esclarecimento de bases teóricas que constituem este conceito, o que se tornou a característica de muitos pesquisadores que encontraram na produção de conferências e publicações especializadas o ambiente profícuo para a evolução de processos e estruturas elementares. Tais atividades consolidaram uma comunidade internacional e foram instigadas pelo periódico

²³ Origem no Curso de Museus do Museu Histórico Nacional de 1932.

²⁴ Transformado em 1983, em Instituto de Museologia, para que tivesse uma maior autonomia em relação a Escola de Pós-graduação de Ciências Sociais, buscando credenciar uma proposta de mestrado que não vingou, e tendo suas atividades encerradas em 1992.

Museological Working Papers (MuWoP) a partir da década de 1980. (BISSERA, 2017, p. 44).

Duas museólogas brasileiras, Waldísa Rússio Guarnieri e Tereza Cristina Moletta Scheiner, destacam-se no debate do ICOFOM-ICOM, sobre concepções e discussões nas matrizes curriculares dos cursos de formação de museólogos no país. Guarnieri denominou o **fato museal**, baseada em conceitos da sociologia, Scheiner complementou propondo pensar a **face fenomenológica dos Museus**, entendendo a Museologia como estudo científico, a partir do real.

Na década de 1980, temos o surgimento da Associação de Trabalhadores em Museus - ATM e da Associação Paulista de Museólogos - ASSPAM, ambas criadas em 1983, organizando questões sobre a formação e o exercício da profissão de Museólogo.

Na década de 1970 e 1980, o campo museológico brasileiro esteve formalmente organizado nas seguintes instituições: museus, cursos de formação em Museologia, comitê brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM-BR), associações de classe e conselhos profissionais. Nesse período, as mediações estabelecidas entre profissionais de museu, sociedade e Estado criaram condições políticas subjetivas necessárias e favoráveis para articulação de projetos de institucionalização do campo. (BISSERA, 2017, p. 118).

Com a criação do Centro de Referência Cultural por Aloísio Magalhães, foi que se expandiram as ações nas políticas nacionais de cultura, para a formação do Programa de Revitalização das Cidades Históricas e da Fundação Pró-Memória, que centralizou a gestão de vários museus. Este fato, impulsionou a realização de diversos encontros regionais que conjuntamente aos Congressos Nacionais de Museus, Reuniões Brasileiras de Museologia e o Congresso de Dirigentes²⁵ de Museus, trouxeram novas perspectivas ao setor, tanto no debate de um caminho para formulação de uma política pública mais efetiva, quanto na própria formação a partir de trocas de experiências e procedimentos sobre suas realidades museais.

A regulamentação da lei do museólogo no ano de 1984, foi pauta de diversos Congressos Nacionais de Museus (mais precisamente 7^a, 8^a e 9^a edição), e a partir

²⁵ O I Encontro Nacional de Dirigentes de Museus foi promovido pelo então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, atual FUNDAJ, no Recife, em outubro de 1975. Participaram representantes e diretores de museus de todo o país e renomados intelectuais, dentre os quais Gilberto Freyre e Aloísio Magalhães, que à época era diretor do Centro Nacional de Referência Cultural. (BISSERA, 2017, p. 119).

daí surgiram estudos e debates que forjaram a criação do Sistema Nacional de Museus e o seu respectivo programa.

É possível destacar também o I Encontro Nacional de Museólogos realizado, em 1981, na cidade de Salvador. Segundo Coelho (2015), desde 1979, os profissionais da Bahia, ligados ao Curso de Museologia da UFBA e à AMB, passaram a dedicar atenção ao tema. Desse encontro, resultou um novo projeto para regulamentar a profissão de museólogo, que passou a tramitar na Câmara dos Deputados por meio do deputado Octacílio Queiroz (PMDB/PB). (BISSERA, 2017. p. 120).

Desta maneira, a ABM tentava articular cursos em outros estados, e assim, o debate sobre a formação estava focado também na organização de centros para concessão do registro profissional, e que seriam nas cidades do Rio de Janeiro, Salvador, Porto Alegre, Recife e Curitiba, não sendo lembrado a cidade de São Paulo onde era desenvolvida uma pós-graduação na área. Nesta perspectiva, a metrópole paulista mobilizou-se e trouxe esta possibilidade a partir desta modalidade de ensino.

Na esfera estadual, no Rio Grande do Sul, neste período apresenta Ildo Meneghetti como governador, que inicia uma política de desdobramentos nos transportes; Leonel Brizola o sucede e cria políticas de renda e redistribuição de terras, como também a “Campanha da Legalidade”²⁶, e não foram menos significativas suas colaborações na estruturação da Educação. Meneghetti retorna ao governo do Estado e se alia aos militares, a partir daí, há uma sucessão de

²⁶ Em meados da década de 1950, a radicalização política entre distintos projetos de sociedade foi se tornando mais clara, especialmente depois da tentativa de Golpe Civil-Militar, abortado pelo suicídio do Presidente Getúlio Vargas, em 1954. Sucessivas crises políticas e tentativas golpistas foram sendo postas em marcha pelos setores liberais e conservadores da sociedade brasileira. A mais marcante foi desencadeada pela renúncia de Jânio Quadros, abrindo uma crise institucional em que as forças progressistas e de esquerda impediram o golpe dos ministros militares, garantindo a posse do Vice-Presidente João Goulart, abrindo um contexto diferente na política brasileira. [...] Em 1961, a tentativa de golpe não foi vencedora porque o Governador do Rio Grande do Sul, Leonel de Moura Brizola, assumiu uma postura radicalmente contra a iniciativa e praticamente tornou o estado uma região rebelada. Imediatamente, ele recebeu apoio de boa parte da sociedade sul-rio-grandense, a grande maioria dos deputados, sindicalistas, estudantes etc., enquanto a Brigada Militar foi posta em prontidão. Em nível nacional, a maioria das forças políticas identificadas com um projeto nacionalista, e mesmo aqueles que somente defendiam a legalidade se opuseram ao golpe, promovido pelos três ministros militares de Jânio, Sílvio Heck; da Marinha, Odílio Denys, do Exército e Grun Moss, da Aeronáutica, com a cumplicidade do Presidente interino Ranieri Mazzilli. Quando o comandante do III Exército, general Machado Lopes, aderiu ao movimento liderado por Brizola, a resistência começou a crescer, então contando com o maior contingente militar do Brasil. [...] O movimento foi vitorioso em função da grande mobilização popular, pela defesa da legalidade constitucional, pela decidida liderança de Leonel Brizola e pela falta de apoio social mais amplo dos setores conservadores. (KONRAD; LAMEIRA, 2011, pp. 68-70).

Governadores Indicados pelo regime (Walter Peracchi Barcellos (1966/1971), Euclides Triches (1971/1975), Sinval Guazzelli (1975/1979) e José Amaral de Souza (1979/1983) no Estado oriundos da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) no período ditatorial militar e passando por uma outra série de Governadores Eleitos (Jair Soares/PSD²⁷ (1983/1987), Pedro Simon/PMDB (1987/1990), Sinval Guazzelli/PMDB²⁸ (1990/1991) e Alceu Collares/PDT²⁹ (1991/1995) de diferentes siglas partidárias durante a redemocratização do país. Assim, estes períodos propiciam o desencadear de perspectivas que vão incidir também na organização da estrutura funcional do Estado, ao passo que sucede na própria ampliação das atuações profissionais e dos museus.

No próximo capítulo abordaremos a figura do Taborda no âmbito da gestão e sua atuação pelos vários caminhos que foram possíveis na tridimensionalidade da educação, gestão e políticas públicas, a partir de diversos encontros com políticos e intelectuais.

²⁷ Partido Social Democrático.

²⁸ Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

²⁹ Partido Democrático Trabalhista.

3 A FIGURA DO GESTOR

A vida do historiador Tarcísio Taborda³⁰ tem o traje da memória, uma roupagem de sua trajetória cultural, que veste uma ação tridimensional que perpassa o campo da educação (Professor Taborda), da área da gestão (Taborda Curador de Museus) e na efetivação de políticas públicas (Vereador Taborda, Juíz Taborda, Conselheiro Taborda), ou seja, Tarcísio Taborda, filho de Áttila Taborda (médico e professor, com destacados trabalhos na área da assistência comunitária e filantrópica em Bagé) e Julia Costa Taborda (professora), pertenceu ao PSD - Partido Social Democrático, antes da ARENA, extinto pelo Ato Institucional – AI-2 na Ditadura Militar em 1965, era um cidadão que atuava em muitas áreas e transitava bem nessa relação entre pessoas e instituições, mas especificamente nos museus, nosso interesse nessa dissertação.

Ele estendia um varal de ideias, e ia dependurando uma a uma, fazendo entendimentos, recolhendo-as, tirando e trocando-as de lugar, remexendo e observando qual o melhor tempo e lugar para expô-las até que estivessem aptas para seu uso.

³⁰ Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Porto Alegre, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Advogado, vereador, professor secundário nos antigos ginásios Espírito Santo e Perseverança (hoje, Escola Melaine Granier); Juiz de Direito, professor das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras e Direito da FunBa; fundador dos Museus Dom Diogo de Souza e Patrício Corrêa da Câmara e participante da organização do Museu da Gravura Brasileira, todos em Bagé. Diretor de Cultura da Secretaria de Estado da Cultura, Desporto e Turismo, como secretário substituto: diretor de cultura da SMEC, membro do Conselho Estadual de Cultura, durante 10 anos; membro do Conselho Municipal de Cultura, há 5 anos; vice-presidente da Fundação Áttila Taborda e curador de museus da instituição; presidente do Conselho Regional de Museologia. [...] Pertencente a várias instituições culturais, sendo membro efetivo do Instituto Geográfico do Rio Grande do Sul, Academias de Letras do Rio Grande do Sul, Academia Brasileira de História (São Paulo), Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (Rio de Janeiro), Círculo de Pesquisas Literárias (Porto Alegre) e da Academia Bageense de Letras. Membro correspondente dos Institutos Histórico e Geográfico de Jaguarão, Uruguiana, Pelotas, São Luiz Gonzaga, no Rio Grande do Sul; de São Paulo, Santa Catarina e Minas Gerais; dos Institutos Genealógico Brasileiro, São Paulo: de Estudos Genealógicos, Porto Alegre: da Acadêmia de Letras José de Alencar, em Curitiba; da Sociedade Sul Riograndense, no Rio de Janeiro; da Associação de Pesquisa Histórica e Arquivística, no Rio de Janeiro, da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, em São Paulo; da Sociedade Brasileira de Estudos do Século XVIII, em Brasília; da Conferência Latino-Americana de Estudos Históricos, em Melo, no Uruguai. Pertencente a várias instituições de classe: a Associação de Juízes do Rio Grande do Sul, Associação Brasileira de Magistrados, Associação dos Professores Universitários de História, International Council of Museums (Paris, França), Associação dos Membros do ICOM, como membro do Conselho Consultivo, da Associação Portuguesa de Museologia (Lisboa), Associação Brasileira de Museologia, Associação Riograndense de Museologia, como fundador. (CORREIO DO SUL, 1998, p. 9).

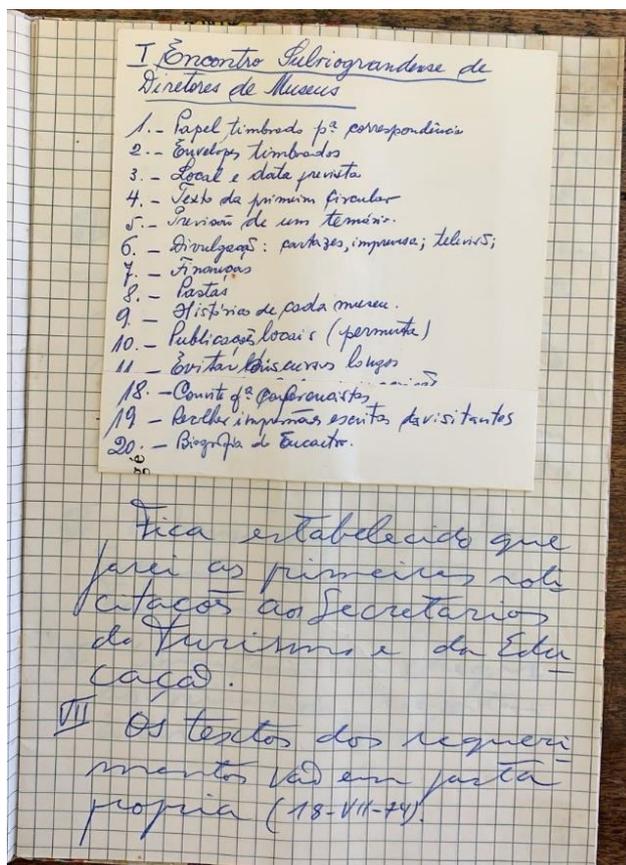
Esta visão desempoeirada, arejada e aberta a construção é um pouco dessa atuação que perpassa caminhos diferentes na configuração desta vestimenta de Taborda. Abrangência esta, exemplificada também na tridimensionalidade entre educação, gestão e políticas públicas aplicadas ao longo da trajetória de Taborda, que reflete uma caracterização bastante importante para demonstrar uma sistematização de trabalho em prol do setor museal. Entendemos educação como “[...] a ação de desenvolver um conjunto de conhecimentos e de valores morais, físicos, intelectuais, científicos, etc. O saber, o saber-fazer, o ser e o saber-ser formam os quatro componentes centrais do domínio da educação” (DESVALÉES; MAIRESSE, 2013, p. 38).

Entretanto sobre esta perspectiva, é importante salientar a atuação bastante ativa de Taborda ao construir e lecionar a disciplina de Elementos da Museologia nos cursos da Universidade Regional da Campanha (URCAMP), bem como a construção dos Encontros Sul Rio-Grandenses de Museus, que teceram importantes momentos de debates visando a formação e a reflexão dos profissionais de museus.

A educação, em um contexto mais especificamente museológico, está ligada à mobilização de saberes relacionados com o museu, visando ao desenvolvimento e ao florescimento dos indivíduos, principalmente por meio da integração desses saberes, bem como pelo desenvolvimento de novas sensibilidades e pela realização de novas experiências. “A pedagogia museal é um quadro teórico metodológico que está a serviço da elaboração, da implementação e da avaliação de atividades educativas em um meio museal, atividades estas que têm como objetivo principal a aprendizagem dos saberes (conhecimentos, habilidades e atitudes) pelo visitante. (ALLARD; BOUCHER apud DESVALÉES; MAIRESSE, 2013, pp. 38-39).

Taborda planejou os Encontros Sul-Riograndenses de Museus com uma especificidade de detalhes identificados numa sequência de tarefas como as que encontramos num manuscrito constante do arquivo do Museu Dom Diogo de Souza de 1974, com a seguinte listagem: 1 – Papel timbrado para correspondências; 2 – Envelopes Timbrados; 3 – Local e data previstos; 4 – Texto da primeira circular; 5 – Previsão de um término; 6 – Divulgação: Cartazes, imprensa, televisão; 7 – Finanças; 8 – Pastas; 9 – Histórias de cada museu; 10 – Publicações locais (permutas); 11 – Evitar concursos longos; [...] 18 – Convite para conferencistas; 19 – Recolher as impressões escritas dos visitantes e 20 – Biografia do Encontro.

Figura 1 – Diário do Tarcísio Taborda



Fonte: Arquivo Museu Dom Diogo de Souza, 1974.

A gestão como outro eixo importante desta construção, tem um viés museológico que demonstra que as “[...] linhas diretrizes ou de “estilo” de gestão traduzem certa concepção do museu – particularmente no que se refere à sua relação com o serviço e para o público”. (DEESVALÉES; MAIRESSE, 2013, p. 47). O entendimento de gerir um espaço como prestando um acesso à comunidade, seria como a garantia do direito à memória, traduzido em muito na sua preocupação com as estruturas destes locais e nos artefatos reunidos por Tarcísio Taborda na implementação do Museu Dom Diogo de Souza, onde as pessoas poderiam desvelar a história, a partir da linha da história local e regional. As políticas públicas culturais são como o meio que efetiva esse acesso, é uma ferramenta presente na trajetória interdisciplinar de Taborda, perpassando seu papel de legislador, gestor e magistrado, ao mesmo tempo que é entendida como:

Los estudios recientes tienden a incluir bajo este concepto al conjunto de intervenciones realizadas por el estado, las instituciones

civiles y los grupos comunitarios organizados a fin de orientar el desarrollo simbólico, satisfacer las necesidades culturales de la población y obtener consenso para un tipo de orden o transformación social. (RUBIM, 2007 apud CANCLINI, 2007, p. 13).

Assim, orientando e determinando caminhos na própria gestão, como bem abordou Taborda no seu discurso de posse ao assumir a Direção do Departamento de Cultura da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo do Estado do Rio Grande do Sul, traçando em algumas poucas linhas, o que era sua primeira compreensão como estratégia para a formulação de políticas culturais.

Com este objetivo, as instituições mantidas pela Secretaria, não terão suas atividades voltadas apenas para as localidades onde estão sediadas, mas também levarão seus programas de ação cultural, intensamente, pelos roteiros por onde se desenvolverão várias atividades culturais. Fazendo o Rio Grande do Sul conhecido dos Rio-Grandenses, a divulgação ampla do Calendário Cívico-Cultural do Estado, e o aperfeiçoamento de suas informações, se fará por todas as formas, e o Banco de Dados Culturais, saberá e poderá indicar, a qualquer momento, a maior gama de informações sobre instituições, vultos, feitos e fatos da gesta gaúcha, seus artistas, suas artes, sua vida. (TABORDA, 1981, folha datilografada).

E, seguindo na sua abordagem de estratégia do que poderia fazer na sua gestão no Departamento de Cultura no Estado, Taborda enfatiza uma sistematização de política pública ao referir-se “As metas a serem atingidas pelo Departamento de Cultura [...] agora estão consubstanciadas no III Plano Setorial de Educação, Cultura e Desporto, traçado pelo Ministério de Educação e Cultura e de dirigem para o meio rural e as periferias urbanas”. (TABORDA, 1981, folha datilografada). Assim, ele acreditara construir caminhos e possibilidades para uma política de “desmetropolização” da cultura, cujo objetivo era descentralizar as atividades culturais da capital do Estado.

Nestes breves indicativos, se sobressai no historiador bageense a representação do gestor que sistematiza um fluxo de ações, que se faz necessário, para a realização de diversas demandas para a efetivação de um dos Encontros de Museus, e demonstra um planejamento para ir sistematizando essa idealização do evento.

3.1 Museus para preservar locais e memórias

Como nos diz Luiz Antonio de Assis Brasil “Os museus sul-rio-grandenses, tão diversos entre si, dão conta desse acervo pretérito, mas também de nosso presente e nosso futuro”. (ASSIS BRASIL, 2013 apud SEM/RS, 2013, p. 7). Um entendimento dessa abrangência em nosso Estado, está na formação das instituições com a preservação das memórias³¹ de figuras importantes, de lugares icônicos e/ou protegidos, reunindo objetos das coletividades e de curiosidades da formação das sociedades. Outra característica importante que define bem as instituições museais do sul do país, é que são locais de pequeno e médio porte, normalmente vinculados à gestão pública de caráter municipal³².

O fato da expressiva maioria dos museus serem gratuitos no RS se dá por que eles possuem vínculo institucional com poderes públicos, sendo das esferas municipais, estadual e federal, e dos mais distintos poderes e órgãos do executivo, legislativo, judiciário e outras instituições vinculadas. [...] Esse montante de 83% de acesso gratuito aos museus caracteriza fortemente a presença da esfera pública na elaboração e manutenção de acervos para com suas instituições, fortalecendo e dando acesso a uma política de memória. (SEM/RS, 2014, p. 26).

Estas características, demonstram que os museus são parte importante da “res pública”, ou seja, “coisa do povo”, e que a partir delas devem ser pensadas as políticas públicas para que exatamente esse mesmo público possa ter acessado o seu direito de memória. Contudo, essa não é a realidade dos museus, nem dos brasileiros, nem dos sul-riograndenses, o que há na verdade é um esforço coletivo, mesmo os de natureza privada, para manterem-se ativos e abertos, perante a falta de investimentos.

A partir das trajetórias, podemos dizer que um dos desafios dos museus é o de não contentarem em serem espaços acabados, restritos a quatro paredes, mas sim serem processos culturais com relevantes papéis sociais. Por este caminho, podemos, então, pensar novos paradigmas da museologia, como as questões que surgem

³¹ Relacionada com a história, a memória, vista como fonte de experiência ou suporte de identidade coletiva, pode se apresentar também na forma individualizada ou pode ser social, individual, coletiva ou social, a memória pode ser vista como um sistema onde se cruzam estruturas culturais, políticas e econômicas enquanto códigos de representação. (AXT apud RAMOS, 2005, p. 265).

³² Conforme consta na publicação: Breve Estudo dos Museus do RS, organizado pelo Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul no ano de 2014.

com a diversidade de categorias de museus [...]. (NASCIMENTO JUNIOR, 2021, p. 41).

José do Nascimento Junior, ex-presidente do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), aponta que o caminho dos museus para preservarem locais e memórias, está na possibilidade de serem dinâmicos nas suas ações e comunicações, e compreendendo que a diversidade de tipologias de instituições, compõem uma riqueza imensa, tanto para a atenção da curiosidade humana, que pode se reconhecer por meio de algumas destas trajetórias expostas e trabalhadas, quanto da capacidade de produzir uma gama de conhecimentos específicos sobre determinada temática, assunto e/ou fato.

A partir das trajetórias, podemos dizer que um dos desafios dos museus é o de não contentarem em serem espaços acabados, restritos a quatro paredes, mas sim serem processos culturais com relevantes papéis sociais. Por este caminho, podemos, então, pensar novos paradigmas da museologia, como as questões que surgem com a diversidade de categorias de museus [...] (NASCIMENTO JUNIOR, 2021, p. 41).

Outrossim, é preciso pensar a Museologia e, por conseguinte, pensar os museus³³, para que estes possam repensar o passado, atualizar o presente e projetar o futuro da sociedade, com reflexões que auxiliem na compreensão de processos que formatam ciclos de vida, ao mesmo tempo que exemplificam a finitude humana, e a recordam para trazer da posteridade, as significâncias de um tempo que há de vir. Helguera observa: “Museus são locais de possibilidades. Mas as possibilidades somente se tornam reais quando os educadores usam habilmente a amplo conhecimento e compreensão que têm de seus objetos de seus museus para inspirar e encorajar as pessoas a sonharem um pouco mais com eles e a apropriarem-se deles”. (HELGUERA apud BURNHAM; KAI-KEE, 2011, pp. 17-18).

A educação em museus é essa possibilidade, real e presente nas instituições, como uma grande ferramenta de gerar pertencimento por locais e memórias, uma forma de atribuir sentido e que este esteja presente no imaginário do povo, para que

³³ “Diante dessa complexidade de possibilidades que abarca a atuação dos museus de organizarem os reflexos de comunicação e da ação humana no tempo, é importante pensar/negociar um material de comunicação que amplie os recursos pedagógicos do museu, os quais contemplem as referências do patrimônio cultural da instituição, compreendendo a historicidade da mesma, dos seus ambientes, da exposição, dos acervos, da missão, das linhas de pesquisa, do público visitante e do seu entorno”. (GAMA, 2015, p. 68).

pertencente e seu, o museu deixe de ser de poucos e passe a ser da coletividade. É nesta percepção, que os museus podem preservar locais e memórias.

3.1.1 Museu Dom Diogo de Souza

Taborda ao comentar sobre a cidade de Bagé e a criação do Museu, relata: “No resgate da memória de Bagé, surge em 1955, o Museu Dom Diogo de Souza, que passa a recolher os testemunhos materiais de nossa história e do homem, constituindo-se, hoje, num repositório indispensável para quem queira estudar Bagé”. (TABORDA, 2015, p. 448).

Aqui, Dom Diogo de Souza a quem é atribuído o comando do primeiro povoamento na cidade, é a figura com importância que estabelece relação com a história oficial do local, por meio de uma narrativa saudosista (quando fala em resgate), que precípua a formação destes acervos, ora chamados testemunhos materiais.

Desta maneira, o museu foi assumindo um papel de guardião da memória local, ganhando referência por seu trabalho de acondicionamento, conservação, exposição³⁴ e pesquisa dos acervos junto à comunidade. “[...] Crescendo, a 22 de março de 1975, o museu deslocou-se para a Sociedade Portuguesa de Beneficência. Em 1969, o museu em celebração de convênio, passa a ser mantido e a fazer parte da Fundação Áttila Taborda/Urcamp, até os dias atuais”. (URCAMP, 2021, n/p).

³⁴ “Se ex-por, é sempre propor, visitar uma exposição é com-por, nos dois sentidos deste termo: aquele que produz uma combinatória e aquele de acomodar-se. Acomodar-se: pactuar, negociar. Visitar uma exposição, é negociar sua relação com o exposto (e então, necessariamente, com quem expõe). Sendo este último de uma forma ou de outra, um enunciador institucional da cultura, e é sua relação com o saber que o indivíduo por exposição interposta, negocia”. (CUNHA, 2010, p. 112).

Figura 2 - Museu Dom Diogo de Souza - Bagé/RS



Fonte: Mapio, 2020.

O imponente prédio de extensa fachada e de grandes escadarias, representa um importante patrimônio da cidade, que passa a abrigar a instituição pensada pelo historiador Taborda e da qual detém a salvaguarda de um acervo com origem diversa.

Possui um acervo histórico e diversificado oriundo de doações da comunidade; na Hemeroteca Isidoro Paulo de Oliveira (coleção de periódicos e revistas de Bagé e RS), objetos do cotidiano, imagens sacras, objetos das revoluções, vestuário, coleção de numismática (cédulas e moedas), documentos, biblioteca de Autores Bageenses, e Biblioteca de Tarcísio Antônio da Costa Taborda. Ainda a Fototeca Túlio Lopes, com acervo de aproximadamente cem mil fotos. A este Museu foi incorporado o acervo do Museu Patrício Corrêa da Câmara. (URCAMP, 2021, n/p).

Assim, nessa grande quantidade de itens e a multiplicidade de origens e tipologias que conformam o conjunto de bens culturais do Museu Dom Diogo de Souza, é que se demonstra um pouco da importância do esforço de Taborda, primeiro em preservar os vestígios das memórias, segundo quanto da busca de um lugar que possibilitasse dar acesso a elas, e condições de salvaguardar esse acervo.

3.1.2 Museu da Gravura Brasileira

O Grupo de Bagé como também fora conhecido este coletivo, era composto pelos seguintes artistas: Carlos Scliar, Glauco Rodrigues, Glênio Bianchetti e Danúbio Gonçalves, que obtiveram destaque na criação de clubes de gravura em Porto Alegre e Bagé na década de 1950 (sendo estes, os primeiros clubes deste tipo de arte, no país). Suas contribuições com os Clubes de Gravuras e, posteriormente com a constituição do Museu da Gravura Brasileira são marcos importantes para a gravura como uma representação na arte.

A gravura como elemento de uma arte a ser reproduzida mais facilmente, principalmente quando o suporte era o papel, atendeu a um dos objetivos deste grupo, de trazer ao conhecimento da população, um material mais acessível, assim despertando novos olhares para a arte. A leitura do Grupo nestas representações de suas gravuras, baseava-se no contexto do cotidiano, principalmente do homem do campo, da lida, das charqueadas, do cuidado com os animais, etc.

O Museu da Gravura Brasileira vai surgir como uma consequência deste trabalho, uma constatação e uma conformação de entendimentos em que se fazia necessária a salvaguarda destes acervos³⁵, tanto para a sua preservação, quanto para inspirar a pesquisa sobre os mesmos.

O Grupo de Bagé foi influenciado pelos modernistas da Semama de 22, e incentivados por outros artistas como o poeta Pedro Wayne, pelo trabalho do pintor e desenhista Lasar Segall, pelo escritor Clóvis Assumpção, e pelo pintor José Moraes, dentre outros.

Aos poucos, Glauco Rodrigues e Glênio Bianchetti instruídos por José Moraes, iam tomando gosto pelo saber e pelo fazer da arte, suas técnicas, suas práticas, suas paletas de cores, dentre outras muitas possibilidades apreendidas num ateliê. E nessa trajetória somaram-se Danúbio Gonçalves e Carlos Scliar, vindos de outras experiências externa a cidade de Bagé.

³⁵ “Dispõe em seu acervo mais de quatrocentas obras do Clube da Gravura de Bagé e Porto Alegre. Uma das primeiras doações foram feitas por Carlos Scliar com doação do acervo particular de gravuras sobre a temática gaúcha. O acervo foi formado integralmente com doações de artistas e particulares. Este acervo é composto de mais de 1700 obras, nas temáticas de gravuras; serigrafia, gravura em metal, xilogravura, ponta seca, fotografias entre outras técnicas. Encontra-se obras de: Vasco Prado, Glauco Rodrigues, Danúbio Gonçalves, Glenio Bianchetti, Vera Chaves Barcelos, Fayga Ostrower, entre outros”. (URCAMP, 2021, n/p).

Mas foram os bageenses Glauco, Glênio e Danúbio que deram início ao Clube da Gravura criando um ateliê coletivo, do qual foi tornando-se um local de encontro de pessoas interessadas em arte e em outras linguagens culturais como o teatro, a música e a literatura.

Nesse mesmo ano o grupo expôs o resultado da produção artística de cada um no auditório Caldas Júnior do Correio do Povo, em Porto Alegre. Essa exposição teve o patrocínio da revista Quixote¹² e a apresentação do crítico de arte da época Clovis Assumpção, que os denominou de “Grupo de Bagé” ou “Novos de Bagé”. (QUADROS, 2010, p. 30).

A partir daí, o grupo começa a destacar-se, Glauco com quadros no Salão Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro. Danúbio vai ao continente europeu para estudar, passando por museus e galerias de arte e Glênio que seguiu em Bagé aperfeiçoando suas técnicas. Já Carlos tinha uma aproximação diferente com Bagé, ele vinha à cidade para visitar seus tios que lá residiam. Residente em Santa Maria também trilhou seus caminhos pela Europa.

Em 1951, o grupo forma o Clube da Gravura de Bagé. Em meio a um sopro de modernidade que inicia no país com o surgimento dos Museus de Arte de São Paulo e do Rio de Janeiro e, também, da 1ª Bienal Internacional de São Paulo. Neste período é que Carlos Scliar retoma ao país. “Entre muitos contatos importantes cabe destacar o encontro destes com o gravador Leopoldo Méndez e sua experiência no Taller Gráfica Popular do México, fato importante para a criação dos Clubes de Gravura no Brasil”. (QUADROS, 2010, p. 39).

Esta aproximação foi determinante para que Carlos Scliar fosse evidenciado como um certo “porta voz” desta experiência mexicana, ao qual fica caracterizada esta influência na criação do Clube da Gravura em Porto Alegre, em 1950, e por conseguinte em Bagé, em 1951. Expressão esta que viria a ligar-se com os aspectos regionais dos quais formariam um entendimento de localidade, significância³⁶ e pertencimento.

O Grupo de Bagé criou o Clube de Gravura com Glênio Bianchetti, Glauco Rodrigues, Danúbio Gonçalves e Carlos Scliar, com o objetivo de usar a arte figurativa e múltipla da gravura, como

³⁶ A abordagem a partir da Carta de Burra (ICOMOS, 1999, n/p) define significância cultural como sendo o “conjunto de valores estéticos, históricos, científicos, sociais ou espirituais para as gerações passadas, presentes e futuras”.

instrumento de valorização do homem e como um elemento capaz de conscientizar e aproximar o povo das artes plásticas. Nessa crença de aproximação da arte com o povo e também na busca de uma arte brasileira, moderna, significativa, como um testemunho de seu tempo, encontram na paisagem, nos tipos humanos a caráter, nos seus fazeres diários, nos seus costumes e nas cenas do cotidiano a temática de sua arte. (QUADROS, 2010, p. 42).

Uma espécie de consórcio, onde cada mês contemplava-se um de seus integrantes com uma gravura, mediante o pagamento de uma mensalidade para manutenção do referido coletivo. Essa era uma forma de divulgar e fidelizar a participação no Clube da Gravura de Bagé.

Nesta perspectiva inovadora veio também a abertura da Galeria Oyarzabal que continha cursos e exposições abertas ao público. As mostras atraíam um grande público envolvendo soldados, trabalhadores e a sociedade de modo geral. Trabalho este foi impulsionando o Grupo e movimentando o cenário cultural local.

O Clube de Gravura de Bagé não teve uma vida longa. A dispersão dos membros do grupo terminou, aos poucos, com as atividades em Bagé, passando a integrarem o Clube de Porto Alegre. Na opinião de Scliar, os artistas de Bagé perceberam que seu trabalho se desenvolveria melhor na capital, onde já havia um grupo produzindo. Dessa maneira, o Clube de Gravura de Bagé, em 1952, se incorporou ao de Porto Alegre e junto aos artistas da capital seguiu com a sua intensa produção. (QUADROS, 2010, p. 47).

Assim, a gravura ia alcançando novos públicos, consolidando-se no campo das artes e o Clube expandindo suas articulações e exposições ano a ano, chegando as grandes cidades do país, América Latina, Europa e Ásia. Após esse momento importante de divulgação e apresentação da gravura, o coletivo voltou seus olhares e sua produção para o caráter regional muito ligado às questões do cotidiano, onde inclusive depois de muita produção, o grupo acrescentaria ao seu lema: “a liberdade nasce do conhecimento”. (SCLIAR, 1981 apud QUADROS, 2010, n/p).

As estâncias da Região da Campanha geralmente eram cenários escolhidos pelo grupo para a sua produção em busca de registrar os símbolos³⁷, hábitos e costumes deste homem do campo, gente do interior, que em suma se ligaria a cidade num contexto de relações.

³⁷ Os símbolos são instrumentos por excelência da “integração social”: enquanto instrumentos de conhecimentos e comunicação [...]. (BOURDIEU, 1989, p. 10).

A gravura por um bom tempo foi elemento importante na cena política local, muito utilizada também jornais, revistas ilustradas e periódicos. Um bom exemplo disso, era a revista Horizonte financiada por uma Associação dos Amigos da Gravura, onde os artistas pudessem expressar as suas ideias, ou seja, uma publicação político cultural. Publicação esta de inspiração comunista e estética socialista da década de 1950, como afirma Balbuena (2001).

O Clube da Gravura e conseqüentemente a revista Horizonte deixaram de ter suas programações e publicações em 1956, e a partir daí os artistas passam a produzir individualmente. “Assim, Bianchetti foi viver em Brasília, Glauco e Scliar no Rio de Janeiro e só Danúbio permaneceu em Porto Alegre. Porém depois dos clubes criou-se uma tradição de gravura que se mantém ainda viva no Rio Grande do Sul”. (QUADROS, 2010, p. 65).

Em 1973, a convite do Museu Dom Diogo de Souza em Bagé, e articulado pelo escritor Ernesto Costa, ocorre um encontro com o coletivo do Grupo de Bagé. Encontro este realizado nas Faculdades Unidas de Bagé (FunBa) com uma mostra dos artistas Glauco, Glênio e Carlos. Esse novo contato, vai aguçar novos encontros nos anos seguintes de 1974 e 1975, o qual não será realizado por dificuldades de participação dos artistas.

Foi somente em 1976, a partir do 1º Encontro Nacional de Artes Plásticas promovido entre a Prefeitura Municipal de Bagé, Fundação Attila Taborda e Secretaria Estadual do Turismo do Rio Grande do Sul com foco nas comemorações dos 25 anos do surgimento do Clube da Gravura, que há destaque entre os participantes para o Grupo de Bagé.

Nesse reencontro, momento de discutir a situação da arte brasileira e também de refletir a postura do artista e a necessidade de abrir espaços de convívio com a arte, a proposta de criação do Museu da Gravura Brasileira foi acolhida por todos. [...] Os quatro artistas se reencontravam, mais uma vez, no mesmo lugar de outrora, numa oportunidade de trabalharem novamente juntos com um novo olhar para seu entorno. Novamente a paisagem, os tipos físicos, os objetos, a fauna, tudo sendo redescoberto, numa percepção diferente dos outros artistas convidados que exploravam uma região totalmente desconhecida. [...] A história desse museu tem início com o Grupo de Bagé e com ele se confunde, pois foi a necessidade de dar guarida à coleção de gravuras do Grupo, que possibilitou a instituição do referido museu. A idéia partiu de Carlos Scliar, um dos integrantes do Grupo de Bagé e contou com o apoio dos demais artistas. (QUADROS, 2010, pp. 70-71).

Amplamente divulgado na imprensa do país, o 1º Encontro Nacional de Artes Plásticas, teve na sua repercussão para além do debate das obras expostas no Museu Dom Diogo de Souza, o reencontro do Grupo de Bagé, 25 anos depois da constituição do Clube da Gravura. Questões levantadas no Encontro como a falta de local para salvaguardar e expor a gravura, ausência de referências para a pesquisa, suscitaram o debate para a criação de um museu especializado que pudesse ajudar fruição dessas obras.

Conjuntamente com a articulação do historiador Taborda (curador dos museus da Fundação Áttila Taborda³⁸), junto a FunBa, que posteriormente o Conselho Federal de Educação reconheceria como a Universidade Regional da Campanha (Urcamp), resultou nas iniciativas para que o meio acadêmico apoiasse e integrasse essa ideia.

Inaugurado em 21 de outubro de 1977, o Museu da Gravura Brasileira surgiu durante o II Encontro Sul-Riograndense de Museus, realizado na cidade de Bagé, como um museu universitário que trazia a gravura como sua especialidade na constituição de acervo e que foi forjada pela produção do próprio Grupo de Bagé.

A história desse museu tem início com o Grupo de Bagé e com ele se confunde, pois foi a necessidade de dar guarida à coleção de gravuras do Grupo, que possibilitou a instituição do referido museu. A ideia partiu de Carlos Scliar, um dos integrantes do Grupo de Bagé e contou com o apoio dos demais artistas. (QUADROS, 2010, p. 16).

Assim, na região da campanha, no sul do Rio Grande do Sul, nasce o Museu da Gravura Brasileira em Bagé, com um acervo de uma importante representação da arte (gravuras³⁹, xilogravuras⁴⁰, linoleogravura⁴¹, litografia⁴², serigrafia⁴³, dentre

³⁸ A Fundação Áttila Taborda (nome do pai de Tarcísio) era a instituição mantenedora da FUnBa.

³⁹ [...] é uma linguagem visual que representa um tipo de arte, como pinturas e relevos. Com esta técnica, a imagem é obtida por meio de impressão de uma matriz. (LAART, 2021).

⁴⁰ Técnica de produção e reprodução de imagens que consiste na gravação em relevo de uma matriz de madeira (xýlo, em grego) para a impressão de estampas sobre outros suportes. (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2021).

⁴¹ Técnica executada sobre chapa de linóleo. Surgiu no início do século XX, mas trata-se essencialmente, de um desenvolvimento da xilogravura; as gravuras em linóleo, porém, são de mais fácil execução e empregam uma variedade de facas e goivas para cortar a superfície homogênea e macia do material. (PINACOTECA BARÃO DE SANTO ÂNGELO, 2021).

⁴² A litogravura é um estilo de impressão que funciona como uma gravação feita por meio de desenhos sobre uma matriz porosa. Trata-se de um processo químico, que tem como base o princípio da repulsão entre água e óleo. (LAART, 2021).

⁴³ A segunda técnica planográfica, a serigrafia (serium = seda), tem como antecedente o molde vazado, ou pochoir, técnica utilizada para criar estampas coloridas. (LAART, 2021).

outros), com destaque para a doação feita por Taborda com mais de 97 gravuras, fortalecendo o surgimento dessa instituição museal.

A gravura ganhou espaço pela sua forma simplificada de reprodução, e isto aliada a um contexto de regionalidade vinculado a um local, neste caso, o cenário era Bagé e suas estâncias, o que ampliou a potencialidade dessa representação de arte e aproximou do público que identificava nestas obras, o seu cotidiano, costumes e tradições.

[...] O Museu da Gravura surgiu da proposta de Scliar e tomou forma a partir da dedicação e empenho do historiador Tarcísio Taborda. Essas duas figuras atuantes e comprometidas com as questões culturais e sociais do seu tempo acreditavam no museu como uma ferramenta de memória importante para a sociedade. (QUADROS, 2010, p. 100).

Assim, o museu assume uma responsabilidade de um espaço institucional que pretende dar suporte a preservação e a difusão da pesquisa da gravura no país. E nesta perspectiva, manter o legado e a história do Grupo de Bagé. Uma vontade de memória compartilhada entre os artistas, a faculdade e a cidade, a partir de uma exposição dentro desse encontro de artes plásticas.

Taborda empenhou-se na busca de um espaço adequado para a instalação do museu⁴⁴, e o local que apresentou as melhores condições, foi uma edificação que foi cedida em comodato da União ao Museu Dom Diogo de Souza, onde ele iria instalar a seção de armas do Museu. Contudo, a importância de acondicionamento deste acervo e, também, de toda a obra, foram fatores fundamentais para que o historiador fosse sensível na cedência desse local ao novo museu.

Desta forma, “O trabalho de organização e estruturação do novo museu, desde a escolha e adaptação do prédio, organização e catalogação do acervo, seleção dos artistas expositores e montagem de exposições, teve a coordenação de Tarcísio Taborda”. (QUADROS, 2010, p. 103). Mais uma vez se demonstra a perspicácia de Taborda para o olhar crítico ao âmbito cultural.

Nesta oportunidade, diversas figuras políticas importantes estiveram na sua inauguração do museu, o então Vice-Governador José Augusto Amaral de Souza, o Prefeito de Bagé Camilo Moreira, os 4 de Bagé e a museóloga Guarnieri, nome de

⁴⁴ [...] tem por finalidade recolher, adquirir, estudar, conservar, comunicar/expôr, para fins de estudo, educação, cultura e lazer, obras de Artes Visuais com ênfase na gravura. (URCAMP, 2021).

destaque na museologia brasileira. O Museu, aos poucos, foi ganhando reconhecimento e presença dos artistas de todo o país, principalmente pela boa organização de uma comissão de seleção que tinha como membros, a Curadoria dos museus (Taborda), a Direção da Faculdade de Belas Artes (FunBa) e os artistas Danúbio e Glauco. Aqui caracteriza-se um método de trabalho e conseqüentemente o envolvimento do Grupo de Bagé no cuidado da qualidade dos trabalhos que vão ser expostos à comunidade.

O legado deste trabalho consolidou o Museu da Gravura Brasileira como um dos mais importantes espaços de arte no interior do Rio Grande do Sul. Cabe salientar e registrar que a companheira de Taborda, Neusa Vaz Silveira, atuando também junto aos museus. “Ocorreram várias mudanças administrativas desde então e, entre elas, a partir de 1996, o museu passou a incorporar em seu acervo outras linguagens artísticas em suportes diversos como: pintura, cerâmica, técnicas mistas e esculturas”. (QUADROS, 2010, p. 116).

Estas mudanças de ordem administrativa e principalmente nessa nova composição de acervos, demonstrou que a instituição não estava preparada para o acondicionamento desses itens, precarizando alguns ambientes e salvaguardando de maneira inadequada os mesmos. E tudo, isso se refletiu numa redução de atividades da instituição e uma limitação da presença de público. “O Museu da Gravura Brasileira [...] foi fechado em abril de 2009 e seu acervo também foi transferido para o mesmo prédio, porém este, diferente do anterior, não está em exposição”. (QUADROS, 2010. p. 118). Hoje, o museu encontra-se em pleno funcionamento, desenvolvendo suas atividades e está localizado na rua Coronel Azambuja nº18, do qual faz parte de um complexo da Universidade Regional da Campanha (URCAMP).

Figura 3 - Museu da Gravura Brasileira - Bagé/RS



Fonte: Museu da Gravura Brasileira - Facebook, 2020.

A contribuição do Grupo de Bagé ainda reverbera como um marco da arte no Brasil, o Clube da Gravura possibilitou uma leitura de mundo bem específica que se tornou geral, e por conseguinte identitária, e configurou num desejo de memória coletivo dos artistas e dessa forma de representar a arte. Conhecimento e técnica se aliaram num processo desafiador de retratar o cotidiano, os saberes, fazeres e afazeres de uma vivência, de um modo de operar a vida, e entender o sentido e as coisas que movem o homem do campo.

É inegável também a compreensão do historiador Taborda, para com o comprometimento de sua ação para a cultura⁴⁵ e artes, neste episódio específico da constituição do museu, sua atuação perpassa a parceria para a realização do 1º Encontro Nacional de Artes Plásticas, em seguida podemos perceber a sua grandiosa doação de 97 gravuras para fomentar o surgimento do museu, e por último sua articulação na constituição de uma sede para a gravura.

⁴⁵ Segundo o discurso de Gilberto Gil (2003) também reforçado pela museóloga Marcele Pereira: “E o papel da cultura, nesse processo, não é apenas tático ou estratégico – é central: o papel de contribuir objetivamente para a superação dos desníveis sociais, mas apostando sempre na realização plena do humano. (PEREIRA, 2018, p. 104).

O Museu da Gravura Brasileira localizado em Bagé, é um marco na forma de representar a arte no país, inspirado no I Encontro Nacional de Artes Plásticas, foi na regionalidade do II Encontro Sul-Riograndense de Museus que evocou a sua potência como lugar de memória e a consolidação do projeto. Um museu expande a compreensão de lugar e do indivíduo, e ao mesmo tempo que é singular, torna-se plural e diverso na constituição e acervo.

3.2 Os encontros de Taborda

A presença articuladora de Taborda vem da sua capacidade de estabelecer diálogos com autoridades, lideranças, intelectuais, profissionais e trabalhadores em museus, são dessas conversações que surgem as possibilidades de interação e parcerias que podem resultar em trabalhos e eventos e, a partir dessas conexões, vão estabelecer reflexões, debates, ações e projetos sobre a história, a memória e os museus.

Os atores sociais (indivíduos, organizações) são entendidos a partir de sua intenção em uma estrutura de rede social. O desenho desta rede posicionará este ator em um ambiente social, o que resultará em trajetórias biográficas particularizadas decorrentes de sua posição na estrutura social e das experiências por eles vivenciadas. O que significa dizer que, se por um lado, podemos encontrar determinantes na estrutura social, outros elementos de importância igualmente significativa podem ser encontrados nas ações dos indivíduos. (FONTES; STELZIG, 2004, p 59)

Taborda é um cidadão local, que da sua Bagé, procurou criar a partir de um momento/evento, os Encontros Sul-Riograndenses de Museus, um espaço de diálogo, debates e formação entre especialistas e trabalhadores de museus. Tal preocupação perpassa a sua observação sobre a realidade de pequenos e médios museus que compõem o cenário no Estado do Rio Grande do Sul, a fim de buscar qualificar ainda mais suas gestões e suas atuações perante a sociedade. Assim, estas composições e redes de sociabilidades que se formam a partir de Taborda, demonstram que:

Os agentes sociais, bem como as coisas por ele apropriadas, logo constituídas como propriedades, encontram-se situados em um lugar do espaço social, lugar distinto e distintivo que pode ser caracterizado pela posição relativa que ocupa em relação a outros lugares (acima, abaixo, entre, etc) e pela distância (por vezes dita “respeitosa”) [...] que o separa deles. (ALENCAR apud BOURDIEU, 2022)

Outro fator importante para mencionar, é seu envolvimento na construção do setor, ajudando a formar e participar de instituições de classe profissional, de divulgar por meio de seus escritos, de auxiliar na formação de pequenos cursos junto a instituições de ensino, e manter contatos para trocas de experiências e técnicas museais.

É necessário disputar o simbólico como uma ferramenta de representação da reflexão, a qual se quer propiciar no debate, na instigação de provocar uma pergunta, gerar um desconforto, desacomodar o visitante da posição de contemplação e fazê-lo pensar no que está posto naquela narrativa. Somente assim o museu cumpre sua função social de refletir na e a sociedade. (GAMA, 2015, p. 89-90).

Taborda assim, transformava-se para uma perspectiva regional, nacional e até internacional, uma referência na articulação dos Encontros, que vai reunindo uma congregação de esforços muito interessante para sua realização. Sua experiência e influência como professor, vereador e jurista demonstram uma grande capacidade argumentativa, prestígio perante a sociedade e a universidade mantenedora, bem como conhecimento de parcerias e possibilidades junto aos órgãos públicos e privados, e que auxiliam para o desenho do programa destes encontros e, por conseguinte, a sua execução. Exemplificando que “[...] o reconhecimento, marcado e garantido socialmente por todo um conjunto de sinais específicos de consagração que os pares/concorrentes concedem a cada um de seus membros.” (BOURDIEU, 1983, p.127)

Neste recorte, escolhemos três perfis diferentes de intelectuais, que demonstram bem, as importantes relações que o historiador bageense estabelecia com cada uma dessas referências do setor cultural. Assim, Aloísio Magalhães e as políticas culturais brasileiras; Fernanda Moro e a relação junto ao Comitê Internacional de Museus – ICOM; Waldisa Rússio Guarnieri e a teoria museológica. Uma compreensão importante e diversa de uma visão estratégica para a área, ao passo que ia formando correlações de entendimento entre diferentes atores e linguagens para formação de um campo de atuação.

3.2.1 Taborda e Aloísio Magalhães

O período a partir de 1970, são anos que caracterizam significativas mudanças no setor cultural e dos museus. A cultura no Brasil como eixo de políticas públicas tem, conforme Isaura Botelho três momentos significativos, que ela centraliza nas figuras de três expoentes: Mário de Andrade, Aloísio Magalhães e Gilberto Gil.

São três brasis diferentes (anos 1930, 1970 e 2000), porém a linha de continuidade se faz pela presença de pressupostos conceituais que contribuíram para a relevância das políticas implementadas em cada uma dessas épocas, relevância que continuam tendo quando se pensa na institucionalização deste campo no Brasil. (BOTELHO, 2007, p. 109).

Neste período, estamos entre a criação do documento que viria a se considerar como uma política de cultura brasileira (Decreto-lei n. 25 de 1937) e a consolidação de uma política democrática (anos 2000). Os antecedentes expressivos e os levantamentos do Centro Nacional de Referência Cultural - CNRC, propostos pela política de cultura dos governos militares, embasaram toda uma forma de pensar e agir no âmbito da proteção patrimonial dos bens.

Nessa fase, o Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN) foi transformado em Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), como ele é atualmente conhecido. Nesse ciclo, tendo Brasília (DF) como a nova capital federal, também aconteceu a assinatura do *Compromisso de Brasília*, com o objetivo de convocar os Estados e Municípios brasileiros a atuarem na preservação do patrimônio cultural, cujas recomendações foram complementadas em outubro de 1971 pelo *Compromisso de Salvador*. (IPHAN, 2020).

É neste tempo que observaremos mais precisamente a atuação de Aloísio Magalhães na década de 1970. Conforme Botelho, “quando houve uma grande reformulação do quadro existente até então e, mais uma vez, instituições foram criadas para atender às novas necessidades do período” (BOTELHO, 2013, p. 118) principalmente a mudança da imagem da ditadura militar brasileira frente ao Golpe de 1964. Assim sendo, em 1975, a cultura aparece transcrita num documento intitulado Política Nacional de Cultura – PNC, organizada pelo Conselho Federal de

Cultura, a qual criou⁴⁶ e organizou setores administrativamente e promoveu uma sistematização de diretrizes para o setor.

Sob o comando de Aloísio Magalhães, a proposta que, no início dos anos 80, estabeleceu os termos do intenso debate entre as instituições que compunham a então Secretaria da Cultura do MEC aponta a continuidade do projeto (configurado no Anteprojeto) de Mário de Andrade, relido e reapropriado em função das conjunturas do momento. (BOTELHO, 2013, p. 119).

Rememorando que Mário de Andrade tem no seu anteprojeto para o patrimônio cultural uma abrangência importante do próprio conceito de cultura que adquire adesões do então Ministro Gustavo Capanema, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Sérgio Miceli, dentre outros expoentes da política cultural daquela época. Botelho destaca que “[...] Aloísio radicaliza a opção pela dimensão antropológica da cultura e a adota como baliza de sua política. [...] pode-se dizer que a cultura é tudo – para Mário de Andrade tudo era arte – o que o ser humano elabora e produz, simbólica e materialmente falando”. (BOTELHO, 2013, p. 120). Tudo isto vai depreender de uma grande capacidade de se articular com outros setores da gestão pública.

Magalhães demonstra este entendimento do alargamento do conceito cultural ao criar o Centro Nacional de Referência Cultural – CNRC, já articulando as pautas da cultura com outros setores na gestão pública, mas com um objetivo específico de mapear questões referentes ao desenvolvimento econômico, valores culturais, produtos culturais, dentre outros.

Em 1979 ocorre a fusão entre o então Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) dirigido por A. Magalhães, o Programa de Cidades Históricas – da Secretaria de Planejamento da Presidência da República e o CNRC, reunidos na Fundação Nacional pró-Memória, braço executivo do patrimônio, transformado em subsecretaria. (BOTELHO, 2013, p. 121).

Aloísio Magalhães vai demonstrando um bom trânsito entre as instituições governamentais e uma intensa articulação no sentido de congregar esforços para a fortalecimento da própria Secretaria e a formalização de uma política cultural,

⁴⁶ Órgãos que foram criados: Fundação Nacional das Artes – FUNARTE e Empresa Brasileira de Filmes – Embrafilme, e outros tiveram ampliados a sua atuação como o Serviço Nacional de Teatro e ainda a criação de conselhos como Conselho Nacional de Direito Autoral – CNDA, o Conselho Nacional de Cinema – CONCINE.

reunindo-os em prol deste projeto, representado nas assinaturas⁴⁷ do documento *Diretrizes Para a Operacionalização da Política Cultural do Ministério da Educação e Cultura – MEC*, marcado por duas linhas: a patrimonial e a de produção cultural, colocando ambas em roteiros distintos.

Priorizada pela gestão de Magalhães, a linha patrimonial indicou uma mudança significativa ao valorizar o “legítimo saber do povo” como uma possibilidade de solucionar os impasses nacionais. “O esforço no sentido de operacionalizar um conceito mais abrangente de bem cultural, a obtenção do comprometimento de outras entidades com o programa de trabalho do Iphan e a instauração de um diálogo franco e leal com a comunidade [...] suscitadas pelo trato dos bens culturais”. (IPHAN, 2020, n/p). Por reiterados pedidos e demandas dos Secretários Estaduais de Cultura e com o advento da redemocratização, em 1985, surge na vida institucional o Ministério da Cultura – MinC, o qual tem sua estrutura e configuração constantemente alterada. Como registra Isaura Botelho:

Nesse sentido, o momento mais doloroso foi 1990, quando o governo de Fernando Collor de Melo se iniciou pondo fim nas instituições federais de apoio à produção cultural e ao patrimônio, que foram aglutinadas em duas novas instituições: o Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (IBAC) e o Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC), ambos sem nenhum prestígio político ou apoio orçamentário. O Ministério foi rebaixado ao status de secretaria da presidência da república. Esta situação foi de tal gravidade que, mesmo com os esforços de reconstituição – a secretaria volta a ser ministério pela promulgação da lei no. 8.490 de 19/11/1992 – realizados a partir de 1993, no governo Itamar Franco. Sente-se ainda hoje o golpe deflagrado então. (BOTELHO, 2013, p. 127).

E Magalhães também se fez presente nos Encontros Sul-Riograndenses de Museus, mais precisamente na abertura da 2ª edição, em 1977, demonstrando atenção a pauta da memória e dos museus e onde relatou um pouco de seu trabalho à frente do Centro de Referência Nacional.

⁴⁷ “São eles: Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e a Subsecretaria de Assuntos Culturais; Biblioteca Nacional; Coordenação de Museus e Casas Históricas; Empresa Brasileira de Filmes s.a.; Fundação Casa de Rui Barbosa; Fundação Joaquim Nabuco; Fundação Nacional de Arte e seus Institutos de Artes Plásticas, Música, Folclore e Assessoria Técnica; Fundação Nacional Pró-Memória; Instituto Nacional do Livro; Museu Histórico Nacional; Museu da República; Museu Imperial; Museu Nacional de Belas-Artes; Museu Villa-Lobos; Serviço Nacional de Teatro; 10 Delegacias Regionais, responsáveis pelo patrimônio nacional, com raio de ação em todos os estados do país”. (BOTELHO, 2013, p. 122).

Destacou que há dois anos desenvolve em Brasília trabalho com vistas à formação de uma instituição capaz de orientar de maneira sistemática, identificar, registrar e impulsionar a cultura brasileira. Considera Brasília um centro de decisão não apenas a nível político como econômico e, por isso, capaz de possuir uma instituição que venha a tratar de fenômenos, usos e costumes. Depois de uma série de considerações, em que disse que a utopia é coeficiente necessário a toda ideia nova, pois nos partimos sempre de realidades pouco abrangentes e de objetivos curtos, teremos de caminhar muito devagar em alguns momentos com certo nível de projeção abrangente, na análise e no conhecimento de coisas brasileiras, o prof. Magalhães destacou que o projeto é muito recente e somente agora começa a tocar em alguns desses seguimentos a sentir a possibilidade e a complexidade para pode avaliar a extensão do plano. (CORREIO DO SUL, 1977, p. 10).

E por fim demonstrou a sua aproximação e conhecimento sobre o trabalho realizado por Taborda em Bagé, como bem relatou o jornal local na reportagem intitulada “Diretor do Centro Nacional de Referência Cultural abriu ontem o II Encontro de Museus”.

Fez questão de indicar o trabalho desenvolvido no sul do país e não esqueceu de mencionar o movimento liderado em Bagé pelo historiador Tarcísio Antônio Costa Taborda, para depois acrescentar que o II Encontro Sul-Riograndense de Museus tem um significado todo especial, na aglutinação de problemas e na troca de informações sobre acervo, dinâmicas e técnicas. O Encontro salienta, serve como um suporte, um elo permanente de contatos vindo de encontro à própria significação do Centro Nacional de Referência Cultural, de que o prof. Magalhães é professor. (CORREIO DO SUL, 1977, p. 10).

Aloísio Magalhães vai demonstrando também a sua interlocução com o campo cultural da memória em nível nacional, participando de um evento regionalizado no Estado, e que por força desta temática e deste debate atraiu interesses de outros estados e do país.

3.2.2 Taborda e Fernanda Camargo Almeida Moro

O planejamento do I Encontro Sul-Riograndense de Museus, perpassa uma busca de suporte e apoio de Taborda junto a Fernanda Camargo Almeida Moro⁴⁸

⁴⁸ Possui graduação em Curso de Museus – Museu Histórico Nacional (1956) e doutorado em Arqueologia Romana pela Universidade de Coimbra (1973) conveniada com a UHJ. [...] responsável pela direção de pesquisa e pesquisa aplicada – MOUSEION Centro de Estudos, Consultoria de Ciências Humanas e Ambientais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, de textos técnicos e científicos da Organização das Nações Unidas para a Educação, a

(que na oportunidade representou o ICOM/Brasil). Desta aproximação há uma receptividade para a realização dos “Encontros de Diretores de Museus” na cidade de Bagé, como bem relata Taborda

[...] Com a Dra. Fernanda de Camargo e Almeida para estudar a possibilidade de sua execução. Estabeleci em princípio o período de 15,16 e 17 de maio para a realização da reunião. Telefonicamente Neusa informa a grande receptividade da ideia pela (ilegível). Depois escreve: A Fernanda, como te falei, é muito simpática e sugeriu algumas coisas, inclusive se ofereceu para reunir no apartamento dela alguns nomes do que ela indica para tomares contato com eles. Os temas do encontro seriam três (sugestões). O Museu Ecológico e sua Comunicação com a Cidade e a Circunvizinhança (este tema é ligado a Santa Tecla). (TABORDA, 1974, manuscrito).

As anotações de Taborda, aqui demonstram uma ligação entre Taborda e sua esposa Neusa (que destacamos na seção 3.3), com Moro numa conjugação de esforços e articulações para pensar o formato do Encontro, a temática, a atividade e articulação de pessoas que possam integrar. Moro compromete-se pessoalmente nesse esforço ao propor utilizar sua residência para esta reunião, e demonstra estar engajada no sucesso desta iniciativa.

Moro a partir da sua atuação junto ao ICOM/BR e, conjuntamente com a publicação do seu livro *Museus, Aquisição e Documentação* em 1986, trouxe uma importante ferramenta para auxiliar e orientar o processo de documentação museológica, tornando-se referência para muitos pesquisadores e instituições.

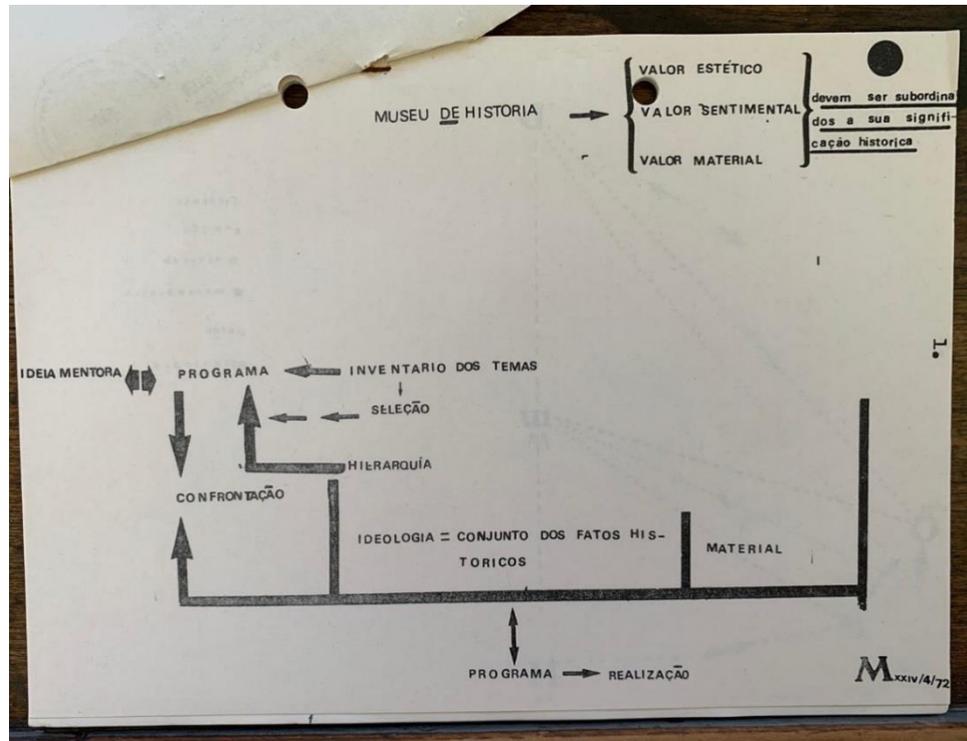
Durante os Encontros Sul-Riograndenses de Museus, Moro é presença ativa, tanto pelo auxílio na organização do evento, como relatado anteriormente, quanto na elaboração de conteúdos de conferências, seminários e mesas redondas, refletindo e provocando debates importantes durante o evento.

Moro vai apresentando nessas obras sistematizações de trabalhos, esquemas de representação e funcionamento dos museus, possibilidades de comunicação que

Ciência e a Cultura, Consultor p5 e d!- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento no Brasil, membro – International Council Of Museuns, Pesquisador chefe – The Routes Project, Diretor de Pesquisas – The Himalayan Project, Pesquisador de Campo – The Routes Project, Diretor dos Projetos Himalaya e Rotas – Mouseion International, Pesquisador Chefe – Himalauas Project e Pesquisador – Environmental Archeology International Network. Tem experiências na área de Arqueologia, com ênfase em Arqueologia Ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas: arqueologia, museus, museologia, educação ambiental, museus abertos, ecomuseus e arqueologia ambiental (texto extraído do currículo da plataforma Lattes/CNPQ com atualização última de 25 de julho de 2007).

permitem demonstrar as problematizações e os caminhos percorridos na/pela instituição museológica no seu fazer museal.

Figura 4 - Esquema Museu de História



Fonte: Arquivo Museu Dom Diogo de Souza, 1987.

Aqui, neste material que sustenta a fala de Moro, vai estratificando uma série de informações que compõem a complexidade de uma instituição museológica de acervo histórico. Compreendendo a partir de uma significação histórica, os valores estéticos, materiais e sentimentais que conformam a instituição, e por conseguinte, o seu respectivo acervo.

Ainda assim, o estabelecimento de um programa que convirja para um inventário de temas (hoje, podemos chamar de linhas de pesquisa), seleção (processo de documentação, catalogação), hierarquia e confrontação (prioridades e importância), conectadas a uma ideologia sobre os conjuntos de fatos históricos relativos a um determinado acervo. Tudo isto, forma uma cultura material sobre e da instituição que vai expressa em seu programa, no que procura realizar. “O museu, no entanto, poderá ter uma estrutura das mais flexíveis, permitindo opções, abrindo

verdadeiros diálogos com o público ao transmitir mensagens de forma tridimensional”. (MORO, 1984, p. 5).

Por essa via de comunicação e interdisciplinaridade aplicada à construção de conhecimento sobre o acervo, é que se estabelece uma forma de discurso no museu que vai apropriando e equacionando os temas para a formatação de uma museografia, que cada vez mais, seja objetiva e concreta.

Todas as coleções e museus têm pois possibilidades de mutação baseada neste ponto, e assim pois deixam em aberto sempre possibilidades de opção. Os objetos de uma coleção são caracterizados pela ideia, i. é pela proposição a que é levado. O museólogo ou conservador de um museu poderá manipular as peças de uma coleção, combiná-las e com sua criatividade formar uma série de proposições/exposições de grande interesse. As peças de uma coleção agem pois como um conjunto de múltiplas combinações e resultantes. (MORO, 1984, p. 10).

Da mesma forma com que Taborda, preocupava-se com a história e os vestígios de Bagé, para que a cidade fosse protegida e conhecida, Moro nos parece trazer a mesma raiz deste entendimento na salvaguarda do acervo, da importância de bem compreender todas as suas possibilidades de transmissão de uma informação, e destaca ainda, o papel central do museólogo/conservador nesta identificação.

A seleção do material utilizado, deverá ter como base a preponderância do significado histórico, em detrimento de qualquer que seja o valor estético, material ou sentimental. Não interessa continuar fazendo os museus históricos anexos dos museus de arte. [...] Após a seleção museológica e o estabelecimento de uma linguagem museológica da proposição (ideologia, temáticas-etapas), começará o funcionamento da museografia integrada a museologia, num trabalho de participação, funcionando como verdadeiro atelier experimental de história. Sua resultante será a apresentação, ou seja, a forma visual da ideologia. (MORO, 1984, p. 13).

Nesse entendimento, Moro nos traz a importância do processo de seleção de um acervo, para que os museus sejam de fato instituições museais, e não gabinetes de curiosidades ou anexos de outros espaços. E que esta especificidade, não seja fator limitador, e sim um elemento vital para que esse local evoque as suas mais verdadeiras memórias, que são pensadas e planejadas a partir deste acervo. Desta maneira, Moro destaca, também, como as ciências sociais e humanas interagem na percepção de reinterpretar a realidade.

No sentido amplo, se poderá dizer que toda representação da realidade é simulação. Sob este ponto de vista as linguagens simbólicas, da mesma forma que as representações simplificadas da realidade para torná-la mais fácil de entendimento também são tipos de simulação. As práticas simuladas são cada vez mais empregadas no treinamento, principalmente na área das ciências sociais, com grande resultado positivo. Na área das ciências do homem elas vinham sendo mais examinadas com cautela, porém dia a dia, vêm sendo mais empregadas [...]. (MORO, 1984, p. 15).

E ainda aponta que a proximidade da relação museu/educação é fator importante para o desenvolvimento de ambos os campos (museal/educacional), independente do grau de formação (maternal, jardim de infância, ensino fundamental, ensino médio, ou universitário). “Esta colaboração não deve ser vista como uma atividade a mais, dentro do quadro de programas de extensão educativa e cultural, mas como uma das bases para o sistema introduzido [...], principalmente no concernentemente das atividades que visam o despertar e a investigação”. (MORO, 1984, p. 15).

3.2.3 Taborda e Waldisa Rússio Guarnieri

Waldisa Rússio Guarnieri⁴⁹, formada em Ciências Sociais Aplicadas, atuou fortemente e foi pioneira no discurso museológico⁵⁰ e nos primeiros passos da

⁴⁹ Museóloga e professora, Waldisa Rússio Camargo Guarnieri nasceu em São Paulo em 5 de setembro de 1935. Graduiu-se pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo em 1959, desenvolvendo, ao longo da década de 1960, múltiplas atividades docentes e funções administrativas junto ao serviço público estadual. No desempenho dessas funções, entrou em contato com a área cultural e, especificamente, com o universo museológico. Organizou as estruturas jurídicas e administrativas do Conselho Estadual de Cultura (1968), do Museu de Arte Sacra de São Paulo (1969) e do Museu da Casa Brasileira (1970). No final de 1970, foi nomeada diretora técnica do Museu da Casa Brasileira, cargo no qual permaneceu até 1975. Nesse ano, passou a exercer as funções de assistente técnica para museus na Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado, responsabilizando-se pelo projeto de pesquisa sobre os museus do Estado de São Paulo (1976-1977) e pelo projeto museológico da Casa Guilherme de Almeida. Concluiu o curso de mestrado na Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, com a dissertação *Museu: um aspecto das organizações culturais de país em via de desenvolvimento* (1977). Sua investigação teórica teve prosseguimento com a tese de doutorado, *Um museu da indústria na cidade de São Paulo* (1980), e desenvolveu-se nos anos de 1980, principalmente a partir da participação no Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM) do Conselho Internacional de Museus (ICOM). Ao lado da literatura e da defesa da ecologia, a museologia e o patrimônio cultural foram suas áreas de atuação privilegiadas. Oradora e debatedora incansável, participou de inúmeros congressos e simpósios, nacionais e internacionais. À frente da luta pela regulamentação da profissão de museólogo, foi fundadora do Conselho Regional de Museologia de São Paulo e membro da primeira diretoria do Conselho Federal de Museologia. Ainda fundou e presidiu a Associação Paulista de Museólogos (ASPAM) e a Associação de Trabalhadores em Museus (ATM). Dedicou-se, nos últimos anos, à sua obra mais destacada: a criação do curso de pós-graduação em Museologia, que iniciou suas atividades em 1978, ligado à Escola Pós-graduada de Ciências Sociais da Fundação

consolidação de políticas públicas, na formação de associações, conselhos e sistemas que forjam redes de atuação do campo museal. Trajetória esta reconhecida profissionalmente como museóloga e gestora, professora e na coordenação de cursos na área de Museologia.

Taborda não é diferente, formado em Ciências Sociais e Jurídicas, dedicou-se igualmente nesta configuração, desenhando inclusive as bases para a consolidação destas iniciativas, como mostram os estudos (num primeiro momento de Waldísa) do Comitê Internacional de Museus (ICOM-Brasil) da obra *O ICOM Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro*, volume 1 e 2, *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri Textos e Contextos de Uma Trajetória Profissional*, volume 1 e 2, e em comparação como também (neste momento de Tarcísio) a compilação de artigos em *Bagé de Ontem e de Hoje: Coletânea de Artigos Publicados na Imprensa (1939-1994)* de Tarcísio Taborda (*in memoriam*), *Gravuras na Campanha: Um Estudo Sobre a Criação do Museu da Gravura Brasileira, Bagé-RS*, de autoria de Ana Lúcia Pereira Ferreira de Quadros, *Entre o Paralelo 20 e 30 - Analisando e Propondo Políticas Públicas Para Museus no Sul do Brasil*, de autoria de Márcia Regina Bertotto, *Da CEM ao SEM: Memória e Trajetória do Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul*, de Carine Silva Duarte, dentre outros.

A atuação de Rússio Guarnieri “[...] pode ser analisada sobre os mais variados referenciais que apontam para idiossincrasias políticas, para os dramas culturais e para a especial vocação dos museus para interagirem com a educação e o desenvolvimento social”. (RÚSSIO apud BRUNO, 2020, p. 24). Questões como a de acessibilidade em museu, e relações da museologia social e sociomuseologia já faziam parte do seu arcabouço teórico, contextualizados em seus projetos museológicos, demonstrando sua consciência inovadora para a época. E ainda ressaltou que “[...] fazem emergir que sua atuação guardava estreita relação com o

Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Esse curso deu origem, em 1984, ao Instituto de Museologia de São Paulo, responsável pela formação de toda uma geração de museólogos brasileiros. Faleceu em São Paulo, em 11 de junho de 1990. (IEB/USP apud PATRIMÔNIO CULTURAL JACAREHY, 2020).

⁵⁰ Essa nova perspectiva tem evidenciado ainda mais como foram plurais os horizontes vislumbrados e percorridos por Waldísa: no que se refere à proposição de projetos museológicos a partir de diferentes estímulos conceituais e desafios socioculturais; no que diz respeito à busca de inovação para idealização de plataformas acadêmicas para a docência em Museologia; e no que tange ao enfrentamento com outros campos de conhecimento para delinear as especificidades e particularidades das ações museológicas. (RÚSSIO apud BRUNO, 2020, p. 24).

seu tempo, notadamente, nos percursos necessários a redemocratização do Brasil”. (RÚSSIO apud BRUNO, 2020, p. 24).

Rússio Guarnieri se fez presente nos Encontros Sul-Riograndenses de Museus em Bagé, atuando como uma formuladora de debates importantes para a construção do setor museal, apresentando trabalhos, assim como também é presente e com participação constante de integrantes do seu Estado, São Paulo, nas edições do evento

Figura 5 - Ficha de Inscrição Prévia de Rússio Guarnieri no III Encontro Sul-Riograndense de Museus

III ENCONTRO SUL-RIOGRANDENSE DE MUSEUS
CURADORIA DE MUSEUS DA FUNDAÇÃO ATILA TABORDA
Museu Dom Diogo de Souza – Bagé – Rio Grande do Sul

FICHA DE INSCRIÇÃO PRÉVIA

Nome CURSO DE MUSEOLOGIA DA FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA
DE SÃO PAULO - REPRESENTANTE
Cargo.....
Museu da Fundação Esc. de Sociologia e Política de São Paulo. (em organiza-
ção)
Endereço (rua, número, CEP, cidade) R. Heitor de Moraes nº 299 - Paoambu-
São Paulo - CEP. 01237..... Telefone 241.4990 (reco).....
Endereço pessoal. Rua Simões Pinto nº 102 (cento e dois).....
Parque Sabagosa 04356 Telefone 241-4990
Observações. O representante será designado pela Coordenação do Curso, (sob
fiscalização federal Proce DR.5-5551/78, Res.CFE-14/77).....
Data...../ JULHO /1982

Assinatura
Waldisa Rússio Camargo GUARNIERI, Sc.D.
Coordenadora dos Cursos de Museologia e Arte
da FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA
DE SÃO PAULO-FESP

Fonte: Arquivo Museu Dom Diogo de Souza, 1982.

A partir da sistematização de apresentação da disciplina Museu e Museologia - História, Teoria e Métodos do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) pela professora Ana Carolina Gelmini de Faria, foi possível traçar um paralelo inicial com a obra de Rússio Guarnieri e de Taborda, no qual representamos no quadro abaixo:

Quadro 1 - Exercício de Comparativo entre os museólogos Waldisia Russío Guarnieri e Tarcísio Antonio Costa Taborda – Fevereiro de 2020

Waldisia Russio Camargo Guarnieri	Tarcísio Antônio da Costa Taborda
Objeto: Fato museal	Objeto: História Regional (Lendas Urbanas, Fatos Históricos, Personagens e Territorialidades)
Método: Interdisciplinar	Método: Pesquisa – História Oral
Terminologias: Utopia museal, fato museal	Terminologia: Pátria; Soberania; Tradição e Documentos.
Sistema: Geral; Especial; Aplicada; Projeto Museológico	Sistema: Descrição/Composição de Cenários e Narrativas

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Nesta mesma perspectiva, a museóloga Rússio Guarnieri apresenta um método interdisciplinar na construção de conhecimento sobre museus. Ela traz à cena uma nova leitura social, entendendo o museu como um espaço de transformação social, passível de uma reflexão crítica sobre seu papel.

A relação em si mesma significa “percepção” (emoção, razão), envolvimento (sensação, imagem, ideia), memória (sistematização das ideias e das imagens e suas relações). [...] O homem deve igualmente ser considerado em si mesmo (filosoficamente, eticamente); sobre o aspecto da teoria do conhecimento psicológico etc. É necessário estudá-lo igualmente em suas relações com os outros grupos humanos e sociais (em nível psicológico, sociológico, político e histórico etc.) [...] O objeto “em si” exige uma identificação, uma classificação dentro de uma espécie, gênero ou família; ele supõe uma conservação, o conhecimento da sua composição (química, física etc), as condições climáticas aptas para prolongar sua “existência”. Ele é testemunho do homem depende de diferentes disciplinas científicas para ser corretamente identificado, estudado e comunicado. [...] Entre homem e objeto, dentro do recinto do museu, a relação profunda depende não somente da comunicação das evidências do objeto, mas também do recinto do museu como agente da troca museológica. [...] Na verdade, o homem toma, agora consciência do objeto enquanto parte do mundo natural e o transforma em imagem, ideia-conceito, o que significa que ele o incorpora ao mundo intelectual, internalizando-o. (RÚSSIO, 2010, pp. 123-124).

Esta interdisciplinaridade proposta como método vai ao encontro de considerar todas as áreas de conhecimento (lógica, racional e sistêmica), no desvelar do estudo do homem, como Taborda traz na identificação de relatos orais e

vestígios, buscando nos saberes e fazeres elementos para a compreensão de uma realidade. Os objetos geram narrativas que só são bem compreendidas quando percebemos como e quando eles se constituíram – na verdade, nos museus eles aparecem como resultado de outras narrativas. A volta ao passado é sempre feita por uma necessidade do presente. (SANTOS, 2006, p. 131).

O fato museal como objeto de estudo de Rússio Guarnieri, implica nesta importância do real, que a partir da museália⁵¹ significa esta expressão. Entretanto, o museu torna-se o catalisador dessa transição de informações para os significados. Aponta para um museu mais dinâmico em que sua ação não esteja segmentada, mais integral. Reflexão esta, que irá incidir sobre a teoria e na formação de profissionais no campo.

Já Taborda utiliza-se da história oral para gerar sentido em lacunas que a história oficial não chegou a alcançar, desvelando outros elementos que permitem a reconstrução de narrativas por outros olhares. Aliando seu sistema de descrição com o método da pesquisa oral.

Rússio Guarnieri nos traz a terminologia da utopia museal, como um horizonte a ser perseguido, buscando novos caminhos para uma interpretação mais integral e consciente do seu papel de conservar, pesquisar e comunicar o acervo. No caso de Taborda, as terminologias que mais utiliza diz respeito a produção de uma literatura histórica própria, registro do seu tempo.

Entretanto, ela propõe que haja um projeto museológico para a instituição, um planejamento que permite identificar suas potencialidades e adversidades, suas forças e suas fraquezas, pensando num processo contínuo do museu.

Sobre esta matriz de entendimentos com os processos museais sistematizados tanto para os museus, quanto para o setor, é que boa parte dos instrumentos de observação sobre a realidade museal, começam a ser pensados e estruturados numa lógica de identificar e descobrir cada vez mais, as nuances que compõem este meio.

⁵¹ A exposição, quando entendida como conjunto de coisas expostas, compreende, assim, tanto as museália, objetos de museu ou “objetos autênticos”, quanto os substitutos (moldes, réplicas, cópias, fotos, etc.) [...]. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 44).

3.3 Neusa: companheira de vida e de Museologia

Neusa Vaz Silveira⁵², esposa e companheira profissional de Taborda, cursou o primeiro grau no Colégio Espírito Santo, e o segundo grau (curso normal) na Escola Normal Presidente Vargas, ambas em Bagé. Posteriormente, entre 1968 e 1971, licenciou em Ciências Sociais na Faculdade Católica de Filosofia, Ciências e Letras de Bagé, pós graduou-se em 1978, com a Especialização em Cultura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Silveira foi qualificando-se através de diversos cursos como: História de Bagé com o Prof. Taborda (1969 - Faculdade Católica de Filosofia, Ciência e Letras de Bagé), História do Rio Grande do Sul com o Prof. Taborda (1969 - Faculdade Católica de Filosofia, Ciência e Letras de Bagé), Extensão em Museologia com o Prof. Gasil Hedrick (1972 - Universidade Federal do Rio de Janeiro), Métodos e Técnicas de Pesquisas em Ciências Sociais (1974 - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), História da Arte, da Renascença ao Século XX (1974 - Museu Histórico Nacional), Curso Noções de Museologia e Antropologia (1974 - Museu do Índio), Reciclagem Museológica e Museográfica (1976 - Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura - Rio de Janeiro) e Iluminação e Climatização das Coleções nos Museus com o Prof. Gael Dueny (1977 - Associação dos Membros do ICOM-AM - ICOM - Rio de Janeiro).

A formação de Silveira e a sua grande participação nos seminários e eventos da área, foram oportunizando a ela, cada vez mais conhecimento e protagonismo frente ao debate de técnicas e temas da Museologia. Assim, ela tem papel importante na realização dos Encontros, enquanto Taborda estabelece contatos, articula presenças e representações de pessoas e instituições, Silveira faz a relação e a organização junto a Universidade, pensando as formalizações dos processos administrativos e a estrutura para a realização do evento.

⁵² Presidente do Diretório Acadêmico Pio XII da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bagé (1969/1970), Professora Titular do Curso de Ciências Sociais (1974), Diretora Administrativa da Fundação Áttila Taborda (1970/1974), Conservadora da Curadoria de Museus da Fundação Áttila Taborda (1974), Diretora do Centro de Pesquisa em Ciências Sociais da Fundação Áttila Taborda (1974/1975), Coordenadora do Departamento de Educação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bagé (1975), Comissária Regional Sul-2 da Associação de Membros do ICOM-BR (1975-1979), Curadora da Curadoria de Museus da Fundação Áttila Taborda (1979) e Coordenadora Executiva do Curso de Técnicas Museológicas da Coordenadoria de Extensão, Pesquisa da Fundação Áttila Taborda e Companheira de Tarcísio Taborda. (SILVEIRA, 1984, folha datilografada).

Um dos trabalhos desenvolvidos por Neusa Vaz Silveira para o I Encontro Sul-Riograndense de Museus em Bagé, foi a elaboração de uma Listagem de Museus (ANEXO A) que acompanhava a programação oficial do evento, uma sistematização de informações que pode, sim, se caracterizar como um embrião do Guia Estadual de Museus do Rio Grande do Sul, que teve três edições realizadas, a partir dos anos de 1990.

Na organização do II Encontro, Silveira também está engajada em cada detalhe, seja na recepção uniformizada pelas alunas da FunBa⁵³, quanto do que possa demonstrar Bagé aos partícipes do evento, como mostra a reportagem “Organização Perfeita” do Jornal Correio do Sul (1977, n/p):

Também no aspecto promocional não foi descuidado. Cada Participante do Encontro, ao receber a sua ficha de inscrição, ganha um crachá e também uma pasta, contendo esta o programa do conclave e vários folhetos como: “Gesta de um Clarim”, de Guilherme Schultz Filho, mandado editar pela Assembleia Legislativa em comemoração aos 140 anos da Revolução Farroupilha: Bagé ? - texto do historiador Tarcísio Taborda (ilustração da professora Marly Meira e planejamento de Neusa Vaz Silveira), uma síntese histórica da nossa terra e também de talhes da FAT/FunBa: relatório de 1976 da Curadoria de Museus da Fundação “Áttila Taborda”; FunBa, um bem elaborado documento em que são mostrados todos os aspectos do ensino superior em Bagé.

Quando da realização do III Encontro, Neusa Vaz Silveira assume a Curadoria de Museus da FAT/FunBa. E por conseguinte assume um papel cada vez mais destacado na realização do evento, mas com o mesmo cuidado na atenção de bem agradar este participante: “Cada participante do encontro, levará, como lembrança de Bagé, uma mala de garupa, com produtos de nosso Município, numa feliz iniciativa da professora Neusa Silveira. [...] Também serão distribuídas receitas de carreteiros e outros pratos típicos”. (CORREIO DO SUL, 1982, n/p). Ações essas em decorrências de coquetéis oferecidos nos museus de Bagé.

⁵³ Estudantes uniformizadas, ajudavam na recepção e cadastramentos dos presentes durante as atividades do Encontro Sul-Riograndense de Museus.

4 POLÍTICAS PÚBLICAS E A CONSTRUÇÃO DO SETOR MUSEAL NO RIO GRANDE DO SUL – OS ENCONTROS SUL-RIOGRANDENSES DE MUSEUS

O processo de entendimento da Museologia no Rio Grande do Sul, tem caráter híbrido, seja tanto por influência de uma Museologia francófona (que tem sua expressão na **teoria**), quanto na anglo-saxônica (no âmbito da **prática e processos**), por ambas as vertentes que foram percorridas de maneiras simultâneas e aleatórias. Sem uma estruturação consolidada dos museus sul-riograndenses, enquanto instituições sem um corpo profissional adequado, com inexpressivos e quase inexistentes espaços de trocas e formação, ausência de orçamentos específicos, recurso e/ou investimentos, e sem qualquer instituição de representação do setor. As demandas tanto conceituais quanto práticas eram estabelecidas, pensadas e planejadas no cotidiano dos museus, a medida em que as situações ocorriam. Essa “desorganização” evidencia a ausência de mecanismos e rotinas de trabalho e apresenta o improvisado como alternativa das instituições de memória de salvaguardar seu acervo.

Contudo, as dificuldades perpassam a realidade museal brasileira, e mais especificamente no Rio Grande do Sul, surgem reflexões que são muito íntimas dos trabalhos dos museus, ou seja, que estão alocadas muito para a sua concepção e funcionamento, mas se observa que existem sim, conceitos e estratégias nelas. Esta premissa, está na base documental das instituições representadas por seus atos de criação; por uma ou outra pesquisa publicada em revistas científicas específicas de ciências correlatas (principalmente na área das ciências da natureza), e outros periódicos; na forma como registram, onde os exemplos aparecem na tentativa de acondicionar seus objetos e documentos. Eram esses os espaços em que mais se encontram fontes, hoje, para estudo dos museus.

Stránsky (1980) apresenta a Museologia como quem tem a natureza de uma ciência social, proveniente das disciplinas científicas documentais e mnemônicas, e ela contribui à compreensão do homem no seio da sociedade. Mas há, também o debate sobre essa “realidade” no seio da sociedade, em que autores como Scheiner (1999) demonstram a percepção complexa do real voltada a uma filosofia, ou mesmo uma nova psique ligando a outros temas. Já Mairesse (2006) aprofunda a reflexão e apresenta a sensibilidade de interpretar o real, essa relação específica

que abarca a documentação da memória, mas traz uma posição crítica de análise sobre o campo museal.

Nessas ações é que se desenvolviam algumas reflexões sobre o setor museal, seja mais teórico ou mais prático a partir de pequenas e médias instituições. E o Rio Grande do Sul caminhou no meio desta trilha entre a teoria e a prática, e os processos e, como um dos primeiros passos dessa jornada, constituiu os Encontros Sul-Riograndenses de Museus. Deles, foram realizadas cinco edições (1975, 1977, 1982, 1984 e 1987), que por interlocução de Tabora, ocorreram em Bagé, um arcabouço que gerou reflexões acerca de temas do setor, a partir de importantes nomes da Museologia brasileira e reunindo uma materialidade na área de conhecimentos das ciências humanas e das ciências sociais aplicadas. Outros desdobramentos a partir daí passam a ser pensados e problematizados na busca de alternativas das resoluções das situações que permeavam o cotidiano dos museus.

Desdobramentos como a criação da disciplina de Museologia na grade do curso de graduação de Estudos Sociais da URCAMP no ano de 1976, ministrada pela professora Neusa Vaz Silveira, a qual tinha como atividades o estudo de fichas de entrada, registro de acervos, descrição de peças e a montagem, em conjunto com os alunos de uma exposição no Museu Dom Diogo de Souza, em Bagé.

Desta maneira, há uma ampliação de percepção da capacidade de atuação e representatividade dos museus, bem como de criar práticas, sentidos e legitimar/negar discursos através de suas exposições. Assim a Museologia está reafirmada na relação homem/realidade e, neste sentido há um despertar para estes conceitos, mesmo que esta identificação ainda não esteja clara como a musealidade (potencial de desencadear a memória ou valor intangível), a museália (objeto de museu), a musealização (processo científico produzido pelo museu) e a tesauroização (documentação do objeto), ou definida uma linha museológica (francófona ou anglo-saxônica), surgida pela necessidade de gerir a instituição e salvaguardar o seu acervo naquele momento.

Para além disto, nos Encontros Sul Riograndenses de Museus, afora dos debates e da reunião de profissionais e gestores atuantes nos museus do país, há também a constituição da Associação Rio Grandense de Museologia, a criação do Museu da Gravura Brasileira (como já abordado) e, por conseguinte, a

regulamentação da profissão do museólogo em 1984, lém da organização do Conselho Regional de Museologia da 3ª Região.

Construímos um quadro com as atividades desenvolvidas nas décadas em que a pesquisa foi realizada, visando apresentar um panorama mais geral da constituição da Museologia no Estado.

Quadro 2 – Fatos da Museologia do Rio Grande do Sul

Fatos da Museologia do Rio Grande do Sul		
Ano	Evento	Local
1975	I Encontro Sul Rio-Grandense de Museus	FAT/FUnBA -Bagé
1971 – Interrompido - 1976	Disciplina de Museologia no Curso de Ciências Sociais	FAT/FUnBA -Bagé
1976	Encontro Nacional dos Artistas Plásticos	Bagé
1977	II Encontro Sul Rio-Grandense de Museus	FAT/FUnBA -Bagé
1978	I Seminário de Museologia do MARGS	MARGS - Porto Alegre
1978	Curso de Extensão de Técnicas Museológicas	FunBA/MARGS
1982	III Encontro Sul Rio-Grandense de Museus	FAT/FUnBA -Bagé
1984	Simpósio de Atualização em Técnicas Museológicas	Museu Júlio de Castilhos – Porto Alegre
1984	IV Encontro Sul Rio-Grandense de Museus	FAT/FUnBA -Bagé
1984	Promulgação da Lei do Museólogo	Câmara Federal - Brasília/DF
1985	Criação do Conselho Regional de Museologia – 3º Região	
1987	V Encontro Sul Rio-Grandense de Museus	FAT/FUnBA -Bagé
1989	I Fórum Estadual de Museus do Rio Grande do Sul	Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul - Taquara
1990	1º Encontro Latino-Americano de Museus de Antropologia e História do	Ijuí

	Cone Sul	
1990	Fórum Internacional de Museus das Regiões Luso-Brasileiras	Bagé
1991	II Fórum Estadual de Museus do Rio Grande do Sul	Casa de Cultura Mário Quintana – Porto Alegre
1993	Oficina Museu Tradicional e Nova Museologia	
1993	Curso de Técnicas Básicas de Museologia	Santa Maria

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Esta formação do campo museal, pensada, planejada e estruturada abrange uma nova dimensão na forma de produzir conhecimentos, sistematizá-los e, principalmente, de difundi-los a partir destas instâncias, criando teorias e procedimentos sobre a prática dos museus, desenvolvendo novas leituras a partir das comunidades, realidades e coleções.

A partir deste contexto, novas articulações e eventos de caráter regional, estadual, nacional e internacional passam a ser reproduzidas também para essas representações e, assim, as instituições articuladas entre si, passam a atuar e estabelecer novas relações, trocas de experiências e abrangendo novos horizontes para repensar e reinventar a sua instituição e prática.

4.1 Museologia: como disciplina

Taborda sempre foi um pesquisador inquieto e por essa sua característica, é que se pode compreender o valor que ele estabelece a informação e ao conhecimento. Nessa perspectiva, quando inicia a reunião de objetos para salvaguardar, vai se formando uma coleção, que depois viria a originar o Museu Dom Diogo de Souza. Taborda estabelece um processo de escolhas de qual objeto guardar, de qual história contar, de como preservar e como comunicar este acervo. Tais escolhas já são uma parte do processo museológico de uma instituição, mas essa curiosidade o faz buscar profissionais especializados para ajudar-lhe nesta

tarefa e, também, para difundir estes conhecimentos a outros que poderão seguir neste caminho.

Assim em 1968, Taborda já tinha uma relação com determinados profissionais do campo museal e trouxe à Bagé, no Museu Dom Diogo de Souza, para ministrar um Curso de Museologia, o Prof. Vinício Stein Campos, Diretor do Serviço de Museus da Secretaria de Estado de São Paulo. Como bem ressalta o Jornal Correio do Sul na reportagem E'cos do Curso de Museologia.

[...] foi entregue ao historiador Tarcísio Antonio Costa Taborda, diretor do MDDS em nome do Governo do Estado de São Paulo, a Medalha de Mérito Cívico 'Tenente de Atiradores Luis Antonio da Costa' instituída no Museu Histórico Voluntários da Pátria de Araraquara. Na mesma ocasião, o museólogo paulista entregou para o Museu de Bagé, um fuzil Loewu – Berlin – 1891, usado pela força pública Paulista em Canudos e oferecido pelo Museu Militar de São Paulo. Foi assim enriquecendo o acervo histórico da cidade, pois ainda não possuía nenhuma arma usada na memorável campanha contra Antônio Conselheiro, da qual participou o 31º Batalhão de Infantaria de Bagé, comandado pelo General Carlos Maria da Silva Telles, o único objeto referente a êsse período histórico existente no nosso Museu até agora, era o "ex-voto" oferecido por Telles a São Sebastião, em ação de graças pelo retorno vitorioso de seu batalhão. (CORREIO DO SUL, 1968, p. 6).

Nestas relações, mostra o reconhecimento do trabalho do historiador bageense por outro estado, sendo agraciado com uma medalha, e demonstra ao mesmo tempo a seriedade da prática museológica do Museu Dom Diogo de Souza, que recebe um importante acervo de outra instituição para salvaguardar junto a sua coleção. Importante ressaltar que neste período, a comunicação era realizada por meio de cartas, telegramas, fax e telefone, ou seja, um processo muito mais lento de repasses e confirmação de informações, do que conhecemos atualmente e, quanto mais distantes situavam-se os pontos/locais dessa interação, mais improvável era o seu êxito.

Este curso foi muito importante, pois sua procura superou a expectativa dos organizadores, fazendo que com que tivesse de mudar de local para atender a demanda de público, e passou a ser realizado no Salão de Festas do Clube Caixerai, que mesmo sendo um local amplo, ficou acanhado para o volume de interessados pelas aulas do Prof. Vinício Stein Campos como consta nas notícias do periódico da cidade.

[...] que dissertou magistralmente a respeito da história e técnicas do museu e utilizando da numismática e suas coleções nas aulas de história do Brasil. [...] Ao encerramento do curso que teve a duração de quatro aulas [...] Ao final da última aula, o historiador Tarcísio Antonio Costa Taborda, diretor do museu e vice-diretor da faculdade falou agradecendo a vinda do Prof. Vinício a Bagé, ressaltando o benemérito trabalho que realiza empolgando a quantos ouvem sua pregação, que fizeram bem compreender o papel que o museu desempenha na pátria e na educação. Encerrando sua oração ofereceu ao Prof. Vinício uma placa com o agradecimento do Museu Dom Diogo de Souza e da FCF pelo curso aqui ministrado. (CORREIO DO SUL, 1968, p. 6).

Nestes pequenos cursos, oficinas, encontros e debates é que foi se construindo a organização dos museus, numa sistematização de informações e conhecimentos que culminou com a formação de uma disciplina no curso de Estudos Sociais, em 1971 na URCAMP, ministrada por Taborda.

Registra-se também, que em 1978, a realização das inscrições do curso de Técnicas Museológicas na FunBA, com 60h/aula, e que viria a ser ministrado pelos professores do Departamento de Museologia e Museografia da FUNARJ, sobre a coordenação de Silveira. Outro momento em que a formação em Museologia⁵⁴ ocorre, pode ser identificada a partir dos registros de trabalho de Neusa Vaz Silveira, como Professora titular⁵⁵ de Elementos da Museologia no Curso de Estudos Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bagé, e como Coordenadora⁵⁶ Executiva do Curso de Técnicas Museológicas realizado pela Fundação Áttila Taborda no ano de 1980, em Bagé.

Em 1991, já com a implementação do Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul, e a realização das reuniões das regiões museológicas, identificou-se pelos profissionais e instituições a necessidade de criar um curso de Museologia no Estado. “De acordo com a Ata 05/92 redigida pelo SEM/RS, Dr. Tarcísio Taborda anunciou que para julho de 1992 ‘teria o exame para o vestibular para o Curso de Graduação em Museologia, na Universidade de Bagé’, isso ocorreu por meio do convênio com a Universidade da Bahia”. (RIO GRANDE DO SUL, 1992a, n/p).

⁵⁴ A Museologia, disciplina aplicada voltada à experimentação, sistematização e teorização do conhecimento produzido em torno da relação do homem com o objeto no cenário institucionalizado dos museus, tem sofrido profundas alterações no que diz respeito à consciência da necessidade de repensar os museus tradicionais e desencadear novos processos de musealização. (CÂNDIDO, 2018, p. 12).

⁵⁵ Parecer 3805/74 do Conselho Federal de Educação.

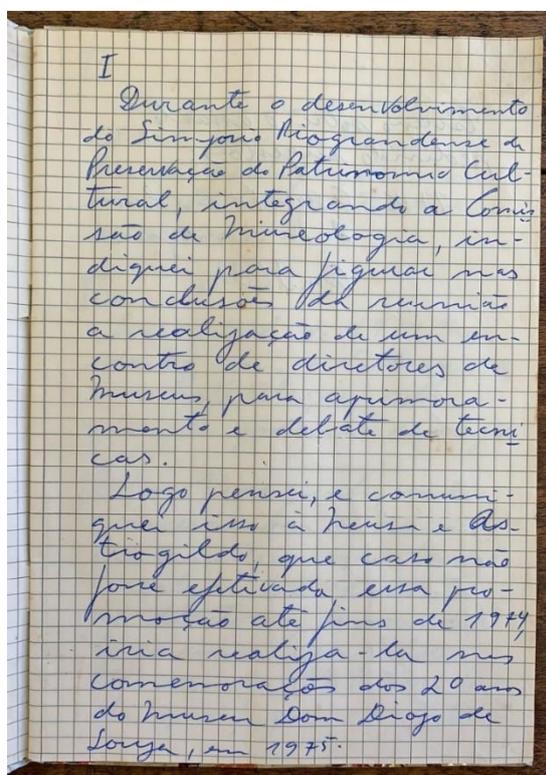
⁵⁶ Portaria nº 15 de 24 de julho de 1980 da Fundação Áttila Taborda.

Embora não se tenha localizado o termo deste convênio, nem a efetivação deste curso, mostra que sim, ocorreram conversas e foram pensadas alternativas a esta dificuldade enfrentada pelo campo, principalmente pela atuação de Taborda, na busca de criar o referido curso e qualificar interessados em atuar nos museus.

4.2 Encontros Sul-Riograndenses de Museus

Os Encontros Sul-Riograndenses de Museus surgem como um importante espaço de debates da realidade de pequenas e médias instituições museológicas e de seus profissionais no estado do Rio Grande do Sul. Assim, o Encontro está amparado pela Universidade de Bagé, ao mesmo tempo em que estabelece apoios com outras diversas instituições, que auxiliam na estruturação e validação deste importante evento. Ao mesmo tempo, apresenta-se também de forma gratuita facilitando o acesso do público, as comunicações e reflexões do setor museal, reunindo diversos profissionais do Estado do Rio Grande do Sul, de outros estados do país e até de outros países.

Figura 6 - Diário de Taborda (I)



Fonte: Arquivo Museu Dom Diogo de Souza, 1975.

Transcrição do manuscrito:

Durante o desenvolvimento do Simpósio Riograndense de Patrimônio Cultural, integrando a Comissão de Museologia, indiquei para figurar nas conclusões da reunião a realização de um encontro de diretores de museus, para aprimoramento e detalhes das técnicas. Logo pensei e comuniquei isso a Neusa e Astrogildo, que caso não efetivada essa promoção até fins de 1974, iria realizá-la nas comemorações dos 20 anos do Museu Dom Diogo de Souza, em 1975. (TABORDA, 1974).

Na primeira edição, em 1975, os Encontros Sul-Riograndenses de Museus, surgiam como um espaço de debates e trocas profissionais, era esse o local para uma interação mais direta entre as instituições de memória e seus trabalhadores, mas sua organização e alcance demonstram que esse evento traria muitos outros desdobramentos para a construção de um campo museológico no Estado do Rio Grande do Sul. A expectativa pelo Encontro pode ser entendida por um trecho da reportagem do Jornal Correio do Sul de 13 de maio de 1975 que relata assim na matéria intitulada “Encontro Sul Riograndense de Museus Começa Amanhã em Bagé”.

Visando o debate de problemas dos pequenos e médios museus e incluído, como ponto máximo, nas comemorações dos 20º aniversário da fundação do Museu Dom Diogo de Souza, começará amanhã à noite em nossa cidade o I Encontro Sul-Rio-grandense de Museus, que reunirá especialistas de todo o país. [...] O magno conclave cujo detalhes preparatórios estão sendo concluídos pelo historiador conterrâneo Tarcísio Antonio Costa Taborda e sua equipe de trabalho, reunirá especialistas de todo o país e tem pleno apoio do Governo do Estado. (CORREIO DO SUL, 1975b, n/p).

Foi organizado pela Fundação Áttila Taborda/Faculdades Unidas de Bagé (FunBa) através da sua Superintendência Acadêmica, Curadoria de Museus e do Museu Dom Diogo de Souza, representados por seu Pró-Reitor Prof. Carlos Rodolfo Moglia Thompson Flores, pelo Curador dos Museus Prof. Taborda e pela Conservadora Prof^a. Neusa Vaz Silveira.

4.2.1 I Encontro Sul-Riograndense de Museus (1975)

Assim, a primeira edição aconteceu entre 14 a 17 de maio de 1975 e teve como programa, as seguintes atividades: Iniciando dia 14/05, às 20h, no Salão do Clube Comercial, uma sessão solene de abertura, presidida por Airton Vargas,

Secretário de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, destacando que “[...] o mundo moderno, com suas atribuições esquece, no geral, a importância que desempenham os museus no contexto da sociedade. E por esquecer, põe em risco as tradições, as artes e até as ciências, que nestas casas têm seus templos”. (VARGAS apud CORREIO DO SUL, 1975, p. 20). No discurso de saudação aos presentes, Carlos Mário Mercio Silveira, Prefeito de Bagé, declarou “[...] que não é possível se desligar do passado, sob pena de perecermos. Pois são os elos das gerações e dos fatos do cotidiano que asseguram a sobrevivência das nações e civilizações”. (CORREIO DO SUL apud SILVEIRA, 1975, p. 20). Contou, ainda, com a conferência do Prof. Deoclécio Redig de Campos, Diretor Geral de Monumentos, Museus e Galerias Pontifícias do Estado do Vaticano.

No dia 15/05, às 9h, na Agência da Empresa de Correios e Telégrafos, houve o lançamento do Carimbo Obliterador de Museus e folha filatélica particular. Tamaña relevância proposta aos Encontros que a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (EBCT) autorizou ao realizador, o Museu Dom Diogo de Souza em Bagé, a emitir uma filatelia especial, na Agência de Bagé durante o período de realização do evento, conforme Figura 7.

Figura 7 - Carimbo Obliterador do I Encontro Sul Rio-Grandense de Museus



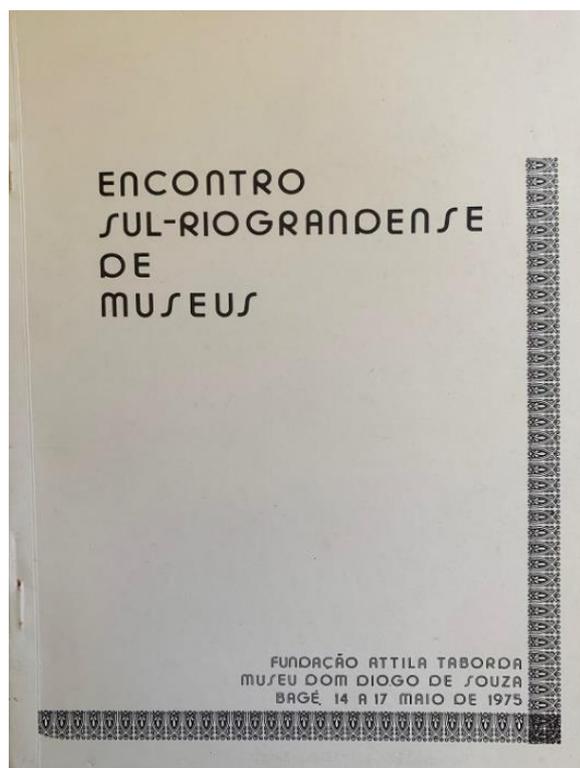
Fonte: Arquivo Pessoal Tarcísio Taborda, 1975.

Assim, a inovação na produção deste carimbo, solicitada na gestão de Taborda à frente a direção do Museu Dom Diogo de Souza, tinha por objetivo marcar com um símbolo este momento histórico da realização do Encontro Sul Rio-Grandense de Museus, para gravar uma compreensão da importância das instituições museais e do patrimônio cultural na sociedade.

Esse carimbo, cujo desenho é uma concepção de José Tiaraju, significa a vigilância que desempenham os museus na defesa do patrimônio da nação. [...] O Museu Dom Diogo de Souza, fará uma folha filatélica particular, com a emissão de 250 exemplares. Na face principal, está uma vista do prédio do Museu da cidade, em fotografia gentilmente cedida pelo artista amador L. A. Karam e, na face posterior, será usado o selo comemorativo do 30º aniversário da vitória, lançado dia 8 último em homenagem ao ex-combatente. Esse selo será obliterado. O texto impresso na folha filatélica é uma poesia de Ernesto Wayne denominada “Impressões do Museu Dom Diogo de Souza” autografada pelo autor. (CORREIO DO SUL, 1975a, n/p).

Em sequência no mesmo dia, ocorreu, às 9h30min, na Fundação Átilla Taborda, o seminário sobre a “Problemática dos Pequenos Museus” sob a direção da Prof. Moro, Coordenadora para a América Latina do Comitê de Educação do ICOM/UNESCO, e, às 14h30min, a comunicação do Prof. Telmo Lauro Müller, Diretor do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo e da Profª Jocélia Vieira do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, e as moções do Encontro. Às 16h foi realizada a visita ao Museu Dom Diogo de Souza e, às 20h, o retorno a Fundação Átilla Taborda para a comunicação do Prof. José Nunes Cabral de Carvalho, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sobre a temática “A Organização e Sistemática do Museu Câmara Cascudo” e da Profª. Maria Dias Zulmira Mariano da Rocha, do Museu Educativo Gama D’Eça da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sobre “Observações Colhidas nos Museus e Aplicáveis aos Pequenos Museus”.

Figura 8 - Capa do Encarte do I Encontro Sul Rio-Grandense de Museus



Fonte: Arquivo Museu Dom Diogo de Souza, 1975b.

Dentre as moções apresentadas destaca-se o pedido para as verbas das loterias esportivas. Esse pedido foi direcionado tanto ao Ministério da Educação e Cultura, quanto ao Governo do Estado, para que fossem destinadas partes dos recursos angariados nessa arrecadação.

Resultaram desse Encontro moções as mais diversas que, aprovadas pelo plenário, chegarão aos diversos órgãos estaduais dentro do objetivo de incentivar os museus, criando condições de subsistência. Telmo Lauro Müller, do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, apresentou pedido ao Ministério da Educação e Cultura para que se instale aqui no Rio Grande do Sul um distrito do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no sentido de aproximar aquele órgão dos interesses culturais de nosso Estado. (CORREIO DO SUL, 1975b, n/p).

No dia 16/05 seguiram as atividades a partir das 9h, na Fundação, com seminário sobre a “Organização de Museus Pedagógicos” coordenado pelo Prof. Vinício Stein Campos, Diretor do Departamento de Museus da Secretaria de Cultura e Turismo do Estado de São Paulo; às 14h, a comunicação “A Nova Organização do Museu Paulista” do Prof. Antônio Rocha Penteado, Diretor do Museu Paulista da

Universidade de São Paulo, e moções. Às 16h a visita foi ao Forte da Santa Tecla e ao Museu Patrício Corrêa da Câmara (cujo acervo foi posteriormente absorvido pelo Museu Dom Diogo de Souza), finalizando o dia com o retorno à Fundação e, às 20h, com a sessão dos trabalhos presidida por Mário Ramos, Secretário de Turismo do Estado do Rio Grande do Sul, da qual também proferiu palestra, a saudação da direção do Museu Dom Diogo de Souza e comunicação do Prof. Giovani Navarro Moro do Comitê de Segurança do ICOM/UNESCO sobre “A Segurança nos Pequenos Museus”.

A conclusão dos trabalhos ocorreu no dia 17/05, às 9h, tendo a seguinte agenda: o seminário “Os Museus Como Atelier Para o Estudo da História” organizado pela Prof^a. Lourdes Maria do Rego Novaes, Coordenadora para o Brasil do Comitê de Educação do ICOM/UNESCO, na Fundação. Novaes afirmou que:

[...] o Encontro de Bagé primou pelos interesses dos participantes, pois a catalogação museológica adequada e uniforme é um problema grave e vigente podendo ser superado apenas com iniciativas assim. Sobre empréstimos e trocas de peças entre os museus assuntos debatidos em plenário, afirmou que tem grande importância desde que feito de forma racional, sem prejuízo para nenhum museu. (CORREIO DO SUL, 1975b, n/p).

Às 14h, sob a presidência do Conselheiro Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul, Arthur Ferreira que declarou “Agradeço, em nome do Conselho Estadual de Cultura, a honrosa distinção do convite para presidir a sessão de encerramento deste Encontro Sul-Riograndense de Museus, promovido pelo entusiasmo sempre atuante e dedicação do nosso ilustre colega do Conselho e do Instituto Histórico, Dr. Tarcísio Taborda.” (CORREIO DO SUL, 1975b), onde ocorreram as suas comunicações e a do também conselheiro Moacyr Domingues, Diretor do Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul e moções. Às 17h se deu a recepção na Prefeitura Municipal de Bagé e concluindo com um jantar, discurso de encerramento do Pró-Reitor da Fundação Áttila Taborda e das Faculdades Unidas de Bagé (FunBa), Carlos Rodolfo Mógliá Thompson Flores e entrega de certificados, às 20h, no restaurante Cante Grill Club.

Ainda no encarte do material do I Encontro, há um trabalho de sistematização de informações e mapeamento sobre a realidade museal no Estado, organizado pela

Conservadora Neusa Vaz Silveira, onde apresenta-se uma Listagem de Museus⁵⁷, elaborada a partir de um questionário que era encaminhado às instituições, antes da realização do evento. Outrossim, apareciam também os Museus no Estado, os Museus em Organização e os Museus que foram criados e deixaram de funcionar (ANEXO A).

O sucesso do I Encontro, a qualidade do debate⁵⁸ proporcionado, o interesse e o envolvimento da temática de pequenos e médios museus, aliando a pauta do patrimônio cultural brasileiro, agradou muito ao público participante e estabeleceu a ampliação de parcerias tanto com o Governo do Rio Grande do Sul, quanto com membros do ICOM/BR. Como destacou a reportagem intitulada “Encontro de Museus Desperta Inusitado Interesse no País” publicada pelo periódico de abrangência regional.

Bagé, 8 (Do correspondente) – O Encontro Sul Riograndense de Museus, a ser inaugurado na noite do dia 14 no Clube Comercial é por serem temas inéditos no Brasil, se tornou um acontecimento nacional e daí o interesse demonstrado por estudiosos de outros Estados Brasileiros, como Goiás, Santa Catarina, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro e Maranhão. (CORREIO DO POVO, 1975, n/p).

Tamanho reconhecimento, vem expresso também na forma de Lei Municipal nº 1923 de 18/07/1977, onde foi oficializado o II Encontro Sul-Riograndense de Museus, que seria realizado entre os dias 17 a 21 de outubro daquele ano na cidade de Bagé.

4.2.2 II Encontro Sul-Riograndense de Museus (1977)

A segunda edição dos Encontros Sul Riograndenses de Museus, ocorreu de 18 a 21 de outubro de 1977, e abordou o debate da política museológica brasileira, técnicas básicas para serem usadas nos pequenos e médios museus e discussões sobre a formação de pessoal de museus. “Esse Encontro [...] integrando o projeto

⁵⁷ Na listagem, os itens traziam o nome do museu, do mantenedor e direção (quando houvesse) e o endereço completo. (ver Quadro 4 – ANEXO A).

⁵⁸ Um dos temas tratados foi o funcionamento dos Museus aos sábados, domingos e feriados. O Museu Dom Diogo de Souza há muito tempo funciona nestes dias. Pois, notou-se que em muitas cidades não existe essa disponibilidade, o que rouba muito público. Nos dias úteis a afluência de público sempre é menor a este tipo de atividade. Unanimemente todos saíram dispostos a repetir o que Bagé adotou há tempos, isto é, adaptar seus esquemas para que nos fins de semana e nos feriados possam os visitantes encontrarem os museus municipais. (CORREIO DO SUL, 1975b).

CULTUR⁵⁹, tem o apoio do Comitê de Membros Brasileiros do International Council of Museums (AM-ICOM-BR), do Comitê Nacional do ICOM e da Associação Brasileira de Museologistas (ABM)". (CORREIO DO SUL, 1977, n/p).

Figura 9 - Folder do II Encontro Sul-Riograndense de Museus



Fonte: Arquivo Museu Dom Diogo de Souza, 1977.

O Jornal O Correio do Sul destaca a presença de Aloisio Magalhães na abertura do II Encontro:

O Presidente do Centro Nacional de Referência Cultural, com sede no Rio de Janeiro, prof. Aloísio Magalhães, proferiu ontem à noite no Clube Caixeiral, a palestra de abertura do II Encontro Sul-Riograndense de Museus, que traz a nossa cidade destacadas personalidades da museologia nacional e internacional. (CORREIO DO SUL, 1977, p. 10).

⁵⁹ Projeto da Secretaria de Turismo e Educação do Estado do Rio Grande do Sul.

As atividades tiveram início no dia 18/10, às 8h30min, com o seminário “Museu e Educação” com as falas do Prof. Vinício Stein Campos da Divisão de Museus do Departamento de Artes da Secretaria de Estado de Cultura e Tecnologia de São Paulo, da Prof^a. Maria Regina Martins Batista e Silva, do Departamento de Museologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais em Recife (Pernambuco) e do Prof. Hardy Elmiro Martin do Museu do Colégio Mauá de Santa Cruz do Sul (RS). Às 10h30min, houve as comunicações dos trabalhos do Dr. David da Silva Carneiro do Museu Coronel David Carneiro em Curitiba (Paraná), da Prof^a. Nilza Botelho Megale do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas (Minas Gerais) e da Prof^a Maria Zulmira Mariano da Rocha, do Museu Educativo Gama d’Eça da Universidade Federal de Santa Maria (RS). E, às 11h30min, ocorreu um churrasco de recepção no campus da FunBA com os ônibus saindo do local das reuniões.

Por conta desta confraternização, os trabalhos no turno da tarde só foram retomados por volta das 16h com a Ciclagem Museológica que trouxe as seguintes abordagens: “Interpretação de Documentos Históricos” pelo Prof. Moacyr Flores, historiógrafo de Porto Alegre, e a “Documentação Museológica” pela Prof^a. Lourdes Maria Martins do Rego Novaes, da Unidade de Tratamento da AM-ICOM-BR (RJ).

No momento seguinte, houve a mesa redonda sobre a “Formação Museológica do 2º Grau” com a Prof^a. Maria de Lourdes Ianzer Umpierre da 13ª Delegacia Regional de Educação em Bagé (RS), e finalizando o dia, às 20h, a visita ao Museu Dom Diogo de Souza.

No dia 19, às 8h30min, retomou-se o seminário: “Museus e Educação” com as apresentações da Prof^a. Marilda de Azevedo do Museu da República (RJ) e do Prof. José Wilibaldo Thomé da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre). Adiante, às 10h30min, ocorreram as comunicações do Prof. João Ranquetat Papaleo do Museu de Ciências Naturais (Porto Alegre/RS) e da Prof^a. Maria da Conceição Piló Bittencourt, do Museu de Arte da Prefeitura de Belo Horizonte (Minas Gerais).

Na parte da tarde, às 14h, a Ciclagem Museológica tem a apresentação do tema “Visitas Guiadas” - Vinculação do Museu com o Turismo Interno e com a

Comunidade, da Prof^a Waldisa Pinto Rússio⁶⁰ da Secretaria de Cultura e Turismo do Estado de São Paulo. Após, ocorre a mesa redonda “Formação Museológica de 3º Grau” da Prof^a. Maria Gabriela de Aguiar Pestana Pantigoso da Federação das Faculdades Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (FIFIERJ) e da “Formação Museológica em Pós-graduação” da Prof^a. Lourdes Maria Martins do Rego Novaes da Unidade de Formação da AM-ICOM-BR (RJ). Às 16h, aconteceu a visita aos artesanatos e às 20h30min, o jantar típico no CTG 93 com os ônibus saindo dos hotéis em que os participantes estavam hospedados.

A programação seguiu no dia 20/10, iniciando às 8h30min com o Seminário “Museus e Educação” com a abordagem do Prof. José Nunes de Cabral de Carvalho do Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em Natal e da Prof^a Ione Maria Carvalho de Medeiros, do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul.

As comunicações iniciaram às 10h30min, com o Prof. Lourenço Luiz Lacombe do Museu Imperial em Petrópolis (RJ) e da Prof^a Heloísa Assumpção Nascimento que era Docente de História da Arte da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) no Rio Grande do Sul. Às 13h30min, foi proposta uma visita à Estância do Limoeiro de Antonio Botelho e filhos – Condomínio Agropecuário com saídas à porta dos hotéis com as seguintes atividades: Danças gaúchas pelo Corpo de Danças do 93 - CTG; Lançamento da publicação - “O Visconde de Serro Alegre” de autoria de Taborda e Café com sonhos. Na noite, às 20h30min, a Ciclagem Museológica apresentou a “Concepção de um Museu Especializado – Noções de Catalogação e Exposição de Acervos de uma Coleção de Valores” pelo Dr. Edgard de Moura Soares, Diretor do Museu de Valores do Banco Central do Brasil, no Rio de Janeiro.

Nesta perspectiva, os Encontros tomaram outra dimensão passando a ter formalmente o Comitê Internacional de Museus como parceiros e integrados a um programa que lhes permitia outra projeção, agora de caráter internacional. “Também o Encontro-77 será prestigiado pelo Prof. Dr. Hipólito Sanches Quell, diretor geral dos Arquivos, Bibliotecas e Museus da República do Paraguai, especialmente

⁶⁰ Nome de Solteira.

designado pelo Dr. Raul Pena, ministro da Educação e Cultura daquele país.” (CORREIO DO SUL, 1977).

Destarte desta articulação de Taborda, os Encontros passaram a atrair o interesse de participação dos museus brasileiros que veem nesse encontro uma possibilidade de um local de trocas e aprendizados de suas experiências e problemas enfrentados no cotidiano de suas instituições.

Mas o encerramento oficial do II Encontro Sul – Riograndense de Museus serás as 20h30min no Cantegril Clube de Bagé, com a entrega dos certificados aos participantes. A tarde, em Comunicações, haverá aulas dos professores Élder Camargo de Passos, do Museu de Arte Sacra da Boa Morte, de Goiás; Sarah Donato do Museu Particular de Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul; Helena Rovay Benetton, do Museu Histórico Presidente de Moraes, Piracicaba (São Paulo), e Maria Clary Frigeri Horn, do Museu Municipal de Caxias do Sul. [...] Posteriormente, Ciclagem Museológica, com o desenvolvimento do tema “Exposições Permanentes e Temporárias”, pela professora Solange Sampaio Godoy, diretora do Museu de Arte Moderna de Rezende, Estado do Rio de Janeiro. (CORREIO DO SUL, 1977, n/p).

Dois momentos importantes marcaram o último dia (21) do Encontro-77, o lançamento da publicação dos “Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul” e a inauguração do Museu da Gravura Brasileira, na cidade de Bagé.

4.2.3 III Encontro Sul-Riograndense de Museus (1982)

A edição do III Encontro Sul Riograndense de Museus traz no seu escopo a “[...] finalidade de não só a troca de experiências, mas sobretudo, a difusão de conhecimentos técnicos na área da museologia, destina-se, especificamente, aos dirigentes e encarregados de pequenos e médios museus”. (SILVEIRA, 1982). Ocorrendo entre os dias 08 a 11 de setembro de 1982, foi promovido pela Fundação Áttila Taborda através da sua Curadoria de Museus e com patrocínio da Fundação Pró-Memória da Secretaria Estadual de Cultura, Desporto e Turismo do Rio Grande do Sul, conforme consta na Circular nº 1/82 do Museu Dom Diogo de Souza.

Figura 10 - Folder do III Encontro Sul-Riograndense de Museus



Fonte: Arquivo Museu Dom Diogo de Souza, 1982.

Silveira (1982) destacou:

Contando com a participação de professores do curso de museologia e especialistas em diferentes temas museográficos, essas realizações do Museu Dom Diogo se caracterizam, sobretudo, pelo cunho prático, já que almejam transmitir subsídios e informações para aqueles que se acham à frente dos nossos museus e querem ver resolvidos problemas que enfrentam na exposição, catalogação, guarda dos valiosos acervos que estão em suas mãos". (SILVEIRA, 1982, folha datilografada).

A conferência de abertura (08/09) que ocorreu às 9h, na Fundação Presidente Emilio Médici, ficou a cargo da Professora Moro, Presidente da Associação dos Membros do ICOM/Brasil. No início da tarde, às 14h, ocorreu o Seminário: Documentos, Preservação, Guarda, Exposição e Catalogação ministrados pela Professora Ana Maria de Almeida Camargo, Diretora do Arquivo Histórico Municipal de Rio Claro em São Paulo, e concluindo as atividades do dia com um jantar típico oferecido pelo Prefeito Dr. Carlos Sá de Azambuja.

No dia seguinte (09/09), às 9h, ocorreu um momento de comunicações intituladas: “Experiências Vividas Pelos Museus”, ou seja, um relato da sua prática e atuação, um momento de troca e de escuta entre as instituições. Seguindo o cronograma, à tarde às 14h, ocorreu o Seminário: Fotografia Como Documento Histórico: Conservação de negativos e cópias, guarda, exposição e catalogação, proferidas pelo Professor Bóris Kossoy, Diretor do Museu da Imagem e do Som de São Paulo. Ao anoitecer, todos os participantes foram recepcionados numa visita ao Museu Dom Diogo de Souza para um coquetel oferecido pela Associação de Amigos de Museus de Bagé (AAMB).

As comunicações seguiram no dia 10/09, envolvendo parte da programação da manhã, o relato de experiências dos museus. No meio da manhã, às 10h30min ocorreu a palestra: Museus de Arte Popular proferida pelo Professor Aécio de Oliveira, Assistente para Assuntos Museológicos da Presidência da Fundação Joaquim Nabuco do Estado de Pernambuco. A tarde seguiu com o Seminário: Documentação Museográfica com a Professora Lourdes Maria Martins do Rêgo Novaes, Diretora do Departamento de Museologia da Superintendência de Museus da FUNARJ⁶¹ – então Fundação de Artes do Rio de Janeiro. Novamente, ao anoitecer, agora no Museu da Gravura Brasileira, a AAMB recepciona os presentes que visitaram a instituição com um coquetel.

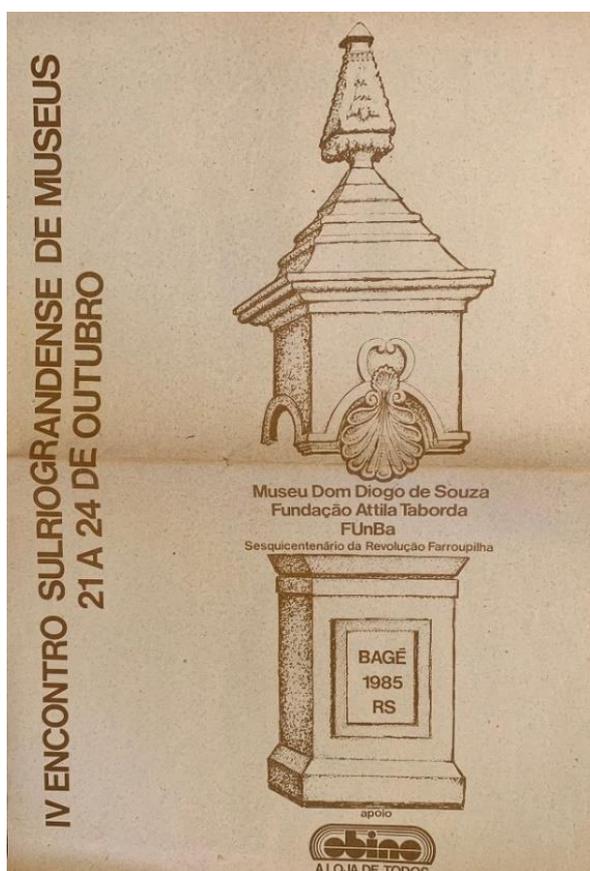
No último dia de encontro (11/09), perduraram por toda a manhã, o relato de experiências e trocas entre as instituições museológicas. Na tarde, o Seminário: Dinamização de Museus toma conta da agenda, organizado pela Professora Magaly de Oliveira Cabral Santos, Diretora do Departamento de Dinamização de Museus da Superintendência de Museus da FUNARJ. E a mesa de encerramento foi presidida por Luiz Carlos Barbosa Lessa, Secretário de Estado da Cultura, Desporto e Turismo do Rio Grande do Sul.

⁶¹ “Criada em 10 de dezembro de 1979, através da Lei 291/79, a **Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro**, resultou da fusão da **FUNTERJ (Fundação Estadual dos Teatros do Rio de Janeiro)** com a **FEMURJ (Fundação Estadual dos Museus do Rio de Janeiro)**, tendo por finalidade promover, incentivar e amparar, em todo o território do Estado, a prática, o desenvolvimento e a difusão das atividades artísticas e culturais, especialmente nos campos de música, dança, teatro e museologia. Desde então, ocorreram muitas mudanças, uma delas ocorreu em 2001, após a morte da arquiteta **Anita Mantuano**, que foi uma importante ativista cultural do Estado, por isso, teve como homenagem seu nome incorporado ao da entidade, que passou a se chamar **Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro**”. (FUNARJ, 2021, n/p, grifo do autor).

4.2.4 IV Encontro Sul-Riograndense de Museus (1984)

A IV edição do Encontro, de 21 a 24 de outubro de 1984, trouxe na sua organização a realização das atividades junto a diretoria de cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, situada à Avenida Sete de Setembro, 1001, na cidade de Bagé. Nesta organização estavam o Pró-Reitor da FUnBa Prof. Morvan Meirelles Ferrugem, o seu Superintendente Acadêmico Prof. Francisco Arno Vaz da Cunha, o Coordenador de Extensão e Pesquisa Prof. José Carlos Teixeira Giorgis e o Curador de Museus Prof. Taborda. Com eles estava a missão de planejar e executar o referido Encontro.

Figura 11 - Folder do IV Encontro Sul-Riograndense de Museus



Fonte: Arquivo Museu Dom Diogo de Souza, 1985.

As atividades tiveram início no dia 21/10 com uma recepção e com inscrições e entrega de material, dentre o período das 9h às 15h. Em seguida, às 16h, ocorreu a sessão de abertura e, às 18h uma visita ao Museu Dom Diogo de Souza onde

foram recebidos com um coquetel. Por conseguinte, às 20h houve a apresentação da “A Exposição – Meio e Fim da Pesquisa” pela Museóloga Heloísa Helena Fernandes Gonçalves da Costa - Diretora do Museu Geológico em Salvador/BA, e após os debates.

Em 22 de outubro, a programação iniciou-se com duas comunicações, a primeira com o tema: Registro de Obras de Acervo – Manual de Serviço por Lyriss Schonell e Maria Luiza Thevenet, ambas do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Porto Alegre) na qual foi apresentado o referido manual:

O Manual de Serviço do Registro de Obras do Acervo do MARGS está dividido de acordo com os passos estabelecidos pela rotina. A cada passo, conceitos, materiais, equipamentos, formulários são intensamente esclarecidos para evitar ambiguidade de conceituação e desenvolvimento sistemático de atividades. Esses esclarecimentos tornam-se necessários na medida em que a maioria do pessoal encarregado dos museus do Brasil é de alta rotatividade e poucos possuem formação específica, caso em que também se encontra o MARGS. Estabelecida a rotina, o rodízio e o despreparo do pessoal, embora alterem o ritmo de trabalho, não alteram as bases em que o mesmo é realizado. (SCHONELL, 1984, folha datilografada).

Schonell (1984, folha datilografada) segue relatando sobre como ocorre estes procedimentos de organização do acervo e relata: “Formas de Aquisição: Foram levantadas todas as hipóteses pelas quais uma peça pode ser incluída no acervo do MARGS, definitiva ou temporariamente: compra, doação, permuta, depósito ou empréstimo temporário, custódia e transferência”. Demonstrando que para cada forma de aquisição, havia uma rotina a ser estabelecida, mesmo em que alguns pontos pudessem ser similares e complementou

É considerada aquisição tanto peças individuais como conjunto de peças.

De acordo com o tipo de aquisição, há modelos tanto do termo do respectivo, como dos demais documentos por ela exigidos. Assim, cada termo compreende a descrição da peça ou das peças, as condições em que a transação deverá ser feita, estabelecendo as possibilidades das partes envolvidas e assegurando os direitos legais sobre a peça, prazos, pagamentos de perdas ou danos, procedimentos para exposição e guarda de peças.

Por suas características especiais, o depósito ou empréstimo temporário é considerado separadamente. (SCHONELL, 1984, folha datilografada).

Em seguida houve a comunicação sobre Conservação e Restauração da Pinacoteca da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) pela Museóloga Elsa Maria Loureiro de Souza. À tarde, seguiu a programação com o debate sobre “O Instrumental da Exposição - Elementos Auxiliares” apresentado pela Museóloga Cláudia Márcia Ferreira, Diretora do Museu do Folclore Edson Carneiro do Instituto Nacional do Folclore (RJ), após os debates, ocorreu um jantar no Centro de Tradições Gaúchas (CTG 93).

No dia seguinte (23/10), as comunicações abordadas foram: Museus e Cadastramento Arqueológico pelo pesquisador Sérgio Leite, do Museu Antropológico do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), seguida pelo Programa de Revitalização do Museu da Pesca de Santos/SP, apresentada pelo Chefe do Museu, Sr. Carlos Simões. Ao término da manhã de trabalhos, ocorreu a visita do Museu da Gravura Brasileira.

Pela tarde houve a palestra “Dinâmica da Exposição” proferida pelo Museólogo Analdo Baraçal, do Museu Chácara do Céu da Superintendência de Museus Raymundo Ottoni Castro Maia/Rio de Janeiro, seguido da abertura de debates. No momento seguinte, às 18h, houve manifestações artísticas sob a direção da Professora Neiva Martinez.

Ao anoitecer, mais duas comunicações foram expostas aos participantes: a primeira intitulada “Uma Visita Guiada ao Museu Histórico Visconde de São Leopoldo” pelo historiador e professor Telmo Lauro Müller, de São Leopoldo/RS, e a segunda “A Implantação do Museu do Carvão” apresentada pela professora Maria Luiza Chaves Barcellos, Diretora do Museu do Carvão, em Arroio dos Ratos/RS.

Em 24 de outubro, as atividades foram retomadas com as comunicações de Maria Cristina de Oliveira Bruno, do Museu de Pré-História Paulo Duarte do Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo (USP) com o tema “As exposições do Instituto de Pré-História - O Resultado do Trabalho Interdisciplinar”, na qual explicou essa relação.

Compreendíamos, nesta ocasião, que as atividades museológicas de um instituto de pesquisa especializado deveriam prender-se à divulgação do trabalho científico que estava sendo desenvolvido por seus pesquisadores. [...] A avaliação sistemática desses eventos, realizada em 1983 é a discussão com os pesquisadores que sempre trabalham interdisciplinarmente com a museologia, nos levaram a considerar que as expectativas do público em geral estavam

canalizadas para outros aspectos da arqueologia, ou melhor, as pessoas não tinham as noções básicas sobre pré-história e arqueologia para poder fruir as especificidades de alguns trabalhos científicos. [...] Assim, resolvemos repensar a ação museológica e elaborar novas exposições (mais básicas) sobre a vida do homem pré-histórico e como é o trabalho do arqueólogo na tentativa de elucidar os problemas das sociedades extintas. (BRUNO, 1982 apud BRUNO, 2020, n/p).

E as comunicações seguiram com as “Exposições Temporárias e Seus Referenciamentos Históricos” de Maria Augusta Machado da Silva, Chefe da Seção Educativa Cultural do Museu Villa Lobos no Rio de Janeiro e concluindo a manhã de trabalhos, com a apresentação da “Exposição de Ciência e Tecnologia e a Produção de Material Instrucional” trazida pelo professor Ely Alberto Dehnhardt, então Diretor do Museu Luiz Englert da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre.

O encerramento no início da tarde pautou o tema: O Exercício Profissional, no qual foi realizada uma sessão conjunta de Associações de Museologia e, por conseguinte, ao término das atividades, as entregas de certificado.

Cabe ressaltar, que a promulgação da Lei nº 7287, de 18 de dezembro de 1984, é a que regulamenta a profissão de Museólogo no âmbito nacional e estabelece no artigo 2º, os critérios para o exercício da profissão.

Art. 2º - O exercício da profissão de Museólogo é privativo:

I - dos diplomados em Bacharelado ou Licenciatura Plena em Museologia, por cursos, escolas reconhecidas pelo Ministério da Cultura e Educação;

II - dos diplomados em Mestrados e Doutorados em Museologia, por cursos ou escolas devidamente reconhecidos pelo Ministério da Educação e Cultura;

III - dos diplomados em Museologia por escolas estrangeiras reconhecidas pelas leis do país de origem, cujos títulos tenham sido revalidados no Brasil, na forma da legislação.

IV - dos diplomados em outros cursos de nível superior que, na data desta lei, contem pelo menos 5 (cinco) anos de exercício de atividades técnicas de Museologia, devidamente comprovados.

Parágrafo Único: A comprovação a que se refere o inciso IV deverá ser feita no prazo de 3 (três) anos a contar da vigência desta lei, perante os Conselhos Regionais de Museologia, aos quais compete decidir sobre sua validade. (BRASIL, 1984, n/p, grifo nosso).

Com os critérios estabelecidos, quem possuía formação superior específica em qualquer grau estaria sendo reconhecido, e conforme o grifo especificado na citação acima, todos aqueles possuíam comprovadamente o exercício da atividade museal, antes da promulgação da lei, foram reconhecidos.

4.2.5 V Encontro Sul-Riograndense de Museus (1987)

Novamente em outubro, agora entre os dias 28 à 31 do ano de 1987, ocorreu a quinta edição do Encontro, que após a promulgação da lei do museólogo, foi organizado pela FunBA/FAT a partir da sua Curadoria de Museus, e contou com a presença da Coordenação Estadual de Museus do Rio Grande do Sul (CEM/RS), do Conselho Regional de Museologia (RS) e da Associação Rio-Grandense de Museologia.

A sessão de abertura aconteceu às 14 horas do dia 28, contando com a presença do Prof. João de Deus Gonzales, Secretário Municipal de Educação e Cultura, do Sr. Sapiran Brito, Diretor de Cultura do Município, do Museólogo Odalgir Lazzari, Presidente da Associação Rio-Grandense de Museologia, da museóloga Mabel Vieira, representante do Conselho Regional de Museologia, da Prof^a. Maria Célia Santos, representante do Conselho Regional de Museologia da Bahia. Na oportunidade usaram a palavra o Curador de Museus Tarcísio Antonio Costa Taborda, que falou a respeito das expectativas dos museólogos em relação a implantação de uma política museológica, e o prof. João de Deus Gonzales, que deu as boas vindas em nome do Poder Público Municipal. A entidade mantenedora não se fez representar. (MUSEU DOM DIOGO DE SOUZA, 1987, n/p).

Após a sessão, iniciou-se a palestra: Dinamização Cultural dos Museus proferida pela Prof^a. Maria Célia Teixeira de Moura Santos, Coordenadora do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), encerrando uma primeira parte da problematização do tema, seguida de debate. À noite, havendo recepção com coquetel aos participantes no Museu Dom Diogo de Souza.

No dia seguinte (29/10), a continuidade da palestra: Dinamização Cultural dos Museus que se estendeu por toda a manhã. A palestra no turno da tarde foi sobre o tema da “Documentação Museológica” organizada pela Museóloga Lourdes Maria do Rego Novaes, Presidente do Comitê Brasileiro do ICOM, ocorrendo perguntas e debates. A tarde seguiu com as comunicações sobre “Dinamização Cultural” com o prof. Solon Leonterins, do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista no Rio de

Janeiro, da museóloga Maria Ester Alvarez Valente, do Museu Nacional de Astronomia e Ciências Afins do Rio de Janeiro e do Dr. Fernando Assumpção, do Comitê Nacional do ICOM/Uruguai (Montevideo).

Ao anoitecer, ocorreu a abertura da mostra de gravuras de Eduardo Lima no Museu da Gravura Brasileira para os participantes do V Encontro Sul Rio-Grandense de Museus, ao qual foram recepcionados com um coquetel.

A sequência do Encontro no dia 30/10, transcorreu com uma importante participação do público, e com a continuidade da abordagem do tema de “Documentação Museológica” pela museóloga Lourdes Maria do Rego Novaes. Houve também, a apresentação da comunicação sobre as atividades do Museu Gama D’Eça da UFSM (Santa Maria) pela prof. Maria Zulmira Dias Mariano da Rocha.

Na tarde, o debate tomou a formalização de discussões sobre políticas públicas a partir da comunicação que tratou da atuação dos museólogos baianos pela fala da Prof^a. Maria Célia Teixeira Moura Santos Coordenadora do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia. Após a Coordenadora Estadual de Museus do Rio Grande do Sul, Jornalista Evelyn Berg Ioschpe apresentou

[...] um estudo para a implantação dessa coordenadoria e a criação de um Conselho Consultivo representativo das delegações de museus existentes no Rio Grande do Sul. Fez uma ampla exposição do planejamento e debateu com os presentes, recebendo inúmeras sugestões. A Coordenadora Estadual de Museus representava neste ato, ainda, o Secretário Especial, prof. Carlos Jorge Appel. (MUSEU DOM DIOGO DE SOUZA, 1987, n/p).

Na conclusão dos debates da tarde, os participantes do Encontro foram recebidos no Museu Patrício Corrêa da Câmara (Bagé) e visitaram ao Forte de Santa Tecla. Depois apreciaram um jantar típico com apresentações de músicas de danças no CTG 93 como momento de confraternização do evento.

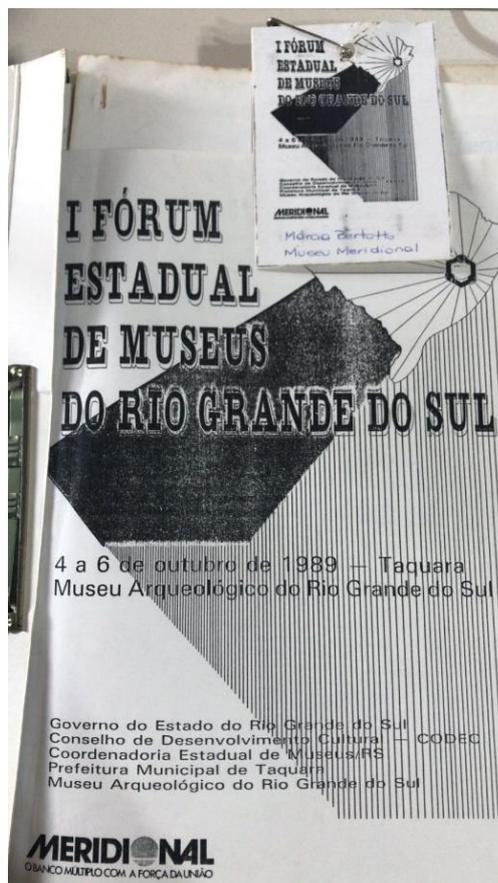
No encerramento da 5^o edição do Encontro (31/10), foram debatidos os resultados da reunião, com votação de moções referentes a representação dos museus sul rio-grandenses no Conselho Consultivo do CEM/RS. Sendo todas as propostas reunidas num único documento que foi encaminhado à Coordenadoria Estadual de Museus do Rio Grande do Sul. Assim, o Encontro apresentou procedimentos e técnicas para o fazer museal, sobre o exercício da profissão de

museólogo, a organização estadual do setor e a implantação de respectivas políticas museológicas. Os participantes do Encontro tiraram uma manifestação escrita que traçou alguns dos objetivos para o debate e a serem almejados em um momento próximo para o setor museal no Estado, estruturando assim, um embrião de políticas públicas para o setor.

- a) que após a audiência dos museus riograndenses, através da Circular 07/87, de 15 de outubro, e das sugestões orais apresentadas durante o debate do dia 30, seja organizado um plano de regionalização, que deverá ser submetida à apreciação de um seminário reunindo todos os museus existentes e em organização no Estado do Rio Grande do Sul;
- b) que nesse seminário seja procedida a eleição de representante gaúcho junto ao Sistema Nacional de Museus;
- c) que a composição do Conselho Consultivo do CEM/RS, se faça pela escolha direta, dentre os museus de cada região, que elegerão o representante regional;
- d) que dentre os objetivos do Conselho Consultivo do CEM/RS, se inclua, como prioritária, a competência para a definição para a política museológica do Estado;
- e) que o Conselho Consultivo do CEM/RS, caiba definir a forma de ação desse órgão junto ao Sistema Nacional de Museus. (MUSEU DOM DIOGO DE SOUZA, 1987, n/p).

Os Encontros Sul-Riograndense de Museus trouxeram na sua concepção a troca de experiências sobre as práticas nos museus e, ao mesmo tempo, o pensar as instituições como protetoras dos patrimônios culturais. Duarte aponta que: “De mesmo entendimento, em 1989, realizou-se o I Fórum Estadual de Museus do Rio Grande do Sul, organizado pelo Governo Estadual no Museu de Arqueologia do Rio Grande do Sul – MARSUL, no município de Taquara. Neste Fórum foram abordados os seguintes temas: Museologia, museografia, exposições e pesquisas.” (DUARTE, 2013, p. 20).

Figura 12 - Folder do I Fórum Estadual de Museus do Rio Grande do Sul



Fonte: Arquivo pessoal Márcia Bertotto, 1989.

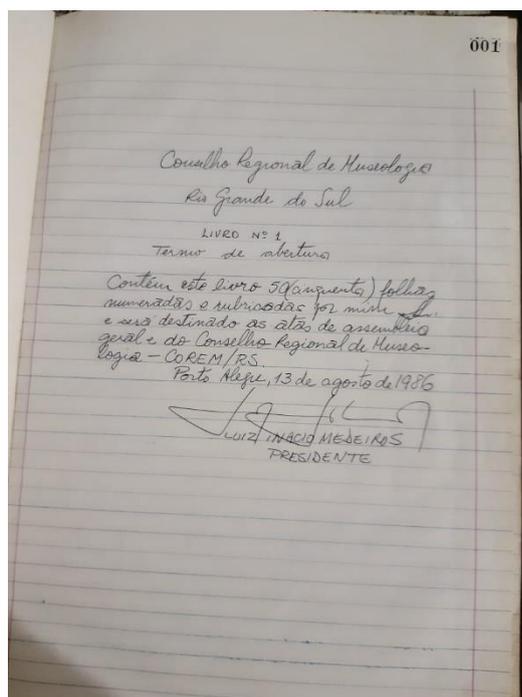
4.3 Conselho Regional de Museologia – 3ª Região: As Atas do Registro

A regulamentação da profissão de museólogo, através da lei 7.287 de 18 de dezembro de 1984 e o decreto 91.775 de 15 de outubro de 1985, que formalizou a criação do Conselho Federal de Museologia, bem como a formação de Conselhos Regionais no país afora, trouxeram novos horizontes ao setor museal. São estas, as instituições que guardam e fiscalizam o registro e o código de ética profissional, tendo um caráter representativo para com a sociedade.

A partir do acesso aos documentos originais do Conselho Regional do Rio Grande do Sul (COREM/RS 3ª Região), observamos a participação de Taborda como museólogo proeminente e participativo também nas origens da regulamentação da profissão em solo sul-riograndense.

Curiosamente, no primeiro livro de registro das atas, folha 001 do COREM 3R, único conselho a ser exclusivamente de um único estado, há a abertura em 13 de agosto de 1986 assinada pelo Presidente Luiz Inácio Medeiros. A primeira ata datada de 09 de dezembro de 1985, quase um ano depois, cuja assembleia geral foi realizada no Museu Júlio de Castilhos, sito a rua Duque de Caxias, 1231 no centro em Porto Alegre.

Figura 13 - Livro N° 1 - Termo de Abertura do COREM/RS



Fonte: Arquivo do Conselho Regional de Museologia - 3ª Região, 1986.

A primeira assembleia do conselho, teve a coordenação dos trabalhos por Taborda como Presidente da Associação Riograndense de Museologia, reuniram-se os museólogos inscritos na Delegacia Regional do Ministério do Trabalho, de acordo com a legislação em voga. Na ocasião foi conferido o quórum de 17 profissionais presentes que comprovaram mediante documentação sua condição para estar apto nas decisões do grupo.

Conjuntamente com Telmo Lauro Müller, então Secretário da Associação Riograndense de Museologia, Taborda deu andamento na condução dos trabalhos, a partir da leitura do embasamento legal nos artigos 15, 22 e 24 do referido decreto.

CAPÍTULO II – DA PROFISSÃO DE MUSEÓLOGO

SEÇÃO III – Dos Conselhos Regionais

Art. 15 – Os Conselhos Regionais de Museologia serão constituídos de 6 (seis) membros, escolhidos em eleições diretas entre profissionais regularmente registrados.

§ 1º Na mesma eleição, serão escolhidos 6 (seis) suplentes.

§ 2º Na primeira reunião do Conselho Regional será escolhido o seu presidente, dentre os membros eleitos. (BRASIL, 1985, n/p).

Conforme determina o decreto, neste primeiro artigo 15, está posta a estrutura para o funcionamento do Conselho, as regras para a participação ora já observadas, e uma particularidade muito interessante, na qual seu presidente seria escolhido posteriormente, permitindo que se pensasse primeiro na sua organização para depois, propor a sua composição.

Já nos artigos 22 e 23 temos a designação através do decreto que demonstra o papel de sindicatos e associações de profissionais como responsáveis por esta institucionalização, caracterizando por meio dos presentes, uma transparência sobre a forma e o processo desta criação. Na qual após leitura foi precedida de eleição secreta.

CAPÍTULO V – DAS DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 22 - Os Sindicatos e Associações Profissionais de museólogos cooperarão com os Conselhos em todas as atividades concernentes à divulgação e ao aprimoramento da profissão.

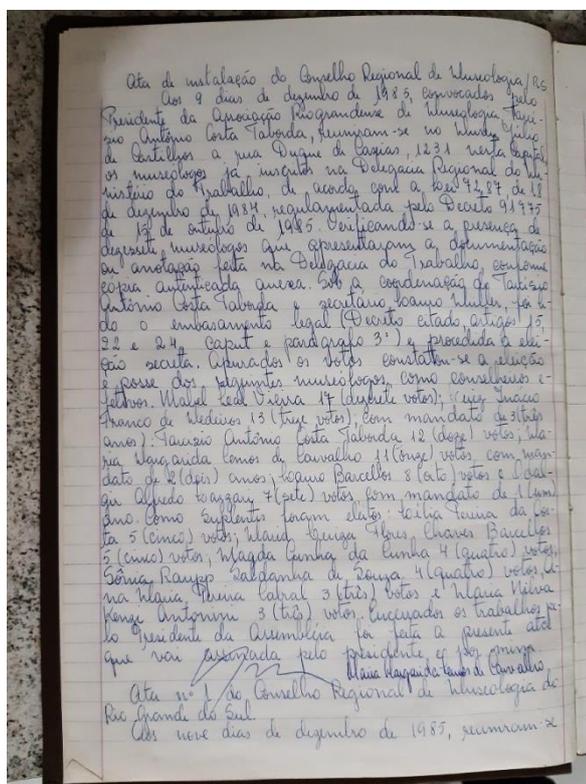
Art. 23 – Até que sejam instalados os Conselhos Federal e Regionais de Museologia, o registro profissional será feito pelo órgão competente do Ministério do Trabalho.

Parágrafo único - Após o início do funcionamento dos Conselhos, neles deverão inscrever-se todos os museólogos, mesmo aqueles já registrados na forma deste artigo. (BRASIL, 1985, n/p).

A apuração dos votos, conforme ata denominada de instalação do Conselho Regional de Museologia do Rio Grande do Sul na página 001/verso, foi assim descrita: Conselheiros Efetivos: Mabel Leal Vieira (17 votos) e Luiz Inácio Franco de Medeiros (13 votos) com mandatos de 3 anos. Tarcísio Antônio Costa Taborda (12 votos), Maria Margarida Lemos de Carvalho (11 votos) com mandatos de 2 anos. Lauro Barcellos (8 votos) e Odaldir Alfredo Lazzari (7 votos) com mandatos de 1 ano. Conselheiros Suplentes: Lilia Pereira da Costa (5 votos), Maria Luiza Flores Chaves Barcellos (5 votos), Magda Cunha da Cunha (4 votos), Sônia Raupp Saldanha de Souza (4 votos), Ana Maria Pereira Cabral (3 votos) e Maria Nilva

Kenzi Antonini (3 votos). Ficando para a próxima reunião a definição dos cargos a serem definidos para o conselho.

Figura 14 - Livro N° 1 - Ata de Instalação do Conselho Regional de Museologia



Fonte: Arquivo do Conselho Regional de Museologia - 3ª Região, 1985.

Na ata N° 1, em sua primeira reunião ordinária, o endereço do Museu Júlio de Castilhos surge como a definição de sede provisória do conselho, elegendo e empossando para as seguintes funções: Presidente: Luiz Inácio de Medeiros (4 votos) e Vice-Presidente: Tarcísio Antônio da Costa Taborda (2 votos).

Havia um entendimento lógico do Museu Júlio de Castilhos ser o local escolhido para esta formação do conselho, pelo ponto de visto simbólico de estar no museu mais antigo e importante do Estado do Rio Grande do Sul e ter na representação de Luiz Inácio de Medeiros e Maria Margarida Lemos de Carvalho, a presença dos trabalhadores daquele museu.

Em 06 de agosto de 1986, conforme registro na ata N° 2, reuniram-se os membros do Conselho no Museu Júlio de Castilhos, que por unanimidade decidiu sobre a criação de uma taxa de inscrição (registro) no conselho regional com o valor

de Cz\$ 120,00 (cento e vinte cruzados) até a criação do Conselho Federal de Museologia, ao mesmo tempo em que cria uma conta para o gerenciamento destes recursos. Também nessa reunião foi debatido o modelo de requerimento que o candidato a inscrição deveria preencher para ter encaminhado o seu registro. Não obstante, determinou-se também a elaboração de um regimento interno e a adoção da sigla COREM/RS e a definição do delegado conselheiro, Tarcísio Antônio Costa Taborda, no Conselho Federal de Museologia.

Os conselheiros voltaram a se reunir em 10 de setembro de 1986 no Museu Júlio de Castilhos, ata N°3, com o objetivo da aprovação dos registros profissionais de Luiz Inácio Franco de Medeiros sob o n° 001; Tarcísio Antônio Costa Taborda sob o n° 002; Mabel Leal Vieira sob o n° 003, Lauro Barcellos sob o n° 004, Maria Margarida Lemos de Carvalho sob o n° 005, Odalgir Alfredo Lazzari sob o n° 006; Lilia Pereira da Costa sob o n° 007; Gélcia Teresinha Carbonel da Silva sob o n° 008 e Neusa Vaz da Silveira sob o n° 011. Os respectivos pedidos de n° 009, 010, 012, 013, 105, 016, 017, 018 e 019, 022, 023, 026, 027 e 048 ficaram sob diligência por ainda não haver pago a devida taxa de inscrição ou aguardam o formulário de requerimento.

Processos de n° 024, 025, 029, 030, 031, 032, 035, 036, 037, 038, 039, 040, 041, 042, 046, 049, 051, 052, 053, 054, 055, 056, 058 e 059, aguardando o cumprimento do artigo 19, inciso IV, letra A da lei de profissão do museólogo. Cabe aqui a ressalva que especificamente este artigo não possui nenhum inciso e nem letra, estando um erro na escrita desta justificativa, ao que é mais provável se referir ao decreto que regulamenta a profissão.

Art. 19. Para o registro nos Conselhos Regionais e a expedição de carteira profissional os documentos exigidos dos museólogos, nos termos dos itens I, II, III e IV do art. 2º da Lei nº 7.287, de 18 de dezembro de 1984, são os seguintes:
I - para os mencionados no item I, diploma de bacharelado ou licenciatura plena em Museologia e cópia autenticada do ato reconhecedor da escola ou curso pelo Ministério da Educação. (BRASIL, 1985).

Já os processos de n° 021, 028 e 050, especificam o aguardo do cumprimento do artigo 19, inciso IV, letra B do decreto que regulamenta a lei de profissão do museólogo. A constar que: "II - para os mencionados no item II, certificado de conclusão dos créditos ou diploma referentes aos graus de mestre ou

doutor e cópia autenticada de ato reconhecedor da escola ou curso pelo Ministério da Educação” (BRASIL, 1985). Ao mesmo que o processo 020, estar carecendo do atestado da empresa mantenedora do museu, onde conste o início das atividades em técnicas museológicas no período indicado no devido requerimento. E os processos n° 033, 034, 043, 044, 045 e 057 necessitando a complementação de documentação comprobatória.

Importante observar, o grande número de pedidos de inscrição junto ao Conselho, recentemente criado e no qual demonstra um contingente grande de trabalhadores atuando nas instituições e buscando o reconhecimento de suas atividades. Outra importante observação é que o número para obtenção do registro é baseado no número dado na entrada do referido requerimento, seguindo assim um padrão de organização.

E, por conseguinte, foi solicitado a Taborda para que elaborasse um anteprojeto para proceder a emenda à lei que regulamenta a profissão de acordo com a situação do Estado⁶², e também foram aprovados encaminhamentos de ofícios ao Subsecretário de Cultura e referentes ao Sistema Estadual e Nacional de Museus.

A preocupação com a organização sistêmica dos museus no Brasil deu-se com as tratativas para a organização do Sistema Nacional de Museus a partir de 1986. Durante o IX Congresso Nacional de Museus em São Paulo – de 24 a 28 de agosto de 1986, Sônia Guarita e Maria Ignez Mantovani expuseram seus ideais de criação de uma ação conjunta já que viajavam pelo Brasil discutindo com a categoria museológica uma forma de trabalhar em rede. As discussões se davam em todos os estados, com profissionais que então atuavam nos museus e com as secretarias e cultura locais, com o anseio de organizar o que viria a ser uma política de atuação conjunta. (BERTOTTO, 2013, p. 59).

O papel das articulações, sejam através das formações dos Encontros Regionais Sul Riograndenses, bem como da atuação, organização e representação nos mais diferentes espaços, da Associação Riograndense de Museologia, amadurece uma visão sistêmica e de um trabalho colaborativo em rede para o setor, agora expressados pelo Conselho Regional de Museologia - 3ª Região.

⁶² Conforme ata n° 03 a situação aqui referida, diz respeito ao Estado do Rio Grande do Sul não ter ainda um curso de graduação de bacharelado em museologia.

Como consta na ata N° 4, em 7 de outubro de 1986, os conselheiros tomaram as seguintes decisões: foram concedidos os registros de museólogo a Ana Maria Cabral sob o n° 009, Maria Lúcia Flores Chaves Barcellos sob o n° 010, Ana Maria de Marchi Manieri sob o n° 012, Salvador Luiz Abech sob o n° 013, Vera Lúcia Lopes Pitoni sob o n° 014, Cecília Volkner Ribeiro sob o n° 015, Rosaria da Rosa Barbosa sob o n° 016, Inga Ludmilla Veitenheimer Mendes sob o n° 017, Beatriz Mothes sob o n° 018, Olinda Leite Bueno sob o n° 019, Nelita Cortes Medeiros sob o n° 020, Ana Maria Garcia Bossle sob o n° 021, Judite Turi Moraes sob o n° 022, Valderéz de Freitas Maragoni sob o n° 023, Vanessa Maria Ferreira Dutra sob o n° 024, Luíza Helena Carvalho da Veiga Elida sob o n° 025 e Rosa Maria Benício da Fonseca sob o n° 026. Há uma estruturação sendo constituída de maneira bem embasada legalmente, seguindo critérios e demonstrando uma forte articulação entre os trabalhadores de museus.

Da mesma maneira, seguiam em diligência, por conta da falta de pagamento da taxa de inscrição no conselho, outros processos. Na mesma ocasião foi lida correspondência recebida do COREM/RJ que se refere ao assunto da criação dos Sistemas Estaduais e Nacional de Museus e a necessidade de que estes órgãos devam ser integrados por pessoas com formação profissional. A partir deste posicionamento, o conselho decidiu por emitir correspondências ao Subsecretário de Cultura e a Coordenação Nacional.

Desta forma, foi decidido informar a subsecretaria de cultura e a secretaria de educação do Estado, do surgimento de novos museus, bem como a expedição de ofício a todos os museus do Rio Grande do Sul, solicitando um preenchimento de uma ficha cadastral. Temos aqui o início de um mapeamento das instituições museológicas.

As reuniões do conselho seguiam no Museu Júlio de Castilhos, conforme ata N°5, datada de 20 de novembro de 1986, e com o mesmo rito de aprovação do registro de museólogo: Magda Cunha da Cunha sob o n° 027, Selva Mariza Nunes sob o n° 028, Lya Wilhelm sob o n° 029, Mariluce de Bem Vida sob o n° 030, Hilda Alice de Oliveira Gastal sob o n° 031, Maria Isabel Daut Giulian sob o n° 032, Juliana Paim Zago sob o n° 033, Jeter Jorge Bertolletti sob o n° 034, Vera Lúcia Maróstica Calegaro sob o n° 035, Maria Elisabeth Lanzer de Souza sob o n° 036, Maria Helena

Mainieri Galileo sob o nº 037, Tania Maria Aimi Oliveira sob o nº 038, Maria Helena Steffens de Castro sob o nº 039, Berenice Dockhorn sob o nº 040, Joana Elisabeth Santos Mandadori sob o nº 041, Lyriess de Braga Schonell sob o nº 042, Rosana Gauer Kichner sob o nº 043, Nádía Teresinha Schroder sob o nº 044, Teniza Iara de Freitas Spinelli sob o nº 045, Adilson Nunes de Oliveira sob o nº 046, Diva Helena Saraiva Fialho sob o nº 047, Nice Maria Micelli da Silva sob o nº 048, Síría Finardi Rodrigues sob o nº 049, Egon Pedro Lerner sob o nº 050, Rose Maria Borges Fortes Widholzer sob o nº 051, Carmem Suzana Martins Freitas sob o nº 052, Ana Clair Rodrigues Bertolletti sob o nº 053, Regina Maria Fraga Alberto sob o nº 054, Leonilda Maria Preissler sob o nº 055 e Alice Fátima Andrade Goulart sob o nº 056.

Em outros encaminhamentos deliberados, foi aprovado o pagamento de passagem ao conselheiro representante Taborda para deslocamento à Brasília, a fim de representar o referido Conselho na instalação do Conselho Federal de Museologia, a emissão de carta ao Governador eleito, Pedro Simon, ofertar o COREM/RS para colaborar junto a Sra. Evelyn Ioschpe, representante do Sistema Nacional de Museus, para a formulação do Sistema Estadual de Museus e fixada data para nova assembleia geral e com convocatória a todos os inscritos.

No dia 16 de dezembro de 1986, ocorreu num primeiro momento a ata N°6 e a segunda Assembleia Geral ordinária, ocorridas no Museu Júlio de Castilhos, do Conselho Regional de Museologia - 3ª Região. Na ata constou a aprovação dos seguintes registros profissionais: Ivone O. da Cunha Benhardt sob o nº 0057/4, Maria Magdalena K. Lutzemberg sob o nº 0058/4, Beatriz Fichtner Marodin sob o nº 0059/4, Lézia Mária Cardoso de Figueiredo sob o nº 060/4, Flávia Maria de Magalhães Rosa sob o nº 061/4 e Ruth Maria Bueno Bernardes sob o nº 062/4. A ata ainda revela a eleição e aprovação da viagem ao Rio de Janeiro para reunião do Conselho Federal de Museologia da conselheira Maria Margarida Lemos de Carvalho.

Reparem que aqui aparece o número de registro de maneira diferente (0/4), na própria ata esclarece-se que o 4 como um numeral referente a classe⁶³. Atualmente esta característica de registro define os profissionais que conseguiram a

⁶³ Atualmente as classes para registro estão assim definidas: I - Graduado em museologia; II - Pós-graduado - Mestrado na área de museologia; III - Pós-graduado - Doutorado na área de museologia e IV - Profissional provisionado pela lei de 1984.

titulação a partir do provisionamento pela lei de reconhecimento da profissão de museólogo.

A assembleia geral nº 2, ao qual foi convocada por carta, contou com a presença de 40 dos 62 conselheiros aptos. Foi apresentado o balanço financeiro do primeiro ano de gestão, ao qual foi aprovado por aclamação. O presidente Luiz Inácio Medeiros relatou também as tratativas a questões junto ao governo do Estado do Rio Grande do Sul e até o então governador eleito, Pedro Simon. Na ocasião foi solicitado ao Vice-Presidente Taborda, o relato sobre a criação do Conselho Federal de Museologia e a eleição da conselheira Maria Margarida Lemos de Carvalho na sequência dos trabalhos.

Conforme ausência de um regimento interno do conselho, os presentes decidiram por maioria que a eleição para nova direção seria a partir de cédulas, sendo o mesmo procedimento da anterior, ou seja, os dois mais votados seriam os conselheiros efetivos e os dois seguintes suplentes. Definiu-se também dois conselheiros para atuarem como a comissão eleitoral, foram eles: Salvador Luiz Abech e Rosa Maria Benício de Fonseca.

O resultado eleitoral apontou Odalgir Lazzari (36 votos) e Teniza Spinelli (16 votos) como conselheiros efetivos, Lyriass de Braga Schonell (10 votos) e Ana Maria Cabral (8 votos) como conselheiras suplentes, e ainda forma registrado os votos para Vera Callegaro (2 votos) e Adilson Oliveira e Lézia Figueiredo (1 voto).

E assim, as primeiras atas registram o início deste Conselho que é uma das mais importantes instituições que auxiliam na organização profissional do setor e na consolidação da defesa de práticas e ações museológicas no Rio Grande do Sul, no qual Taborda trouxe ampla efetividade para implementação.

4.4 Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul: um sistema para conectar pessoas e museus

Os debates ocorridos nas décadas de 1980⁶⁴ em torno da preservação de bens culturais e dos museus, e a recente demanda da profissionalização do museólogo, Associação Riograndense de Museologia, Conselho Regional de

⁶⁴ É a década de transição da ditadura militar brasileira para o período do Regime Democrático.

Museologia, aliado ao aumento de pedidos de assessoria técnica por parte do Estado junto aos municípios, contribuíram para o surgimento da Comissão Estadual de Museus⁶⁵.

Em abrangência estadual foram criadas as instituições a partir das necessidades e das solicitações dos professores que atuavam tanto nos museus como em outros setores culturais. Neste ponto, chegamos à criação da Coordenadoria Estadual de Museus do Estado do Rio Grande do Sul – CEM/RS, instituição está ligada a Subsecretaria de Cultura do Estado que almejava dar suporte aos museus do Rio Grande do Sul. Uma de suas iniciativas visava à contratação de profissionais para o quadro dos museus, pois os profissionais que atendiam as demandas eram muitas vezes professores que se dedicavam parte do seu tempo para estar com os museus abertos [...]. (DUARTE, 2013, p. 13).

Enquanto neste período havia sido criado o Sistema Nacional de Museus, na esfera estadual a Subsecretaria Estadual da Cultura passou a ser considerada como Conselho Estadual de Desenvolvimento Cultural – CODEC. A Jornalista Evelyn Berg loschpe foi designada para ser a representante estadual no Sistema Nacional de Museus. Em 1987/1988, Mabel Leal Vieira ficou como coordenadora interina, embora loschpe continuasse atuando, pelo Estado, como representante junto ao Sistema Nacional de Museus.

Em 1990, três importantes momentos marcam este período intenso de debates museais no Rio Grande do Sul. Em Ijuí, aconteceu o 1º Encontro Latino-Americano de Museus de Antropologia e História do Cone Sul, realizado na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. Na cidade Porto Alegre, mais precisamente na Casa de Cultura Mário Quintana⁶⁶ ocorreu o II Fórum Estadual de Museus⁶⁷ do Rio Grande do Sul organizado pela Coordenação Estadual de Museus do Rio Grande do Sul - CEM/RS, e em Bagé

⁶⁵ [...] Instituída pela Portaria Interna 001/86 (Boletim 95/86; D.O. 07.03.86) [...] criou uma comissão de estudos para a implantação do SEM/RS [...] Esta comissão fora constituída pelos diretores dos museus da Subsecretaria: Vera Becker, presidente da Comissão: Teniza Spinelli, Mabel Vieira e Antonio Renato Henriques para implantação da Coordenadoria (DUARTE, 2013 apud RIO GRANDE DO SUL, 1986a).

⁶⁶ “[...] diretor de cultura e do Estado quando tornou real o sonho da Casa de Cultura Mário Quintana e pré-inaugurou”. (CIDADE DE BAGÉ, 2011).

⁶⁷ “[...] Na ocasião foram consideradas as necessidades dos museus acerca da documentação museológica e de pessoal qualificado para prestar assessoria. Além disso, houve o incentivo de se organizar uma comissão interdisciplinar para elaboração de fichas catalográficas de acordo com a necessidade de cada museu”. (DUARTE, 2013, p. 22).

ocorre o Fórum Internacional de Museus das Regiões Luso-brasileiras realizado no Centro Universitário da Região da Campanha - URCAMP.

Como um importante encaminhamento do II Fórum Estadual de Museus do Rio Grande do Sul, está além das necessidades de formação e auxílio na documentação museológica, a estratégia de mapear os museus do Estado. A latente necessidade de formação no setor fez com que a Comissão Estadual de Museus - pertencente ao SEM/RS - conjuntamente com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) promovesse a criação de um Curso de Pós-graduação (Especialização em Museologia) entre 1990/1991 com objetivo de contemplar os profissionais de museus na capital e interior. “Outra demanda vinda do II Fórum se referia à Associação Riograndense de Museologia e sua reativação, pois ela passava por um período de inatividade, necessitando reerguer-se”. (DUARTE, 2013 apud RIO GRANDE DO SUL, 1989b, p. 22).

Por este período, observada a importância da inclusão de museus no interior do Estado, tanto para formação deles, bem como para a articulação em rede, iniciou-se o processo de definição das regiões museológicas do Sistema Estadual de Museus. Duarte indica: “[...] Teniza Spinelli⁶⁸, juntamente com o Prof. Dr. Tarcísio Taborda rascunharam um mapa do Rio Grande do Sul [...] para efetivar a divisão. A princípio se analisou fazer doze regiões, depois reduziu-se em oito, mas por fim, o Rio Grande foi organizado em sete”. (DUARTE, 2013, p. 23).

A divisão do Rio Grande do Sul, regiões museológicas demonstrou ser um importante fator de manutenção do Sistema, pois, mesmo em momentos em que o governo do Estado não deu apoio à política estadual ou desarticulou o órgão dentro da Secretaria, algumas coordenações regionais mantiveram as suas atividades, permitindo que o trabalho continuasse, independente de governo. (LEAL, 2021, p. 65).

Um fato interessante a ser observado na construção das políticas públicas do setor de museus e na formação do campo, é a presença do escritor Luiz Antônio de Assis Brasil, que em 1986 assina a portaria enquanto Diretor de Cultura, para criação de estudos do Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul e, em 2012 assina também, como Secretário de Estado da Cultura, por portaria a criação do Colegiado Setorial de Museus do Rio Grande do Sul, instância de

⁶⁸ Então, Coordenadora Estadual de Museus.

assessoramento da Secretaria de Estado da Cultura para as políticas públicas do setor. Além de ser o intelectual que cunhou o conceito de *homo narrans*, ao qual nesta pesquisa versa sobre a trajetória de Taborda.

Em 1997/1998, com a saída da Coordenadora Maria Teresa Custódio, afastamento por questões pessoais, a pasta ficou vazia e foram as Regiões Museológicas que mantiveram acesa a chama e promoveram o VI Fórum Estadual de Museus que homenageou a memória de Taborda. (DUARTE, 2013 apud BERTOTTO, 2013, p. 36).

[...] primeira região museológica e o COREM, para não deixar de dar seguimento à política museológica que estava sendo formatada com tanto afinco e colaboração dos interessados [...] Houve palestras, comunicações, além das discussões de museus, arquivos e bibliotecas [...] Também me recordo de termos organizado homenagens a pessoas importantes da Museologia na época: Prof. Telmo Lauro Müller e aos descendentes do professor Tarcísio Taborda, que já era falecido e o filho veio representá-lo. (DUARTE, 2013 apud BERTOTTO, 2013, p. 36).

Assim, o SEM/RS desde sua criação, atua como um órgão que busca conectar pessoas e museus, valorizando a memória e a história como elementos fundantes da vida humana, mas também instituição que planeja e sistematiza a política pública, assessora tecnicamente, regionaliza o debate, incentiva as trocas e descentraliza as informações. As relações se dão entre as instituições museais e suas representações regionais, observando-se a possibilidade de uma atuação democrática e inclusiva.

Ao encerrar este capítulo é possível organizar um quadro sobre as ações e atuações de Tarcísio Taborda que dialogaram, posteriormente, com o que viria a ser a organização de uma política para museus regional.

Quadro 3 - Influências de Taborda no Pensamento Museológico Sul-Riograndense

Influências de Taborda no Pensamento Museológico Sul-Riograndense		
Período	Influência	Consequência
1970	Pequenos Cursos de Museus	Oficinas Museológicas
1971	Disciplina de Museologia no Curso de Estudos Sociais/URCAMP	Curso de Especialização em Museologia/PUCRS

Todas as edições	Encontros Sul-Riograndense de Museus	Fóruns Estaduais de Museus do Rio Grande do Sul
1975	Listagens de Museus	Guia Estadual de Museus do Rio Grande do Sul
1977	Encontro-77	Museu da Gravura Brasileira
1984	III Encontro Sul-Riograndense de Museus	Conselho Regional de Museologia
1984	III Encontro Sul-Riograndense de Museus	Associação Riograndense de Museus
1987	V Encontro Sul-Riograndense de Museus	Coordenação Estadual de Museus (CEM/RS)
1989	I Fórum Estadual de Museus	7 Regiões Museológicas do Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Notamos que a atuação de Taborda transbordou de sua Bagé para o estado do Rio Grande do Sul, para além do que sua figura trouxe grandes influências no pensamento e na consolidação de delineamentos e efetivações para fortalecer os profissionais, as instituições e os diálogos entre os atores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda teoria nasce de uma composição de conhecimentos expressados por pesquisas que forjam entendimentos e constroem saberes para um determinado assunto, contraponto, informação ou debate. Mas e qual aproximação seria possível entre o desenvolvimento de uma teoria/ciência e uma pesquisa histórica? O desvelar do real, esse elo, é o que permite a compreensão e o estabelecimento de um objeto de estudo, uma metodologia, um sistema e terminologias que permitem identificar uma reflexão sobre como são percebidas as realidades. Taborda (2015) indicava: “Quem anda as catas de “bastidores da história”, sempre encontra o que oferecer a seus leitores. Nunca falta um “antigo” que conte um caso com pormenores. Sempre há um amigo que tem documentos e os cede”. (TABORDA, 2015, p. 61).

A frase de Taborda, mostra a sua relação de pesquisa com o detalhamento dos fatos na interpretação da sua realidade regional a partir das narrativas ditas e não ditas na construção de seus possíveis cenários. A interpretação é um conceito - não diferente da 'experiência' - extremamente ambíguo e aberto a compreensões muito variadas. Esta abertura a significados constitui sua força e sua fraqueza: a liberdade de interpretação é justamente o que permite com que as culturas mobilizem novas ideias e práticas. (HELGUERA apud MESZAROS, 2011).

Cenários estes que traçamos correlacionado com a teoria museológica, principalmente a realizada por outra museóloga brasileira Rússio Guarnieri que entendemos apresentar questões semelhantes a pesquisa de Taborda.

Se Taborda não foi um teórico da Museologia como Rússio Guarnieri, que cunhou por meio da Sociologia, o fato museal, foi justamente por sua atuação tridimensional, conectado as áreas da educação, gestão e políticas públicas, e pelos muitos papéis que desempenhou tanto na coordenação de trabalhos, quanto de representação, que os espaços de construção do campo museal no Rio Grande do Sul se originaram.

Ainda assim, Taborda e Rússio Guarnieri se assemelham em suas trajetórias como as pesquisas e rotas acadêmicas e a causa pública a partir da gestão do patrimônio cultural nas cidades, do trabalho de pequenos e médios museus, a sociologia como ponto de encontro de uma formação para a museologia, entendendo o museu como espaço de transformação.

Contudo, Taborda tinha uma forma de pesquisa, uma visão estratégica da necessidade de desenvolvimento de campo da Museologia, uma leitura sobre os cenários e a realidade da história local e dos pequenos e médios museus, e essa expressão tornou-se característica e reconhecida ao se narrar, ao falar da sua Bagé, dos museus, das memórias e dos encontros que ele conseguia promover.

Neste contexto, Taborda é a presença articuladora que vai congregando os profissionais e os museus, num processo de escuta e troca de conhecimentos, que vai repensando a atuação e a forma como esses locais de salvaguarda e memória constituem-se e são compreendidos pela sociedade.

Desta maneira, é possível compreender a influência da ação/articulação de Taborda e suas consequências, o que foi gerado, o que foi possibilitado pensar e ser aprimorado por um setor que iniciava a sistematizar suas informações e compreendê-las como políticas públicas para museus. Daí denota-se o seu papel de mediador, dessa possibilidade de encontro dos diversos atores da cena cultural local, nacional e internacional, para pensar os museus para preservar locais e memórias, e que por estes caminhos se trilhou o surgimento de iniciativas que influenciaram na forma de pensar e fazer a Museologia no Estado.

Podemos caracterizar estas influências por ações e períodos, visando compreender essas consequências como os resultados, apontados no capítulo 4. Neste caso, em 1970, quando Taborda propõe e dialoga sobre Pequenos Cursos de Museus junto a instituições e universidades, este foi o início do que hoje é produzido com as Oficinas Museológicas que foram iniciadas no Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul.

A experiência de uma disciplina de Museologia no Curso de Ciências Sociais na FunBA é a expressão da visão estratégica de formação que veio a consolidar, décadas depois, no Curso de Especialização em Museologia na PUCRS. Na mesma medida, a forma e a apresentação dos conteúdos dos Encontros Sul-Riograndenses de Museus serviram de norte para o surgimento das primeiras edições dos Fóruns Estaduais de Museus, que foram previstos a partir da criação do SEM/RS.

As listagens de museus, produzidas em 1975, elaboradas por Neuza Silveira, indicando os dados de funcionamento das instituições, é muito similar aos Guias de Museus do Rio Grande do Sul, que tem três edições publicadas no Estado. Não

obstante, o II Encontro Sul-Riograndense de Museus, conhecido como o Encontro-77, foi o espaço de anúncio do surgimento do Museu da Gravura Brasileira, reunindo diversas obras sobre os artistas que criaram o grupo e são denominados, os Quatro de Bagé.

No III Encontro Sul-Riograndense de Museus, em 1984, se procedeu o debate da regulamentação da profissão de museólogo e da organização do setor, assim surgia o Conselho Regional de Museologia, com a participação da Associação Riograndense de Museus. O V Encontro Sul-Riograndense de Museus, contou com a presença da Coordenação Estadual de Museus, a qual foi apresentar os seus desafios e a configuração das primeiras ideias de uma política pública para o setor de museus no Rio Grande do Sul.

E, foi no II Fórum Estadual de Museus, realizado em Porto Alegre, na Casa de Cultura Mário Quintana, que se formatou o entendimento da criação das Sete Regiões Museológicas que viriam a compor a ideia de Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul, onde Tarcisio Taborda teve colaboração fundamental.

A pesquisa buscou demonstrar como Taborda influenciou a construção de políticas públicas e colaborou para a consolidação do Sistema Estadual de Museus, contribuindo, firmemente para a escrita da história da Museologia no Estado.

A partir do homem que narra a si - *homo narrans* – de forma explícita ou oculta, que teve importância fundamental em várias áreas correlatas: a educação, a cultura, as artes, as ciências e o âmbito jurídico. O personagem não poupou esforços em suas caminhadas e contatos, inscrevendo o nome de Bagé e do Rio Grande do Sul na Museologia nacional e internacional. O que aqui demonstramos, pela consulta a uma parcela de documentos analisados e de outros que ainda estão por ser pesquisados em instituições e arquivos pessoais, infere-se a importância e potência do assunto e da necessidade de uma historiografia da Museologia gaúcha.

Outras possibilidades ficam em aberto para novas pesquisas e investigações, tendo em consideração os inúmeros atores que operaram na composição e conformação deste campo em solo gaúcho, tais como: Barbosa Lessa, Maria Zulmira Mariano da Rocha, Evelyn Berg Ioschpe, Lyriss Schonell, Luiz Inácio Medeiros, Telmo Lauro Müller e Luiz Antônio de Assis Brasil, residentes no Rio Grande do Sul e dos profissionais de outros estados, como: Lourdes Maria do Rego

Novaes, Maria Célia Teixeira de Moura Santos e Maria Cristina de Oliveira Bruno, dentre tantos outros construtores da Museologia.

Pelas condições impostas pela pandemia, a pesquisa ora apresentada contou com dificuldades de acesso, razão pela qual também se optou pelo recorte temporal e pela pesquisa mais aprofundada na rica documentação dos Encontros Sul-Riograndenses de Museus. Ainda assim, registra-se que há fontes que estão inexploradas como os questionários que eram remetidos aos participantes, e que poderão servir para a captura de temas de seus interesses e avaliações desses encontros em futuras pesquisas.

Taborda intenta, a partir da sua atuação, demonstrar a importância do papel dos museus para a sociedade, como instituições de memória que salvaguardam a herança cultural da coletividade humana, que produz e se reproduz no mundo, escrevendo traços de lembranças, recordações e esquecimentos que são grafadas ao longo de territórios, lugares, cidades e caminhos construídos por tempos, períodos, momentos e datas de um episódio ou fato que constitui as trajetórias da ação humana.

Para o historiador de Bagé e o museólogo de tantos museus, a educação, a gestão e as políticas públicas foram os caminhos encontrados por Taborda, para que a memória seja sempre uma protagonista do seu tempo.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Biografia**: Gustavo Barroso. Rio de Janeiro, RJ, 2018. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/gustavo-barroso/biografia>. Acesso em: 10 jul. 2020.

ALENCAR, Ana Lúcia Hazin. **Estilo de Vida e Sociabilidade: Relações Entre Espaço, Percepções e Práticas de Lazer na Sociedade Contemporânea. Um estudo de caso em Gravatá, Pernambuco**. Tese de Doutorado Programa de Pós Graduação em Sociologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Sociologia - Recife, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9626/1/arquivo9193_1.pdf>. acesso em: 02 de abr. 2022.

ARQUIVO Pessoal Tarcísio Taborda, em posse da filha, Bartira Taborda. (Arquivos físicos).

ASSIS BRASIL. Luiz Antônio. **Escrever Ficção**: um manual de criação literária. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

BALBUENO, Luciana Haesbaert. A estética engajada da Revista Horizonte *In: Jornal do MARGS*, nº 74, novembro de 2001. Luciana é Jornalista, Mestre em letras pela PUCRS e Coordenadora do Acervo Literário Lila Ripoll do Centro Literário de Memória Literária da PUCRS.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. 1. ed. São Paulo, 1990.

BERTOTTO, Márcia Regina. **Entre o Paralelo 20 e o 30 – Analisando e Propondo Políticas Públicas Para Museus no Sul do Brasil**. 257f. Tese (Doutorado em Museologia) do Programa de Museologia da Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 2013.

BISSERA, Natália de Figueirêdo. **Memória da Associação Brasileira de Museologia (1963-1985)** - Contribuições para a institucionalização de um campo de atuação profissional. 165f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, 2017.

BOTELHO, Isaura. A política cultural e o plano das ideias. *In: RUBIM, A. A. C.; BARBALHO, A. (orgs.). Políticas culturais no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2007. pp. 109-132.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: DIFEL - Difusão Editorial Ltda, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. (org. Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983.

BRASIL. **Decreto Nº 91.775, de 15 de outubro de 1985**. Regulamenta a Lei nº 7.287, de 18 de dezembro de 1984, que dispõe sobre a profissão de Museólogo e autoriza a criação do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Museologia. Brasília, DF: Presidência da República, 1985.

BRASIL. **Decreto-lei Nº 25, de 30 de novembro de 1937**. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm. Acesso em: 10 set. 2021.

BRASIL. **Lei Nº 7.287, de 18 de dezembro de 1984**. Dispõe sobre a Regulamentação da Profissão de Museólogo. Brasília, DF: Presidência da República, 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7287.htm. Acesso em: 29 set. 2020.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, Comitê Brasileiro do ICOM, 2010. v. 2.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Waldisa: Um legado para sempre. *In*: CARVALHO, Luciana Menezes de; ESCUDERO, Sandra (Ed.) **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**. Buenos Aires: ICOFOM LAM, 2020. (Teoria Museológica Latinoamericana. Textos fundamentais, v. 3).

BURKE, Peter. **O Que é História Cultural?**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BURNHAM, Rika; KAI-KEE, Elliott. **A Arte de Ensinar no Museu**. Porto Alegre: 8 Bienal do Mercosul/ Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Leitores, telespectadores e internautas**. Barcelona: Gedisa, 2007.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Gestão de Museu, Um Desafio Contemporâneo: Diagnóstico Museológico e Planejamento**. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **O Museu e seus saberes**. Organização de Sheila Elias Vilela; Direção de Márcia Pires. Goiânia: Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte de Goiás (SEDUCE), 2018.

CARVALHO, Luciana Menezes de; ESCUDERO, Sandra (Ed.) **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**. Buenos Aires: ICOFOM LAM, 2020. (Teoria Museológica Latinoamericana. Textos fundamentais, v. 3).

CHACON, Alyanne de Freitas. RODRIGUES, Maria das Graças Soares. **A Responsabilidade Enunciativa e os Tipos de PDV nos Relatos de Viagem de Nísia Floresta**. Natal. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2012/arquivos/%C3%A1reas%20tem%C3%A1ticas/G%C3%Aaneros%20textuais/4-%20-%20Alyanne%20e%20Maria%20das%20Gra%C3%A7as%20-%20A%20RESPONSABILIDADE%20ENUNCIATIVA.pdf>. Acesso em 10 de mar. 2022.

CHAGAS, Mario. **A Imaginação Museal: Museu, Memória e Poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

CIDADE DE BAGÉ. **Tarcísio Taborda: Uma Ausência no Bicentenário**. Por Cláudio Falcão, Bagé: 15 jul. 2011. Disponível em: <http://cidadebage.blogspot.com/2011/07/tarcisio-taborda-uma-ausencia-no.html>. Acesso em: 19 nov. 2021.

CONSELHO REGIONAL DE MUSEOLOGIA – COREM 3ª Região/RS. **Arquivos**. Porto Alegre, 1985-1986. Disponível em: <https://www.corem3.org.br/>. Acesso em: 10 nov. 2021.

CONSELHO REGIONAL DE MUSEOLOGIA 2ª REGIÃO - COREM2R. **Linha do Tempo**. RJ, MG e ES, 2020. Disponível em: <https://corem2rblog.wordpress.com/linha-do-tempo/>. Acesso em: 10 nov. 2021.

CORREIO DO POVO. **Encontro de museus desperta inusitado interesse no país**. Porto Alegre: 1975, p. s/n. Acervo Físico: Museu Dom Diogo de Souza. (Acervo Dr. Tarcísio – Noticiário da imprensa de bagé sobre o historiador Tarcísio Taborda – 13/07/1923 a 24/09/1965 – 14/01/1971 a 21/12/1975).

CORREIO DO SUL. **Airton Vargas presidiu instalação do I Encontro de Museus em Bagé**. Bagé: 14 maio 1975b, p. 20. Acervo Físico: Tarcísio Taborda. (Acervo pessoal).

CORREIO DO SUL. **Carimbo Obliterador do Encontro de Museus**. Bagé. 11 maio 1975a, p. s/n. Acervo Físico: Tarcísio Taborda. (Acervo pessoal).

CORREIO DO SUL. **Diretor do Centro Nacional de Referência Cultural abriu ontem o II Encontro de Museus**. Bagé: 18 de outubro de 1977, p. 10. Acervo Físico: Tarcísio Taborda. (Acervo pessoal).

CORREIO DO SUL. **Ecos do Curso de Museologia**. Bagé: 04 jun. 1968. p. 6. Acervo Físico: Tarcísio Taborda. (Acervo pessoal).

CORREIO DO SUL. **III Encontro Sul-Riograndense de Museus Será Aberto na Quarta-feira**. Bagé.1982. p. s/n. Acervo Físico: Tarcísio Taborda. (Acervo pessoal).

CORREIO DO SUL. **Paraguai estará presente no II Encontro de Museus de Bagé**. Bagé: 1977, p. s/n. Acervo Físico: Tarcísio Taborda. (Acervo pessoal).

CORREIO DO SUL. **Pronunciamento do Diretor do CEC no Encontro Sul Riograndense de Museus**. Bagé: 21 de maio de 1975. p. s/n. Acervo Físico: Tarcísio Taborda. (Acervo pessoal).

CORREIO DO SUL. **Tarcísio Taborda**. O Nosso Historiador Maior. Bagé: 3 jul. 1988. p. 6. Acervo Físico: Museu Dom Diogo de Souza. (Acervo Dr. Tarcísio – Noticiário da imprensa de bagé sobre o historiador Tarcísio Taborda – 13/07/1923 a 24/09/1965 – 14/01/1971 a 21/12/1975).

CUNHA, Marcelo Bernardo da. **A Exposição Museológica Como Estratégia Comunicacional: O Tratamento Museológico da Herança Patrimônial**. UFBA/ULHT. Rio de Janeiro: Unigranrio, 2010.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Editores; Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury, tradução e comentários. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DIÁRIO MACABRO. **Homo Narrans**. [s./], 2020. Disponível em: <https://www.diariomacabro.com.br/post/homo-narrans>. Acesso em: 10 set. 2021.

DOSSE, François. A biografia à prova de identidade narrativa. **Revista Escritas do Tempo**, Marabá/PA, v. 2, n.4, mar-jun/2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1249>. Acesso em: 10 set. 2021.

DUARTE, Carine Silva. **Da cem ao sem: Memória e Trajetória do Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul**. 61f. Trabalho de Conclusão (Graduação em Museologia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Xilogravura**. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14335/xilogravura>. Acesso em: 11 jul. 2021.

FAGUNDES, Elizabeth; ISMÉRIO, Clarisse. *In*: PREFEITURA MUNICIPAL DE BAGÉ. **História**. Bagé, 2021. Disponível em: <https://www.bage.rs.gov.br/index.php/o-municipio/historia/>. Acesso em: 29 set. 2021.

FISHER, Walter. **Humann Communication as Narration: Towarda Philosophy os Reason, Value, and Action**. Columbia: University of South Carolina Press. 1987.

FONTES, Breno Augusto Souto Maior; STELZIG, Sabrina. Sobre **Trajetórias de Sociabilidade: A idéia de Relé Social Como Mecanismo Criador de Novas Redes Sociais**. Artigo. Revista Política e Sociedade. Edição nº 05, UFSC. 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FUNARJ. Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro. **Sobre a FUNARJ**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <http://www.funarj.rj.gov.br/sobre-a-funarj>. Acesso em: 29 set. 2021.

GAMA, Joel Santana da. **Sala Júlio de Castilhos e a Educação em Museus: significações entre os ambientes, os objetos e o discurso histórico**. 138f. Dissertação (Mestrado Profissional em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, 2015.

GIL, Ana Rita Limpo Franco. **O Lugar das Estórias nas Organizações?** 145f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Especialização de Comunicação, Organização e Liderança, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2014.

GOUVEIA, Inês Cardoso. **Waldísa Rússio e a Política no Campo Museológico**. Tese 375 p. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST/MCTIC. 2018.

GUARNIERI, O Legado Teórico de Waldisa Rússio para a Museologia Internacional. *In*: SARRAF, Viviane Panelli. **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**. Buenos Aires: ICOFOM LAM, 2020. pp. 26-28.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Um Legado Para Sempre. *In*: BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**. Buenos Aires: ICOFOM LAM, 2020. pp. 23-25

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Historiografia, Diversidade e História Oral: Questões Metodológicas. *In*: LAVERDI, Robson; FROTSCHER, Méri; DUARTE, Geni; MONTYSUMA, Marcos; MONTENEGRO, Antonio (Orgs.). **História Oral, Desigualdades e Diferenças**. Recife: UFPE/UFSC, 2012.

GUIMARÃES NETO. Regina Beatriz. Memória e Subjetividade em Relatos de Imigrantes Portugueses. *In*: LAVERDI, Robson; FROTSCHER, Méri; DUARTE, Geni; MONTYSUMA, Marcos; MONTENEGRO, Antonio (Orgs.). **História Oral, Desigualdades e Diferenças**. Recife: UFPE/UFSC, 2012.

HALBWACKS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HELGUERA, Pablo. Caderno de Mediação. *In*: BURNHAM, Rika. KAI-KEE, Elliott. **A Arte de Ensinar no Museu**. Porto Alegre: 8 Bienal do Mercosul/ Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

HELGUERA, Pablo. **Caderno de Mediação**. *In*: MESZAROS, Cheryl. **Isso é Evidência**: Perseguindo a Diabólica Interpretação do "Tanto Faz" de Cheryl de Meszaros. Porto Alegre: 8 Bienal do Mercosul/ Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

IBRAM. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018. 132p.

ICOM anuncia a definição alternativa de museu que será submetida a votação. *In*: IBERMUSEOS, [s.l.], 2019. Disponível em: <http://www.iber museos.org/pt/recursos/noticias/icom-anuncia-a-definicao-alternativa-de-museu-que-sera-submetida-a-votacao/>. Acesso em: 06 set. 2020.

ICOM. **Definição**: Museu. Portugal, 2015. Disponível em: <https://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/>. Acesso em: 06 set. 2020.

ICOMOS. **Carta de Burra**. Austrália, 1980. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Burra%201980.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2020.

IEB. Instituto de Estudos Brasileiros. **Waldisa Rússio**. Por DIFUSIEB, 2019. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/waldisa-russio-camargo-guarnieri/>. Acesso em: 10 nov. 2021.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **1970 a 2000**: surge o conceito mais abrangente de bem cultural. Brasília/DF, 2016. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/80anos/noticias/detalhes/3581/iphan-de-1970-a-2000-%E2%80%93-fase-%E2%80%93-modernista%E2%80%9D#:~:text=Sob%20a%20presid%C3%A2ncia%20de%20Figueiredo>

20de%20Alo%C3%ADsio,an%C3%A1lise%20da%20din%C3%A2mica%20cultural%20brasileira. Acesso em: 05 out. 2020.

JORNAL DA MANHÃ. **O Recado**. Bagé. 23 de agosto de 1951. Acervo: Museu Dom Diogo de Souza. (Acervos arqueológicos).

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da Pesquisa Um Guia Prático**. Itabuna: Via Literarum, 2010.

KONRAD, Diorge Alceno; LAMEIRA, Rafael Fantinel. Campanha da Legalidade, Luta de Classes e Golpe de Estado no Rio Grande do Sul (1961 – 1964). Porto Alegre. **Revista de Pós Graduação em História**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Anos 90. v. 18, n. 33, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/23249/18242>. Acesso em: 26 set. 2020.

LAART. **O Que é Gravura**. Por Agencia Papoca, 2019. Disponível em: laart.art.br/blog/o-que-e-gravura/. Acesso em: 10 jul. 2021.

LAART. **O Que é Litogravura**. Por Agencia Papoca, 2019. Disponível em: <https://laart.art.br/blog/o-que-e-litogravura/>. Acesso em: 10 jul. 2021.

LE GOFF, Jacques. **A história deve ser dividida em pedaços?** São Paulo: UNESP, 2015.

LEAL. Nóris Mara Pacheco Martins. **A trajetória de uma construção patrimonial: um museu para a tradição doceira de Pelotas**. São Paulo: Dialética, 2021.

LEGROS, Patrick; MONNEYRON, Frédérick; RENARD, Jean-Bruno; TACUSSEL, Patrick. **Sociologia do Imaginário**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

MAPIO. **Museu Dom Diogo de Souza** - Bagé RS. Disponível em: <https://mapio.net/pic/p-103569059/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

MESZAROS, Cheryl. **Isso é Evidência: Perseguindo a Diabólica Interpretação do "Tanto Faz" de Cheryl de Meszaros**. Porto Alegre: 8 Bienal do Mercosul/ Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **Travessias e Desafios**. In: LAVERDI, Robson [et al.]. História oral, desigualdades e diferenças. Recife: UFPE/UFSC, 2012.

MORIN, Edgar. **Os Setes Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MORO, Fernanda. **O Museu Como Atelier da História**. Acervo Físico: Museu Dom Diogo, folha datilografada, 1984.

MOUTINHO, Mário Canova. Sobre o conceito de Museologia Social. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 1, n. 1, 1993. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/18>. Acesso em: 02 out. 2020.

MUSEU da Gravura Brasileira - FAT – Urcamp (Rio Grande do Sul). **Foto de perfil Facebook**. Bagé, RS: 18 maio 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/museugravurabrasileira/photos/a.101841108213142/101865158210737/?type=3&theater>. Acesso em: 02 out. 2020.

MUSEU DOM DIOGO DE SOUZA. **Diário de Taborda**. Acervo Físico: Encontros Sul-Riograndense de Museus, manuscritos, 1987. (Acervo Dr. Tarcísio – Noticiário da imprensa de bagé sobre o historiador Tarcísio Taborda – 13/07/1923 a 24/09/1965 – 14/01/1971 a 21/12/1975).

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. **A História**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://mhn.museus.gov.br/index.php/o-museu/>. Acesso em: 24 jun. 2020.

NASCIMENTO JUNIOR, José do. **De João a Luiz: 200 Anos da Política Museal no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2021.

NASCIMENTO JUNIOR, José do. **De João a Luiz: 200 Anos de Política Museal no Brasil**. 269f. Tese (Doutorado Museologia e Patrimônio) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST/MCTIC, Rio de Janeiro, 2019.

PATRIMÔNIO CULTURAL JACAREHY. Biografia de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri - Mentora do Projeto do Museu de Antropologia do Vale do Paraíba. In: PAPER, Cesira. **Instituto de Estudos Brasileiros**, Universidade Federal de São Paulo, 2010. Disponível em: <http://patrimonioculturajacarehy.blogspot.com/2010/05/biografia-de-waldisa-russio-camargo.html>. Acesso em: 11 jul. 2020.

PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. **Museologia Deocolonial: os Pontos de Memória e a insurgência do fazer museal**. 332f. Tese (Doutorado em Museologia) - Programa de Museologia da Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2018.

PESAVENTO, Sandra Jathay. História & literatura: uma velha-nova história. Nuevo mundo mundos nuevos, **Debates**, 2006, [em línea], Puesto em línea el 28 janvier

2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>. Acesso em: 25 set. 2020.

PINACOTECA BARÃO DE SANTO ÂNGELO. **Técnica Linoleogravura**. Porto Alegre, 2020. Disponível em: https://www.ufrgs.br/acervopbsa/tecnica/linoleogravura/?view_mode=masonry&perpage=12&paged=1&order=DESC&orderby=date&fetch_only=thumbnail%2Ccreation_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch_only_meta=&taxquery%5B0%5D%5Btaxonomy%5D=tnc_tax_21&taxquery%5B0%5D%5Bterms%5D%5B0%5D=391&taxquery%5B0%5D%5Bcompare%5D=IN. Acesso em: 12 jul. 2021.

PLATAFORMA LATTES/CNPQ. **Currículo**: Fernanda Camargo Almeida Moro. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2570119996484232>. Acesso em: 12 jun. 2020.

PODCAST Patrimônios Capilés: ep. 2 - Patrimônio Cultural e Urbanismos: Desafios e Novas Perspectivas. Entrevistado: Adalberto Heck. Coordenação de Patrimônio Cultural de São Leopoldo, São Leopoldo: 15 maio 2021. *Podcast*. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/3e2d0BTAYtLraqpQV4sLHJ?si=tCNj-L0xSRa5qMCiU77oGA&utm_source=whatsapp&nd=1. Acesso em: 22 ago. 2021.

POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS. **Políticas do setor museal**. Ministério do Turismo, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/politicas-do-setor-museal>. Acesso em: 12 jun. 2020.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. *In*: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. (Memória-História, v. 1). pp. 51-86.

QUADROS, Ana Lúcia Pereira Ferreira de. **Gravuras na Campanha**: Um Estudo Sobre a Criação do Museu da Gravura Brasileira, Bagé-RS. 153f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. A memória, a história e as instituições da memória. **Revista de Humanidades**, Fortaleza, v. 18, n. 1, p. 5-8, jan./jun. 2005. Disponível em: http://www.corredordelasideas.org/docs/intervenciones/eloisahelena_capovilla.rtf. Acesso em: 12 set. 2020.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. São Leopoldo pelo olhar dos viajantes: 1834-1906. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 38, supl., p. 240-252, nov. 2012. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/12470/pdf_45. Acesso em: 06 set. 2020.

REPENSANDO MUSEUS. **Debates Sobre a Definição de Museu** - Conferência Geral do ICOM, nov. 2019. Disponível em: <http://repensandomuseus.blogspot.com/2019/11/debates-sobre-definicao-de-museu.html>. Acesso em: 06 set. 2020.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas, SP: Unicamp, 2010.

RIO GRANDE DO SUL. **Conclusões do II Fórum Estadual de Museus**, 1989b. 2 p.

RIO GRANDE DO SUL. **Diretrizes Para o Sistema Estadual de Museus/RS**. Casa de Cultura Mário Quintana, 1999, 1p.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação e Cultura. Subsecretaria de Cultura. **Portaria Interna nº 001/86**, 1986a.

RIO GRANDE DO SUL. Sistema Estadual de Museus. **Reunião Ordinária do Sistema Estadual de Museus**. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Ata nº 5. Porto Alegre, RS, 1992a.

RODRIGUES, Ana Ramos; FORMOLO, D. Tecendo diálogos através das rodas de memória. *In*: Ana Maria Dalla Zen. (Org.). **Aulas de Museu**. 1. ed. Porto Alegre: 2016.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. BARBALHO, Alexandre. Políticas Culturais no Brasil. *In*: BOTELHO, Isaura. **A Política Cultural e o Plano de Ideias**. Salvador: EDUFBA, 2013.

RÚSSIO, Waldisa. **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: Textos e Contextos de Uma Trajetória Profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010. v. 1.

SANTOS JUNIOR, Roberto Fernandes dos. **Por uma “Museologia da Libertação”**: Impactos do Pensamento de Hugues de Varine no Campo Museal Brasileiro. 157f. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Programa de Pós-graduação em Museologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Bahia. 2019.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A Escrita do Passado em Museus Históricos**. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN, 2006.

SCHEINER, Tereza. As Bases Ontológicas do Museu e da Museologia. *In*: **Simpósio Museologia, Filosofia e Identidade na América Latina e Caribe**. ICOFOM LAM, Coro: Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, 1999. pp. 133- 164.

SCHONELL, Lyryss. **Registro de obras de acervo** – Manual de Serviço. MARGS 1984, folha datilografada. (Arquivo físico).

SEM/RS. **Breve Estudos**: Museus RS. Porto Alegre: Edijuc. 2014.

SEM/RS. **Guia de Museus do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

SEM/RS. **Tarcísio Taborda, Um Nome a Ser Lembrado!**. Por Joel Santana da Gama, 2011. Disponível em: <http://www.sistemademuseus.rs.gov.br/artigos/>. Acesso: 05 out. 2020.

SILVEIRA, Neusa Vaz. **Circular n.º 1/82**. III Encontro Sul-Riograndense de Museus. Bagé: 09 mar. 1982. (Acervo Museu Dom Diogo de Souza – folha datilografada).

SILVEIRA, Neusa Vaz. **Currículo**. Acervo físico: Museu Dom Diogo de Souza, folha datilografada. Bagé/RS, 1984.

SILVEIRA, Neusa Vaz. **Listagens de Museus**. Acervo físico: Museu Dom Diogo de Souza, folha datilografada. Bagé/RS, 1975. (Acervo Dr. Tarcísio – Noticiário da imprensa de bagé sobre o historiador Tarcísio Taborda – 13/07/1923 a 24/09/1965 – 14/01/1971 a 21/12/1975).

SILVEIRA, Neusa Vaz. Material faz parte do encarte do I Encontro Sul-Riograndense de Museus – Acervo pessoal de Tarcísio Taborda, em posse da filha, Bartira Taborda.

SIQUEIRA, Graciele Karine. **O Curso de Museus** – MHN, 1932-1978 o Perfil Acadêmico-profissional. 178f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT, Rio de Janeiro, 2009.

STRÁNSKY, Zbynek Z. Sobre o Tema “Museologia – ciência ou apenas trabalho prático. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** – PPG-PMUS Unirio, MAST. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus> Acesso em: 05 jul. 2020.

TABORDA, Tarcísio Antônio Costa. **Bagé de ontem e de hoje**: coletânea de artigos publicados na imprensa (1939/1994). Elida Hernandez Garcia (coord.). Bagé: Edurcamp, 2015.

TABORDA, Tarcísio Antônio Costa. **Bagé de Sempre** - Resumo Histórico. Bagé: Centro de Comunicações/FunBA, 1981.

TABORDA, Tarcísio Antonio Costa. **Diário de Taborda**. Manuscrito, Acervo Físico: Museu Dom Diogo de Souza. Bagé. 1974. (Acervo Dr. Tarcísio – Noticiário da imprensa de bagé sobre o historiador Tarcísio Taborda – 13/07/1923 a 24/09/1965 – 14/01/1971 a 21/12/1975).

TABORDA, Tarcísio Antonio Costa. **Manuscritos**. Acervo Físico: Museu Dom Diogo de Souza. Bagé, 1984.

TABORDA, Tarcísio Antônio da Costa. **Discurso de Posse Como Diretor do Departamento de Cultura da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo do Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: 1981. Folha datilografada. (Acervos arqueológicos).

URCAMP. **Museu Dom Diogo de Souza** – FAT/URCAMP. Disponível em: <https://www.urcamp.tche.br/acao-comunitaria/museus/museu-dom-diogo-de-souza-faturcamp>. Acesso em: 24 jun. 2021.

APÊNDICE A - A CRONOLOGIA DE TABORDA

Ano	Instituição	Evento e Publicações	Observação
1946	Fundação do Círculo Cultural Dom Aquino Corrêa em Bagé		Presidente (1948)
1946	Participa da União Bageense de Estudantes Secundários		Tesoureiro
1948	Participa da Imprensa Universitária Brasileira – Núcleo do RGS		Presidente (1948)
1948	Membro do Instituto Genealógico Brasileiro em São Paulo		
1948	Participa do Centro Acadêmico Ferreira Vianna - Faculdade de Direito de Pelotas (UFRGS)		Secretário
1948		Proferiu a Conferência: O Forte de Santa Tecla e as Fronteiras do Sul	Local: Círculo Cultural Dom Aquino - Bagé
1949	Fundação A Toga em Bagé		Órgão dos Estudantes da Faculdade de Direito (UFRGS)
1949		Proferiu a Conferência: O Forte de Santa Tecla e as Fronteiras do Sul	Local: Grêmio Universitário Tobias Barreto – Porto Alegre
1949		Conquistou o Prêmio Eduardo Vianna pela Federação Riograndense de Amadores Teatrais	Prêmio: Melhor Coadjuvante Masculino
1950	Membro do Instituto Nacional San Martiniano em Buenos Aires/Argentina		
1950		Proferiu a Conferência: O Tratado de Madri	Local: Colégio Estadual de Quaraí
31/12/1951 a 01/01/1955	Eleito Vereador na Câmara Municipal de Bagé		

(Continua)

Ano	Instituição	Evento e Publicações	Observação
19/12/1952		Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais (UFRGS)	Professor de Cultura Brasileira; História Regional e Museologia na Faculdade Católica de Filosofia, Ciências e Letras de Bagé Professor de Direito Constitucional e Introdução à Ciência do Direito na Faculdade de Direito de Bagé
1952		Proferiu a Conferência: Silveira Martins	Local: Câmara Municipal de Bagé
1953		Proferiu a Conferência: O Sindicalismo e a Doutrina Social da Igreja	Local: Centro Social Católico - Bagé
1954	Participa da Sub-Seção da Ordem dos Advogados do Brasil em Bagé		Tesoureiro
1954		Proferiu a Conferência: A Bandeira Farroupilha	Local: Câmara Municipal de Bagé
1954		Publicou: Santa Tecla na História da Conquista do Rio Grande do Sul	
1954		Proferiu a Conferência: O Papa, Chefe Infalível	Local: Centro Social Católico - Bagé
1954		Proferiu a Conferência: Sociedade e Política	Local: Congresso de Estudantes Secundários de Bagé
1955	Participa do Núcleo da Liga de Defesa Nacional em Bagé		Delegado
1955	Participa da Associação de Juizes do Rio Grande do Sul em Porto Alegre		
1955		Organizou o Congresso de História de Bagé	
1955		Proferiu a Conferência: A Fundação e o Fundador de Bagé	Local: Circulo Bageense - Porto Alegre
1955	Fundação do Museu Dom Diogo de Souza em Bagé		

Ano	Instituição	Evento e Publicações	Observação
1955		Organizou as Celebrações do Bicentenário de Dom Diogo de Souza em Bagé	
05/11/1955		Condecorado com a Medalha Cultural Imperatriz Leopoldina concedida pelo IHGSP (São Paulo)	
1956	Participa Sociedade Portuguesa de Beneficência de Bagé		Presidente
1956		Proferiu a Conferência: Sepé Tiaraju	Local: Centro Cultural Leonel Franca - Bagé
1956		Proferiu a Conferência: Aspectos da Vida do Duque de Caxias	Local: Círculo de Países e Mestres do Colégio Estadual de Bagé
03/01/1957		Condecorado com a Medalha do Mérito Santos Dumont concedida pelo Ministério da Aeronáutica (Rio de Janeiro)	
1957		Proferiu a Conferência: Rendição de Santa Tecla	3º R.A. 75 CAV. Bagé
1957		Proferiu a Conferência: Salzano Vieira da Cunha	Local: Escola Norma Espírito Santo - Bagé
1957	Participa da Associação Brasileira de Magistrados no Rio de Janeiro		
1957	Representa o Museu Imperial no Rio Grande do Sul		
1957	Membro do ICOM - International Council of Museums em Paris/França		
1958		Publicou: Bagé – A Cidade Sonho (Antologia)	
1959		Proferiu a Conferência: Fundação de Bagé	Celebrações do 1º Centenário de Bagé
1959		Proferiu a Conferência: História Militar de Bagé	3º RCMEC – Ciclo de Conferências Culturais para a Guarnição (oficiais) de Bagé
1960	Participa da Vila		Presidente

	Vicentina da Sociedade de São Vicente de Paulo em Bagé		
Ano	Instituição	Evento e Publicações	Observação
1960	Membro do Instituto de Estudos Genealógico do Rio Grande do Sul em Porto Alegre		
1960		Proferiu a Conferência: O Infante D. Henrique e a Escola de Sagres	Local: Faculdade Católica de Filosofia, Ciências e Letras de Bagé
1961	Participa da Faculdade Católica de Filosofia, Ciências e Letras de Bagé		Vice-Diretor
1961		Organizou as Celebrações do Sesquicentenário da Fundação de Bagé	
1961	Membro da Academia de Letras da Fronteira Oeste em Uruguaiana		
1961		Organizou a Semana de Estudos Históricos de Bagé	
1961		Proferiu a Conferência: Vida do Fundador de Bagé	Semana de Estudos Históricos de Bagé
1961	Membro da Sociedade Numismática Brasileira em São Paulo		
1961		Proferiu a Conferência: Militares na História de Bagé	3º RCMEC – Ciclo de Conferências Culturais para a Guarnição (oficiais) de Bagé
1962	Participa da Associação dos Professores Universitários de História em Porto Alegre		Conselheiro
1962	Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul em Porto Alegre		
18/05/1962		Condecorado com a Medalha do Pacificador concedida pelo Ministério da Guerra (Brasília)	

Ano	Instituição	Evento e Publicações	Observação
1962		Proferiu a Conferência: Caxias, o Pacificador	Local: Escola Santo Antonio – Para oficiais e praças da Guarnição de Bagé
1962	Membro da Academia de Letras “José de Alencar” em Curitiba		
1962		Proferiu a Conferência: Dom Diogo de Souza	Local: Escola Normal Dom Diogo de Souza – Porto Alegre
1963	Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Uruguaiana		
1963		Publicou: Anais de Bagé - Coletânea de Trabalhos Sobre a História de Bagé	
1964		Proferiu a Conferência: Bagé e o Duque de Caxias	Local: Teatro Avenida – para oficiais e graduados da Guarnição de Bagé
1964		Proferiu a Conferência: O Início da Guerra do Paraguai	Local: Teatro Avenida – para oficiais da Guarnição de Bagé
1964		Proferiu a Conferência: Elogio de Dom Diogo de Souza	Conferência de posse no IHRGS – Porto Alegre
1965		Publicou: Governos e Governantes de Bagé	
1965		Proferiu a Conferência: Aspectos de Dom Diogo de Souza	Aula Inaugural na Escola Normal Dom Diogo de Souza – Porto Alegre
1965		Curso História de Bagé	Série de 10 aulas em curso intensivo na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bagé
1966		Publicou: Dom Diogo de Souza	
1969		Conquistou o Prêmio Personalidade de Destaque Concedido pelos órgãos de imprensa de Bagé	
1970	Fundação Attila Taborda em Bagé		Vice-Presidente

Ano	Instituição	Evento e Publicações	Observação
1970		Publicou: Invasão Argentina em 1827	
1970	Membro da Academia Bageense de Letras		
1970	Fundação do Museu Patrício Corrêa da Camara em Bagé		
1972		Conquistou o Prêmio de Personalidade do Ano na Categoria: Educação e Cultura concedido pelos órgãos de imprensa de Bagé	
22/07/1974 à 14/03/1979	Nomeado Membro do Conselho Estadual de Cultura do RS		
14 a 17/05/75		1º Encontro Sul Rio-Grandense de Museus em Bagé	Comemoração dos 20 anos do Museu Dom Diogo de Souza
17 a 21/10/1977		2º Encontro Sul Rio-Grandense de Museus em Bagé	Os 4 do Grupo de Bagé: Scliar, Glênio, Danúbio e Gláuco - Fundaram o Museu da Gravura Brasileira
16/09/81	Nomeado Diretor do Departamento de Cultura do RS		
1981		Cria a 2ª Comissão Especial para realizar o I Encontro de Conselhos Municipais de Cultura e afins	
1982		3º Encontro Sul Rio-Grandense de Museus em Bagé	
21 a 24/10/1984		4º Encontro Sul Rio-Grandense de Museus em Bagé	
18/12/1984		Lei do Museólogo	
06/06/1985	Fundação da Associação Riograndense de Museologia		Presidente: Tarcísio Taborda
09/12/1985	Criação do Conselho Regional de Museologia - 3ª Região		Listagem e organização da documentação dos profissionais

Ano	Instituição	Evento e Publicações	Observação
13/08/1986		Eleição da primeira Diretoria do Conselho Regional de Museologia - 3º Região	provisionados Vice-Presidente: Tarcísio Tabora
1989		1º Fórum Estadual de Museus do RS em Taquara	VERIFICAR PARTICIPAÇÃO
29 a 30/08/1990		1º Encontro Latino Americano de Museus de Antropologia e História do Cone Sul em Ijuí	VERIFICAR PARTICIPAÇÃO
09 a 11/11/1990		Fórum Internacional de Museus das Regiões Luso-brasileiras em Bagé	
28 a 29/05/1993		Oficina: Museu Tradicional e Nova Museologia Organização: Associação Rio Grandense de Museologia Local: URCAMP/Bagé	Participantes: - Mário Chagas - Graziela Batallán (Buenos Ayres)
29/11/1993 a 03/12/1993		Curso de Técnicas Básicas de Museologia – Santa Maria Organização: Associação Rio Grandense de Museologia Local: Santa Maria	
2008		Recebeu (<i>in memoriam</i>) a Medalha do Mérito Museológico conferida pelo Conselho Federal de Museologia	
GERAL	Correspondente de Assuntos Históricos dos seguintes Jornais: - Correio do Sul (Bagé) - Correio do Povo (Porto Alegre) - Jornal O Dia (Porto Alegre) - Revista Militar Brasileira (Guanabara)		

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de informações do Instituto Histórico e Geográfico do RS, 2021.

ANEXO A - QUADRO COM LISTAGENS DE MUSEUS

Quadro 4 - Listagens de Museus - Endereço dos Museus do Rio Grande do Sul

Museu Dom Diogo de Souza – Diretor: Tarcísio Antonio Costa Taborda, Av. Emílio Guidain 750 – Caixa Postal 318, 96.400 – Bagé
Museu Patrício Correa da Câmara , Parque do Forte de Santa Tecla – Caixa Postal 318, 96400 – Bagé
Museu Municipal de Caxias do Sul , Diretora: Maria Clairy Frigeri Horn, Rua Visconde de Pelotas s/n, 95100 – Caxias do Sul
Museu Tradicionalista Aristides Germani , Bibliotecária: Silvia Artico, Bairro: Imigrante – BR116, 95100 – Caxias do Sul
Museu Municipal “Casa de Érico Veríssimo” , Diretor: Rubens Dario Soares, General Osório 380 – 98100 – Cruz Alta
Museu Assis Brasil , Diretor: Delizio Freire, Rua 7 de Setembro 917, 96450 – Dom Pedrito
Museu Paulo Firpo , Diretora: Suzana da Silva Correa, Bernardino Angelo, Esquina Borges de Medeiros, 96450 – Dom Pedrito
Museu “Casal Moschetti” , Diretora: Marisa Brambilla, Prefeitura Municipal de Farroupilha, 95180 – Farroupilha
Museu Antropológico “Diretor Pestana” , Diretor: Jaime Luiz Callai, Rua São Francisco 509 – Caixa Postal 158, 98700 – Ijuí
Museu Alfredo Varella , Rua Marechal Deodoro s/n, 96300 – Jaguarão
Museu do Colégio Evangélico de Panambi , Diretor: Eugen Leitzke, Rua Alfredo Brenner 320- Caixa Postal 105, 98280 – Panambi
Museu da Biblioteca Pública Pelotense , Diretor: Henrique Carlos de Moraes, Praça Coronel Pedro Osório 103, 96100 – Pelotas
Museu de Arte da Universidade Federal de Pelotas (hoje Leopoldo Gotuzzo) , Diretora: Heloísa Assumpção Plínio do Nascimento, Rua Barão do Butuí 345, 96100 – Pelotas
Museu Histórico Farroupilha , Diretor: Adão Amaral, Rua Coronel Manoel Pedroso 79 – Piratini
Museu Anchieta , Diretor: Fernando R. Meyer, Avenida Nilo Peçanha 1521, 90000 - Porto Alegre
Museu de Arte do Rio Grande do Sul , Diretor: Plínio César Bernhardt, Avenida Senador Salgado Filho 233 – 1º andar, 90000 – Porto Alegre
Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do RS , Diretora: Jocelia Grazia Vieira, Rua Coronel Vicente 281 – 5º Andar, 90000 – Porto Alegre
Museu Julio de Castilhos , Joaquim Carlos de Moraes, Rua Duque de Caxias 1231, 90000 – Porto Alegre

Museu da VARIG , Rua 18 de Novembro 800, 90000 – Porto Alegre
Museu Oceanográfico de Rio Grande , Diretor: Eliezer de Carvalho Rios, Rua Walter R. Lages, 210 (Terrapleno Noroeste) – Caixa Postal 379, 96200 – Rio Grande
Museu Histórico Barão de Santo Ângelo , Rua Andrade Neves s/n, 96640 – Rio Pardo
Museu Ornitológico , Estação Ramiz Galvão, 96640 – Rio Pardo
Museu de Arte Sacra , Capela de São Francisco, 96640 – Rio Pardo
Museu do Colégio Mauá , Diretor: Hardy Elmiro Martin, Rua Marechal Floriano 274 – Caixa Postal 68, 96800 – Santa Cruz do Sul
Museu Vicente Palotti , Diretor: José Pivetta, Avenida Presidente Vargas 115, 97100 – Santa Maria
Museu Educativo Gama D'Eça , Diretora: Maria Mariano da Rocha, Universidade Federal de Santa Maria, Cidade Universitária – Camobi, 97100 – Santa Maria
Museu Victor Besrsani , Diretor: Hosrt Oscar Lippold, Rua Venâncio Aires 1934, 97100 – Santa Maria
Biblioteca e Museu Municipal Tancredo de Mello , Diretora: Roberta A. Amarillo, 96230 – Santa Vitória do Palmar
Museu Municipal David Canabarro , Diretor: Ivo Caggiani, 97570 – Santana do Livramento
Museu Folha Popular , Diretor: Ivo Caggiani, Rua Irmão Lino de Azevedo 200, Vila Dr. Nery – Bairro do Registro – Caixa Postal 299, 97750 – Santana do Livramento
Museu das Missões ; Ruínas de São Miguel, 98.800 – Santo Ângelo
Museu da Prefeitura Municipal de São Borja , Travessa Albino Pfeiffer 49, 97670 – São Borja
Museu João Pedro Nunes , Diretora: Izabel Nunes Paulo, 97300 – São Gabriel
Museu Histórico Visconde de São Leopoldo , Diretor: Telmo Lauro Müller, Rua Independência 111, 93000 – São Leopoldo
Museu de Arqueologia do Rio Grande do Sul , Caixa Postal 49, 95500 – Taquara
Museu Marechal Osório , Diretor: Egeo Correa da Silva Freitas, Parque Histórico Mar. EX. Manoel Luiz Osório, 95590 – Tramandaí
Museu Farroupilha , Rua Assis Brasil s/n, 95840 – Triunfo

Fonte: Organizado por Neusa Vaz Silveira, 1975.

Quadro 5 - Museus em Organização

Museu do Imigrante , 97500 – Bento Gonçalves
Fundação Dr. Carlos Barbosa Gonçalves , Rua 15 de Novembro 642, 96300 – Jaguarão
Museu de Passo Fundo , 99100 – Passo Fundo
Museu da Academia de Polícia Militar , 90000 – Porto Alegre
Museu Municipal Vicente Cardoso , 98900 – Santa Rosa
Museu Municipal de Uruguaiana , Rua Santana esquina Duque de Caxias, 97500 – Uruguaiana

Fonte: Organizado por Neusa Vaz Silveira, 1975.

Quadro 6 - Museus que foram criados e deixaram de existir

Museu de Arte Sacra , Catedral Metropolitana, 90000 – Porto Alegre
Museu de Armas Arlindo Zatti (Transferido para Brasília)
Museu do Folclore , Secretaria de Educação e Cultura, 90000 – Porto Alegre
Museu de Material Topográfico 1º D. L. , 90000 – Porto Alegre
Museu Histórico Religioso, Catedral de São Pedro , 96200 – Rio Grande

Fonte: Organizado por Neusa Vaz Silveira, 1975.